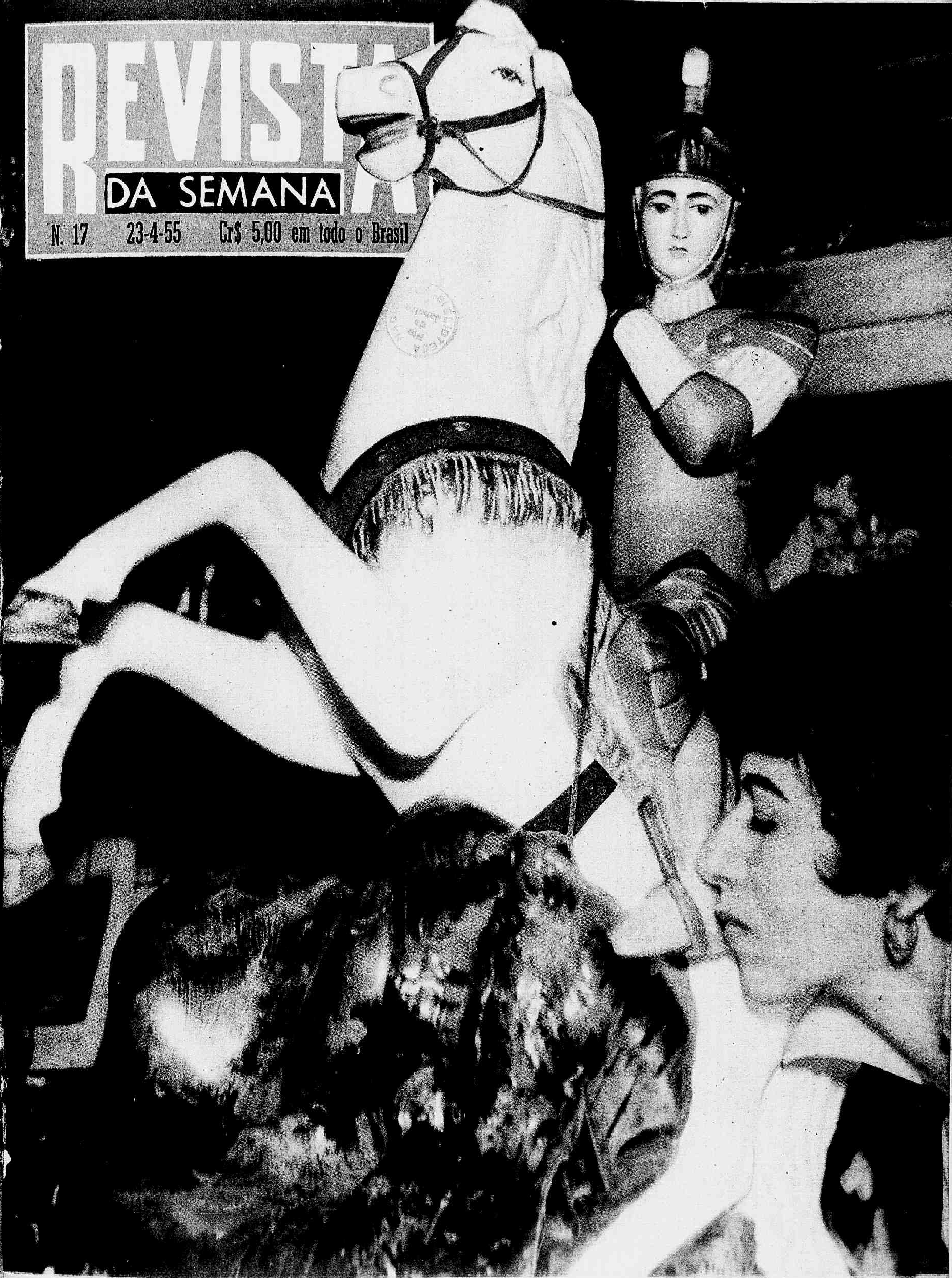
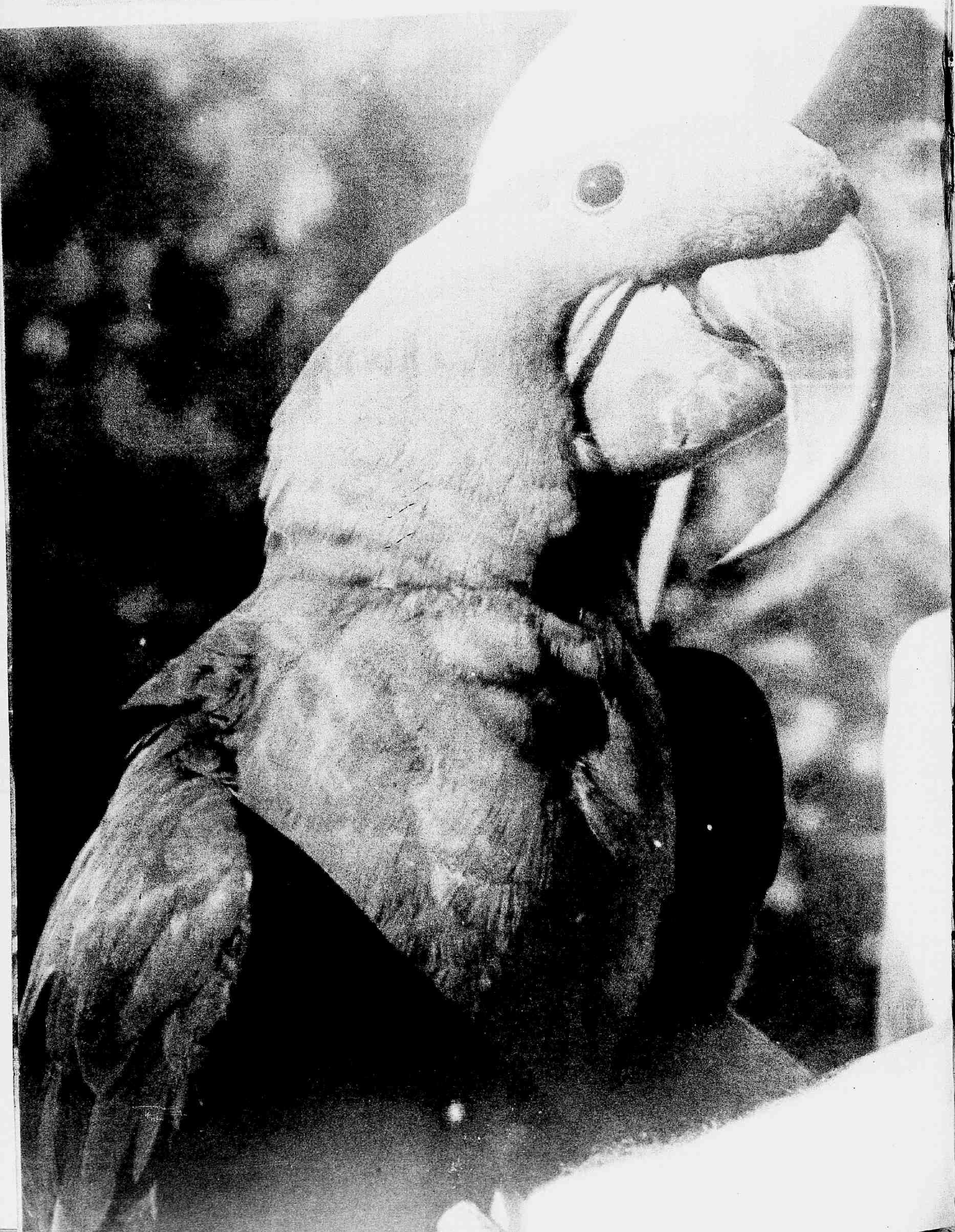


EM S. PAULO: UM ESCÂNDALO DE 400 ANOS

SÃO JORGE, O SANTO DE TÔDA GENTE

Enquanto a gente não se entende:

OS BICHOS SE



ENTENDEM ATÉ COM A GENTE



Têxto de PEDRO BLOCH

Fotos de ALBERTO FERREIRA

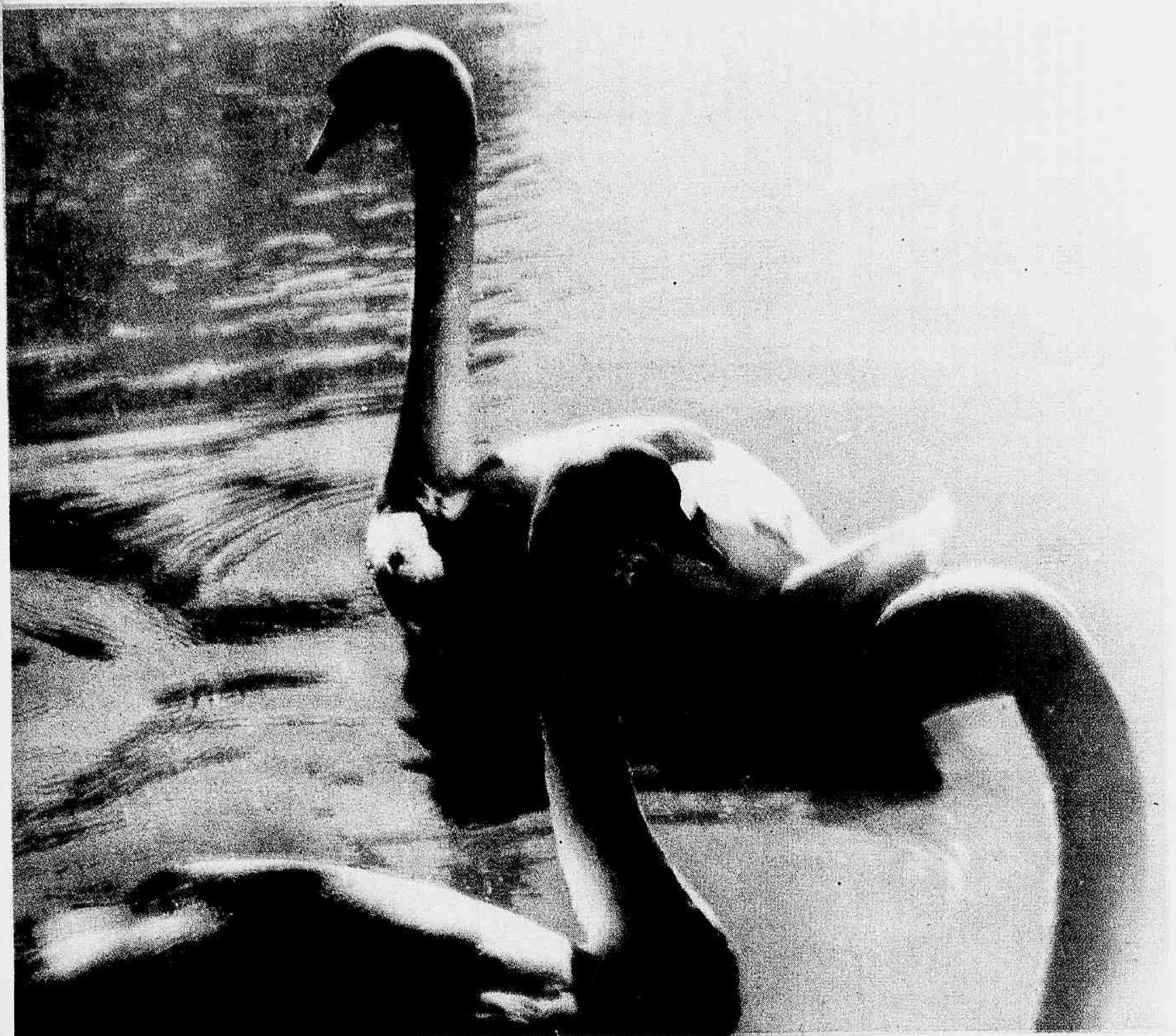
JURO. Conheci um prêto-velho do interior que falava com bichos. Minto. Ainda fala. Ou por outra: — fala mas fala calado. Se entende com êles pelo olhar. Só vendo! Um gesto, um jeito, um esperanto mudo.

Meninos, eu vi! Ver disco-voador já não é vantagem. Vantagem é ver, num mundo em que gente não se entende com gente, gente se entendendo com bicho. Passarinho que chegasse perto de João Manequinha (é o nome) tinha que entender e se não entendesse é porque não era passarinho, com certeza, nem outro bicho qualquer. Chegava até a fazer trocar de bem passarinho amuado com outro. Fazia que não entendia aquêles repentes e tudo harmonizava. Seu gesto manso não espantava azulão nem beija-flor, passarinho histérico com mania de helicóptero. Falava com tudo que era bicho, seu! Coisa da gente arregalar os olhos e não acreditar.

Pombos de S. Marcos, em Veneza, é que compreende bem fala de gente. E' só o infeliz se aproximar da vendedora de milho com uma nota de cem liras na mão e êles atacam. Pombo treinado com turista. Puxando um lenço não dão confiança. Tem que ser lira mesmo que êles conhecem. Quando contei isto à própria gente de S. Marcos ninguém acreditou. Pensaram que era fantasia de brasileiro selvagem. Mas renderam-se ao argumento: — por que é que pombo há de reconhecer milho e não há de reconhecer lira, se não vive vendo outra coisa?! Mas — como eu ia contando — mal a gente compra o milho, os pombos de S. Marcos cobrem o infeliz dos pés à cabeça e ficam falando, enchendo a cabeça da gente com mais pedidos de milho, numa chantage alada, fazendo-nos sentir meio S. Francisco de Assis e meio turista-imbecil. São notáveis! Só não digo que êles conhecem o «traveller check» porque ninguém acreditaria. Então — nada feito.

Mas conversar com pombo de São Marcos não é vantagem. Basta ter o milho — dinheiro ou o milho — milho mesmo. Ficar de braço estendido em Capri, na vila de S. Michele, também não tem graça, não. Passarinho pousa no sujeito porque o sujeito pensa que está fazendo de espantalho e passarinho sabe, perfeitamente, que aquêle espantalho é gente mesmo. E por isso pousa, fazendo-se de bôbo.

Com o meu amigo João Manequinha, São Marcos e São Miguel não têm vez. Quando êle fala não é





OS BICHOS...

língua que passarinho aprendeu com a gente, como arara ou papagaio ou como aquêle corvo de Allan Poe. Êle fala é língua que gente aprendeu com passarinho.

Pois foi João quem me abriu os olhos para certas coisas do mundo das aves e dos bichos em geral. Com seu coração maior que não sei o que êle não compreendia bem a injustiça de Nosso Senhor que fêz arara e, ao mesmo tempo, fêz urubu. Tá direito isso?

— Veja o senhor, seu doutor, dizia êle. Urubu, bicho feio, comedor de carniça, de luto fechado. Arara, cheia de côr e podendo até falar que nem gente. Tá direito isso?

Vivia censurando o Criador.

— Fazer bicho sem pescoço e girafa que tem demais e que ainda, pra arreliar, nem falar, nem voz tem. Fazer passarinho e fazer lagartixa. Fazer urso e fazer pavão.

Para compensar essas injustiças João Manequinha estava sempre do lado do urubu, do lado dos mais fracos.

Quando levei João Manequinha ao Jardim Zoológico, pela primeira e única vez, fui pra ver se êlé sabia se entender com bichos novos. Não deu confiança às araras multicoloridas, fugidas de um tecnicolor de Kalmus. Ficou conversando com bicho sem côr. Não quis saber de girafa. Só tinha conversa pra jacaré.

João Manequinha era todo compensação, queria pedir desculpas a todos os bichos por não terem sido igualmente dotados. Gostou do urso porque era desajeitado e detestou a zebra ágil e elegante. Preferiu camelo por que era corcunda. Era um protesto contra a injustiça da forma e da côr.

Diante do hipopótamo é que sua indignação foi ao auge:

— Mas não tá direito isso! Como é que se faz um bicho dêsses?!

Nesse momento deu-se o milagre de Milão. Minto. O milagre do amor. A mulher do hipopótamo se aproximou do marido.

Não sei bem o que João Manequinha pensou mas alguma centelha deve ter iluminado seu cérebro todo coração e êle compreendeu que bichos estranhos devemos ser, nós os homens, aos olhos da mulher do hipopótamo.

Está vendo? Está tudo certinho, João. A gente é que, às vêzes, não compreende as coisas direito. O mistério de um verme e de um micróbio. O mistério de um elefante e de uma lagartixa. O mistério infinito da arara de muitas côres e do verme que deslisa sem côr e sem sonho.

Em tudo existe um profundo e imenso mistério. E você deve compreender êsse Mistério mais do que eu, João Manequinha. Muito melhor. Você diz que não compreende. Não compreende porque não quer.

Quem sabe falar com bicho também fala com Deus...

REVISTA DA SEMANA

ANO 55 — Nº 17 — Rio de Janeiro — 23-4-55

REDATOR-CHEFE .... Celestino Silveira

ASSISTENTE .... Wilson Barbosa

PAGINAÇÃO .... Victor Tapajós

COLABORADORES — Adalgisa Nery, Demóstenes Varela, Grande Otelo, Hélio Abreu, José Maria Neves, Lúcio Cardoso, Milton Salles, Paulo de Andrade Lima, Pedro Müller, Sérgio Silveira e Vinicius Lima.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón, Fortuna, Darel e Maria Tereza.

FOTÓGRAFOS — Arnaldo Vieira, Alberto Ferreira Lima, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

● REPORTAGENS

Enquanto a gente não se entende .. 2/4
Aleluia — Festa do Povo 6/8
Em S. Paulo: Um escândalo de 400 anos 10/12
Ou o Brasil acaba com a cachaça ou a cachaça acaba com o Brasil 13/15
Gago Coutinho: «Eu sou casado com a aventura» 20/22
São Jorge — O santo de tôda gente 41/42
E' difícil fazer dinheiro 44/45
O Brasil no México: embaixada da simpatia 50/52

● SECÇÕES

Semana Astrológica 14
Flash Paulista 15
Puxe pelo Cérebro 16
Ping-Pong 18/19
Champanhota 23
Figurinos 26/27
Femininas 32/33
Palavras Cruzadas 39
Canção do Asfalto 43
A Revista há 50 anos 46
A Figura em Foco 53

● LITERATURA

São Jorge (Adalgisa Nery) 5
Velhice (Thereza de Almeida) 24/25
Fátima — Revelação dos Três Pastôres 30/31

● HUMORISMO

Fortuna 54/55

● CAPA

Iara Sales (Foto Alberto Ferreira)

Êste número consta de 56 páginas



Desenho de MARIA TEREZA

SÃO JORGE

● — No mundo, todos os homens são bons?

— Não. Ao contrário, há muita gente má, perversa, gente que só vive pensando em praticar maldades contra os bons, os pobres e os humildes. Mas, por que você pergunta isso sem mais nem menos?

— Tôdas as tardes quando a lua aparece, vai crescendo e toma conta do céu, eu fico esperando São Jorge saltar no seu cavalo branco para defender os que choram maltratados na terra pelos homens maus. Até hoje êle ainda não saiu de lá e pensei, então, que todos se haviam transformado em bons!

— E o que tem tudo isso com São Jorge?

● — Explicarei ao leitor que, certamente não compreendeu o diálogo.

Era eu muito criança quando olhando uma tarde, fascinada, a lua em todo o seu esplendor, senti curiosidade em saber a razão das grandes manchas que nela observamos. Alguém, que não me recordo, contou-me que era São Jorge, um belo e bravo guerreiro, vestido de ouro e luz, montado num fogoso cavalo branco, tendo na mão uma lança feita de relâmpagos e trovões, que ali esperava um chamado para sair em socorro de algum aflito e injustiçado. Não havia distância nem esconderijo que o santo não vencesse e não conhecesse. Aquela história me pareceu linda e sob tão bela impressão deixava-me ficar momentos perdidos, com o olhar fixo na lua branca esperando o grande acontecimento. Quando ouvia alguém contar uma tristeza, uma queixa ou chorar por um sofrimento nascido da atitude de um adulto, nesse dia, se havia lua, eu ficava atenta para assistir o salto espetacular de São Jorge cavalgando o seu cavalo branco, pelo espaço, correndo em defesa do desamparado. Com o tempo fui sentindo a presença cada vez maior dos homens maus na terra, através das conversas dos mais velhos e, agarrada à crença viva do meu coração, esperei em vão noites e noites, a descida do protetor guerreiro. Materialmente não se realizou para os meus olhos o milagre que ouvira como coisa real e no meu entender ingênuo cheguei à conclusão de que todos os homens maus se tinham transformado ou então São Jorge não morava na lua nem matava dragões que devoravam crianças e justos.

● Também com o tempo fui aprendendo que êle não necessitava saltar da lua para socorrer os aflitos e os humildes. Se alguém, algum dia, encontrar esta cronista olhando fixamente embevecida a lua, não pense que outro motivo, ou outra influência a leva a tal contemplação. Olho apenas dentro da lua aquêle maravilhoso São Jorge vestido de ouro e luz, com os mesmos olhos dos meus antigos seis anos de idade. Estarei certamente num retrocesso à minha infância, de volta ao tempo delicioso em que eu tinha São Jorge dentro de mim, guardando a minha pureza e a minha crença intocada.

ADALGISA NERY

A PETIZADA MALHA O JUDAS COM FÉ





Nada mais importante para as crianças (e para muitos adultos) do que o «romper da Aleluia», quando se queima o Judas mais próximo da casa. Pelas fotos se pode ter uma idéia: correrias, brincadeiras e risos. Tudo isso ocorre quer em Copacabana, no Centro ou nos subúrbios do Rio.

ALELUIA

FESTA DO POVO

O DESFILE DAS ESCOLAS DE SAMBA ★ JUDAS ISCARIOTES, DE NORTE A SUL ★ ALEGRIAS E UM INCIDENTE NA CENTRAL DO BRASIL.

Reportagem de ALVARENGA JÚNIOR

A hora em que cariocas, nordestinos, gregos e troianos têm um candidato único, é aquela em que se malha o Judas Iscariotes, o homem que vendeu Jesus por 30 dinheiros. No Norte do Brasil a Aleluia é mais ou menos igual à do Nordeste e à do Sul. Apenas muda num ponto. É que há um costume (Pará e Amazonas) antigo e que consiste no seguinte: antes de malhar o judas, a garotada canta: «Aleluia, aleluia, peixe no prato, farinha na cuia». Ó que gôsto dançar a aleluia. Sr. Judas bailando na corda, e o sineiro na tôrre a tocar — La, ra, ra, ra, ra, la, ra, ra, ra, ra, ra...

Enquanto isso, no Rio, o carioca, com o seu famoso espírito crítico, solta foguetes, dá tiros e faz piadas nos «testamentos» que visam geral-









ALELUIA





Detalhe de uma escola de samba. Sem entusiasmo, as «baianas» desfilaram pelo asfalto, correndo uma vez por outra dos carros que passavam em disparada, pois o policiamento, além de deficiente, foi absolutamente nulo.



mente os vizinhos mais antipatizados, ou políticos em maior evidência.

Êste ano, no Distrito Federal, as pessoas mais atingidas nos tradicionais «testamentos» foram os Srs. Café Filho que apareceu geralmente vestido de turista; Carlos Lacerda e Jânio Quadros; Juarez Távora e Cosme e Damião, sendo que êstes últimos eram objeto de piadas amistosas e bem humoradas, mais um elogio do que uma crítica. E por incrível que pareça, nem o falecido presidente Vargas escapou às piadas cariocas. Mas, houve também o lado tragi-cômico, como é natural nessas oportunidades. Certo motorista que faz ponto na Central do Brasil, fêz um Judas perfeito. Sujou-o de sangue e quando um companheiro ia estacionar, lançou sob seu carro o Judas, ao mesmo tempo em que dava gritos. O companheiro, pensando que havia atropelado alguém, saiu correndo. Então o povo começou a gritar: «Pega, pega!» E o pega-pega acabou em tiros, felizmente sem gravidade, pois o suposto atropelador estava disposto a fugir ao «flagrante» de qualquer maneira.

Carnaval de rua, no sábado de Aleluia, em Copacabana. O povo brincou a valer, enquanto esperava as escolas de samba que decepcionaram. O rapaz da esquerda, vestido de «Marta Rocha», fêz grande sucesso.





Entre os rapazes das escolas de samba, houve mais entusiasmo, mas faltou um pouco de linha. Durante o desfile era comum ver-se sambistas desalinhados, coisa que o público não apreciou.



Você repousa e viaja melhor

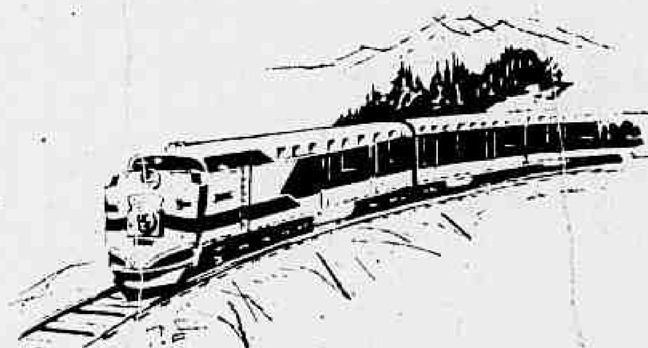
nos novos Super-Convair 340 da Real Aerovias

E eis aqui o que entendemos por viajar melhor:



Cabine pressurizada

A qualquer altitude, a cabine mantém a pressão do nível do mar. Acaba com a fadiga do vôo e a pressão nos ouvidos.



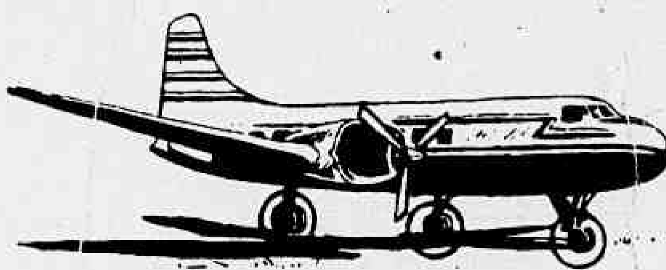
4.800 HP. (Mais que 100% de reserva)

Mais potência que uma locomotiva Diesel de 3 unidades.



Ventilação e luz individuais

Contrôles fáceis ao seu alcance e sob seu comando exclusivo. E V. pode regular a ventilação, como desejar.



Trem de pouso triciclo (com rodas duplas)

Maior segurança nas aterrissagens, que são mais curtas devido ao passo reversível das hélices.



Compartimento de bagagem

Sua bagagem é guardada à sua vista e V. pode se utilizar dela a bordo, a qualquer momento.

Dos experientes pilotos às solícitas aero-moças, as tripulações da REAL-AEROVIAS aceitam comparação com quaisquer outras de qualquer parte do mundo. São tripulações de elite - uma honra para a aviação civil brasileira!

Vá e volte pela "Frota da boa viagem"



E para Super-Rapidez... Super-Convair 340 - o avião bimotor mais moderno e veloz em tráfego nas Américas!





A maior emprêsa de transportes aéreos da America Latina.

Rio: Av. Rio Branco, 277 - loja G - Tel. 32-4300 - *S. Paulo:* R. Cons. Crispiniano, 375 - Tel. 35-8151

J.M.M.

SÃO PAULO PAROU PARA DISCUTIR O ASSUNTO:



Walmor Chagas e Cleide Yaconis, como era diferente o amor em 1926.

UM ESCÂNDALO DE 400 ANOS

O CASO DE "SANTA MARTA FABRIL S.A." — SUCESSO COMPLETO, APESAR DA CRÍTICA DIVIDIDA — MAIS UM TRIUNFO DO T.B.C. — ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA, O AUTOR, E ADOLFO CELI, O DIRETOR — INVASÃO TÔDAS AS NOITES DO TEATRO LOCALIZADO À RUA MAJOR DIOGO — ATORES QUE SE ENCONTRAM SOB AMEAÇA E "QUATROCENTÕES" POSSUÍDOS DA MAIS VIVA INDIGNAÇÃO

Reportagem de VAN JAFA

O novo cartaz do Teatro Brasileiro da Comédia de São Paulo, um original brasileiro do sr. Abílio Pereira de Almeida, «Santa Marta Fabril S.A.», tem alvoroçado a pouco emocionável capital bandeirante, que vive sob o lema: São Paulo, não pode parar.

Desde a sua estréia que o chamado escândalo foi armado. A verdade dos outros pouco importa, mas a nossa é sempre desagradável. Êsse é o tema que tem «chocado» São Paulo quatrocentão.

A peça do sr. Pereira de Almeida é um embuste — afirmam uns, é uma audácia dizem outros, embuste ou audácia é uma verdade indiscutível.

Não se trata da família paulista, mas da história de uma família paulista. Mas se todos querem se generalizar na particularização é outro caso.

A verdade é que remanescentes da Revolução de 32 aderiram mesmo ao govêrno federal. E aderiram para sobreviver. Houve exceções é claro. Mas a verdade humana é mais forte no lado da fraqueza que do orgulho. Ademais não se trata de paulista, trata-se de criaturas humanas, falíveis, cheias de necessidades e vulneráveis aos interesses pessoais de cada um.

«Santa Marta Fabril S.A.» é um drama social, representa a decadência de uma família em face dos seus interêsses mais inconfessáveis, mas imediatos, de sobrevivência própria.

Os quatrocentões esquentaram-se por pouca coisa, um pouco de psicologia deixa claro que o interêsse público deixa de existir quando o particular entra em cena e fala mais alto.

Repetimos que não se trata de paulistas e sim de criaturas humanas, criados sôbre as mesmas condições atmosféricas, topográficas e de interêsses comuns e cotidianos.

A história de «Santa Marta Fabril S.A.» é a história de uma família de qualquer latitude civilizada que vive comprimida pelos seus interêsses econômicos.

O AUTOR DO ESCÂNDALO

O sr. Abílio Pereira de Almeida, um dos responsáveis pela criação do T.B.C., homem versátil, e simultâneo, com aparições como homem de sociedade, advogado, ator, diretor, e cineasta, tem se dedicado com vontade ao teatro de casa. De «Pif-Paf», passando pela «Mulher do próximo», até «Paiol Velho», o sr. Pereira de Almeida fêz caminho para alcançar essa clareira que é «Santa Marta Fabril S.A.», uma peça universal dentro de um acontecimento paulista.

O DIRETOR DA TEMPESTADE

Adolfo Celi, homem de teatro, tem realizado entre nós uma série de trabalhos definitivos no setor da arte de dirigir atôres. É um diretor de mão cheia. Sabe fazer render o clima e procura sempre a profundidade humana dos personagens. Com «Santa Marta Fabril S.A.» colhe outro triunfo certo, mesmo que seja discutível a orientação que deu ao primeiro ato, batizada como cinema mudo.

A verdade é que em 1927, havia qualquer coisa de cinema mudo



Cleide Yaconis prepara-se para dançar um «charleston» dos bons tempos.



Margarida Rey e Cleide Yaconis, mãe e filha em drama.



Dina Lisboa e Cleide Yaconis, matriz e filial da «Santa Marta Fabril S.A.»

UM ESCÂNDALO DE 400 ANOS

na atitude das pessoas daquela época. E assim o que poderia parecer caricato é autêntico. E Celi conta com mais êsse sucesso entre sucessos como «Assim é se lhe parece», «Antígona», «Seis personagens em busca de um autor», etc.

PERFORMANCES MEMORÁVEIS

Como de sempre o espírito de equipe do T.B.C. atuou mais uma vez. Mas mesmo numa equipe que estar bem é lugar comum há os que se destacam pelo seu talento ou pelo estudo maior.

Desta feita Cleide Yaconis destaca-se mais uma vez numa memorável performance, digna de prêmio, como aquela que teve em «Assim é se lhe parece». Walmor Chagas é uma novidade que o T.B.C. vai glorificar confiando-lhe papéis que valerão o ator de verdade que é êsse moço de Pôrto Alegre. Waldemar Wey está bem medido. Célia Biar compõe com acêrto ao lado de Fredi Kleemann um casal de 1926. Margarida Rey mais expressiva, principalmente no primeiro ato. Dina Lisboa é a própria fábrica «Santa Marta Fabril S.A.». Odete Lara dá um «show» de boniteza e naturalidade, estreando com êxito pelas mãos seguras de Celi. Elizabeth Henried faz uma moça moderna. A menina Vera Lúcia Alencar tem uma aparição acidental e Leonardo Vilar é um médico amigo da família.

CRÍTICA, INVASÃO E AMEAÇAS

Enquanto a crítica se divide e degladia-se em discutir a peça como teatro e como tema social, o público continua tôdas as noites invadindo e esgotando lotações desde a estréia.

Nos intervalos do sucesso, dêsse escândalo de 400 anos que sobe a cena tôdas as noites no T.B.C. da rua Major Diogo, seu autor e alguns atôres, como por exemplo o sr. Fredi Kleemann recebe ameaças anônimas para que abandone o papel. Coisas da grande «taba» bandeirante. E o espetáculo continua.

MAURO FRANCINI E DARCI PENTEADO

Os cenários do sr. Mauro Francini, são primorosos, sendo o do 1º ato o melhor e o do 3º um tanto discutível pelo seu mobilado.

Quanto aos figurinos do sr. Darci Penteado são de um bom gôsto e autenticidade excepcionais. No 1º ato, exibindo em seu auge as cinturas muito abaixo da cintura, representando o «old fashion» brasileiro. Moda essa que nada mais é do que a linha A do Dior em voga e discussão com sofisticação e variações.



Célia Biar e Fredi Kleemann, um casal muito 1926.

OUVINDO PEREIRA DE ALMEIDA E CELI

Procurando o sr. Abílio Pereira de Almeida ouvimos o seguinte: Mesmo com a crítica, estou satisfeito com a minha peça. E' o trabalho que mais gosto. E enquanto os críticos discutem a peça como tema social, em vez de ser discutida como teatro, eu vou preparar uma nova peça. Como bem disse um crítico, se minha peça agrediu alguém foi aos que traíram a revolução ou ao sentimento paulista. E' uma grita ao bezerro de ouro.

Do diretor Adolfo Celi colhemos a seguinte declaração: Fico satisfeito com o sucesso que a peça vem alcançando, pois desmentem as acusações que fazem a direção do T.B.C. sôbre não gostar de encenar autores nacionais. Afirma que não é verdade e aí está a prova vitoriosa. E' propósito do T.B.C. fazer bom teatro de qualquer nacionalidade, fazendo teatro clássico ou polêmico, pois os clássicos foram polêmicos em sua época.

Concluindo o diretor Celi disse: o autor nacional geralmente incorre no valor literário da peça e foi pela quase certeza de que pudesse causar polêmica que encenamos «Santa Marta Fabril S.A.». Ademais é sabido que o público gosta muito de ouvir e ver alguma coisa de suas vidas.

★

Temos assim algumas notícias sôbre a tempestade que vem abalando o mundo teatral bandeirante. «Santa Marta Fabril S.A.» é um espetáculo dentro da mais pura linha do T.B.C., linha de equipe e qualidade artística, em que foi fundado e tem vivido o maior acontecimento teatral do Brasil dêsses últimos dez anos.

O senador Paulo Abreu categórico:

O Senador Paulo Abreu foi, no último pleito eleitoral, um dos maiores entusiastas da candidatura Jânio Quadros. Tão logo o ex-prefeito da capital bandeirante passou a figurar entre os candidatos à governança de São Paulo, êle cerrou fileiras em tôrno do seu nome, combatendo a corrupção vigorosamente e condenando a dissolução dos costumes. Como prêmio à sua atividade incessante, ganhou uma cadeira no Senado ao lado do Sr. Auro de Moura Andrade.

Recentemente, por ocasião do julgamento das músicas carnavalescas, o Senador Paulo Abreu, com aquela franqueza que o caracteriza, manifestou-se contra a inclusão, na lista das melhores músicas, daquelas que fizessem, por qualquer forma, propaganda do uso da bebida. Mesmo contrariando a vontade popular, incluiu êle entre tais composições as marchas «Ressaca» e «Tem nêgo bebo aí», dois dos grandes sucessos do ano.

Naturalmente, as categóricas e desassombradas declarações do Senador Paulo Abreu despertaram grande celeuma entre compositores, cronistas da música popular, cantores, fábricas de discos, enfim, todos que se julgaram atingidos pelas veementes assertivas do parlamentar bandeirante. Êle, porém, confessou a êste repórter que a reação contrária nos meios da música popular não lhe causou a menor estranheza.

— Não é a primeira vez na minha vida que indo em defesa do povo sou mal interpretado. Quando em 1951 apresentei na Câmara dos Deputados o projeto de lei que visiva a proibição da fabricação, transporte, venda, compra e uso da aguardente de cana, fui rigidamente atacado por pessoas e entidades poderosíssimas. Afirmaram até que eu não conseguiria uma reeleição, porque fariam pressão contra o



O Senador Paulo Abreu, inimigo declarado da cachaça. Sua luta vem de longe, quando era Deputado apresentou um projeto de lei contra a fabricação e a venda do produto. Disseram que a popularidade da «pinga» ia derrotá-lo politicamente, mas o resultado aí está: é Senador da República.

OU O BRASIL MATA A CACHAÇA OU A CACHAÇA MATA O BRASIL

UM HOMEM DEFENDE MILHÕES ★ A CAMPANHA PROMOVIDA PELO PARLAMENTAR BANDEIRANTE ★ "POR QUE PRIMEIRO FABRICAR ESSA MISÉRIA TÔDA PARA DEPOIS REMEDIÁ-LA?" ★ REPERCUSSÃO EM TÔDAS AS CLASSES SOCIAIS ★ CONDENAÇÃO ÀS MÚSICAS POPULARES QUE FAZEM PROPAGANDA DO USO DA BEBIDA

Reportagem de MILTON SALLES

meu nome. Mas a minha boa estrêla trouxe-me ao Senado da República e não se estancará assim a minha campanha.

O assunto empolga o Senador, um homem de voz e gestos mansos. Como se adivinhasse a intenção do repórter, êle prosseguiu:

— O meu projeto estipulava p[illegible]das multas para os alambiques que burlassem a lei. Multas de 20 a 50 mil cruzeiros e confisco de tôdas as

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 23 E 29 DE ABRIL DE 1955 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Suas condições astrais vão melhorar bastante, notadamente nos dias 25, 26 e 27. Os negócios lhe correrão favoràvelmente e haverá muita chance na solução satisfatória dos casos em que estiver interessado.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Não se modificará a posição do leitor, em face do céu. Continuarão na semana vigente, os mesmos influxos da anterior. Não se aventure a novos negócios, não dê nem solicite crédito nem promova viagem.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Haverá, no curso da semana, uma legítima conjunção de eflúvios favoráveis ao leitor. Aproveite a excelente oportunidade que lhe vai ser oferecida para o necessário reajustamento da posição e dos seus negócios.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — As recomendações anteriores já não terão procedência. O leitor estará liberado na vigência da semana entrante. Com a necessária prudência, poderá especular, requerer nas repartições e fazer empréstimos.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — Continue explorando o filão descoberto na semana passada, pois não se modificará sua posição em face do influxo astral. O leitor encontrará a maior facilidade no que empreender.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Será ótima a situação do leitor na semana em foco. O período será muito bom para as reivindicações que desejar fazer e para propor, em juízo, qualquer demanda. A vida sentimental correrá a contento.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Não se aconselham negócios imobiliários, ao contado ou por meio de financiamento. Ative suas relações, diligenciando novas amizades, pois elas lhe serão muito proveitosas, em futuro próximo.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — Uma semana venturosa anunciam os astros, no caso do leitor. Os negócios serão rendosos e se processarão com rapidez. Haverá paz no lar e êxito na vida amorosa. Marte lhe dará boa folga financeira.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — A semana será de rendimento seguro e de muita satisfação na vida privada e nas relações sociais. Os melhores dias para os empreendimentos novos serão 24, 26, 28 e 29.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Os negócios de ordem econômica ou financeira estarão muito bem astralizados. Contudo não dê créditos substanciais, pois estará sujeito, se o fizer, a futuros aborrecimentos e a prejuízos certos.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — Os malefícios da semana anterior continuarão. O ambiente dos astros o predispõe a sofrer violências físicas ou morais. Seus interêsses serão postergados. Tome uma atitude de indiferença. Será melhor assim.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Recuse de entrada, os negócios vantajosíssimos que lhe vão ser propostos. Por trás das mirabolantes promessas há um plano de exploração, um verdadeiro conto. Fique, durante a semana nas atividades costumeiras.

OS NOMES DA SEMANA

Abril, 23	—	João	—	Joana
" 24	—	Márcio	—	Inês
" 25	—	Custódio	—	Ivete
" 26	—	Januário	—	Iris
" 27	—	Damião	—	Damiana
" 28	—	Paulo	—	Edméa
" 29	—	Ernesto	—	Ernestina

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Abril, 23	—	2º - 3' - 45"	(Signo do Touro)
" 24	—	3º - 32' - 14"	(" " ")
" 25	—	4º - 20' - 41"	(" " ")
" 26	—	5º - 29' - 6"	(" " ")
" 27	—	6º - 27' - 28"	(" " ")
" 28	—	7º - 25' - 49"	(" " ")
" 29	—	8º - 24' - 8"	(" " ")

● **AOS LEITORES** — Os signos zodiacais simbolizam as estações do ano. O signo do Carneiro, por exemplo, simboliza a Primavera, o do Câncer o Verão, o da Libra o Outono e o do Capricórnio o Inverno. Tôda notação astrológica foi preparada para o hemisfério norte. Nós que vivemos no hemisfério sul, temos que invertê-la para ajustá-la às nossas realidades.

Quando se inicia a Primavera entre nós? Em Setembro. Então é em Setembro que, para nós, chega o Sol, ao signo do Carneiro. Eis a razão que nos leva a considerar natos do Carneiro, os indivíduos nascidos entre 21 de Setembro e 20 de Outubro de cada ano. O que se dá com o signo do Carneiro, acontece, também, com os demais do Zodíaco. As nossas indicações pois, traduzem a realidade do fato astrológico no nosso hemisfério.

instalações. Para o vendedor, comprador ou transportador da cachaça, estabelecia multas de cinco a dez mil cruzeiros e pena de prisão, na reincidência.

— E o bebedor?

— Para êle, o projeto estipulava multas de quinhentos a dois mil cruzeiros, além de prisão, de acôrdo com o Art. 278 do Código Penal.

O diálogo entre o repórter e o Senador tem como palco a sala do café do Senado. Com plena aprovação de alguns veteranos legisladores, o Senador Paulo Abreu desenvolve com entusiasmo sua tese. Quisemos saber se seu projeto pretendia implantar a «lei sêca» no Brasil, como acontecera nos Estados Unidos.

— Não (esclareceu o político paulista), pois as conseqüências seriam maléficas. O que aconteceu nos Estados Unidos foi uma amostra das dificuldades que podem surgir em qualquer país que queira implantar o regime de abstinência total. Por isso, o que desejo é tornar impossível a ingestão de bebidas alcoólicas, especialmente aquelas de elevada dosagem, por parte do povo, do trabalhador, daquele que vive do seu pequeno salário e que não tem recursos para combater as desastrosas conseqüências da intoxicação alcoólica.

— Quer dizer que o povo poderia tomar determinadas bebidas?

— O ideal seria uma medida proibitiva decidida e total. Dada, porém, a complexidade da matéria, melhor será caminhar por etapas.

Em seguida, o Senador Paulo Abreu faz referências às bebidas que, tomadas pelo povo acarretam, sem dúvida, menor dano, como por exemplo a cerveja e o vinho. Bebidas baratas, ao alcance de todos e que não causam tanto mal quanto a pinga, especialmente porque são ingeridas nas refeições e não em jejum ou, pelo menos, fora do horário de trabalho, o que não acontece com a cachaça. Depois frisa:

— Não se diga que a cachaça não é, no Brasil, um mal social. Antigamente sòmente os homens tomavam pinga, mas hoje em dia, com a proliferação de botequins, bares e casas de venda exclusiva de aguardente, o mal se disseminou. Até mulheres e infelizes crianças são dominadas pelo terrível vício.

Objetamos que a cachaça, apesar de tudo, não deixa de trazer uma fonte de renda apreciável para o país.



É em defesa de trapos humanos como êste que se levanta o Senador

O Senador Paulo Abreu se inflama e, enquanto limpa os óculos, afirma:

— Não procede a discutida defesa feita pelos interessados, da «venda nacional» do produto. Basta uma análise superficial dos danos causados pela bebida e o ônus decorrente de tal vício em desgraças, deficiência de produção e graves conseqüências, como o próprio atrofiamento da raça brasileira, para se verificar que a proibição compensa em muito a sua vultosa renda!

— Existe, Senador, exemplo de tais proibições atualmente em alguma parte do mundo?

O Senador Paulo Abreu faz rápida consulta à memória e responde:

— Posso citar alguns casos de que tenho conhecimento. **Em certas regiões da Índia, por exemplo, é proibida a venda de bebidas alcoólicas de qualquer teor. Em alguns Estados dos Estados Unidos, as restrições à bebida são notórias e positivas. Em Filadélfia é proibido beber-se aos sábados e domingos. Há pouco tempo, na França, vendo o país assoberbado pelo grave problema do alcoolismo, Mendes France, em espetacular reunião do Ministério que durou muitas horas,** conseguiu implantar restrições ao uso do álcool, num país tão conhecido pela sua índole democrática e liberal.

O Senador Paulo Abreu faz uma rápida pausa, sorve o cafèzinho (sua bebida predileta) e prossegue:

— Por que fabricar essa miséria tôda para depois remediá-la? Cada vez que vejo desgraçados estatelando-se nas sarjetas como um trapo, tenho vergonha de mim mesmo. Entretanto, assim como se conseguiu, em circunstâncias talvez mais difíceis ainda, a libertação dos escravos, meus colegas da Câmara e do Senado um dia conseguirão também a libertação dêsses infelizes patrícios, escravos do vício.

Os sons estridentes da campainha da Sala das Sessões chega até a sala do café. O Senador Paulo Abreu, o homem que foi um dos sustentáculos da candidatura de Jânio Quadros, levanta-se e conclui a entrevista:

— Lutarei com tôdas as fôrças para que o meu projeto seja vitorioso. Assim baniremos esta situação verdadeiramente vexatória para os foros da civilização brasileira, **porque se o Brasil não matar a cachaça, a cachaça matará o Brasil.**



Paulo de Abreu. A cachaça, infelizmente, anula milhões de brasileiros.

Flash Paulista

HÉLIO ABREU

O LIVRO DE CHAMMA

Foi bom que «Por Um Brasil Melhor» me tivesse caído às mãos num dia em que a chuva bloqueava em casa tôda a paulicéia. Porque o li de uma assentada. Homem de negócios, fatalmente de cálculos frios, Jorge Chamma abriu seu livro com uma página que é uma dedicatória a sua espôsa, em têrmos do mais doce sentimentalismo. Mas daí por diante o leitor só encontra objetividade, através das 400 páginas dedicadas aos mais variados assuntos. Na primeira parte encontramos política, indústria, comércio, economia e finanças; na segunda assuntos vários abordados em entrevistas ligeiras; na terceira discursos em oportunidades diversas, sob os mais variado temas. A quarta é sôbre a obra dos irmãos Chamma em Mato Grosso; ficando para a quinta as transcrições de jornais e afinal a sexta encerra notas de viagens.

Mas, sobretudo, o que impressiona na matéria é a história do minério de Urucum, imensa montanha de manganês, em Mato Grosso, que dormia o sono das coisas abandonadas à espera não só da oportunidade para despertar como de alguém com a coragem para enfrentar a sua dinamização. Eram 22 000 000 de toneladas das quais no mínimo 10 milhões com uma percentagem de 48% de manganês, a 9 quilômetros do rio e a 20 do sul de Corumbá: Mn. 47,03; Fe. 11,35; P. O., 18; SIO 2-1,74 são os resultados de sua análise. E tão escondido vivia êsse manancial que os compêndios de geografia econômica não lhe faziam referência. A notícia da primeira menção a Urucum, feita por Francis de Castelnan, data de 1845. Em 1880 o Barão de Vila Maria, dono da fazenda que abrangia grande parcela do morro do Urucum, pedia ao govêrno autorização para explorar os minérios. Mas êle morreu sem nada realizar. Em 1894, Francisco Couto da Silva obteve concessão das autoridades para explorar as minas, direito que passou a uma firma. Depois foi a emprêsa ter às mãos de grande organização belga, produtora de aço, que construiu um caminho de ferro de 22 quilômetros, ligando as minas ao rio e começou a construção de um cabo aéreo para o carregamento do minério. Mas, a guerra interrompeu tudo e, terminada esta, os preços haviam caído muito. Nova firma assume a responsabilidade do empreendimento, nada realizando, o que levou o govêrno estadual a encampar a emprêsa. E os 22 quilômetros de trilhos estendidos em Urucum são doados à ferrovia Brasil-Bolívia! Era a desistência completa! Foi quando os irmãos Chamma se voltaram para o assunto e, animados pelo relatório do engenheiro americano Nostrand Dorr que acentuou as magníficas qualidades daquelas reservas (camadas de manganês de hematite de teor metálico médio) resolveram enfrentá-lo. Aliás, pasmem os leitores, o relatório de Dorr foi, de certo modo, baseado em um estudo do grande engenheiro brasileiro Michel Arrojado Lisbôa que, em 1907, escreveu ótimo trabalho a respeito, o qual ficou inédito 25 anos nas gavetas da burocracia.

Fica aí uma síntese que é a história de tôdas as grandes riquezas do Brasil. Mas, Urucum encontrou, afinal, sua oportunidade: a montanha invencível vem sendo domada; o minério sai da terra, transpõe distâncias e os mil tropeços do transporte, tangido pelos pulsos dos irmãos Chamma que arrastaram o barco suando e cantando como os barqueiros do Volga.



MINISTÉRIOS. Com as nomeações recentemente levadas a efeito pelo presidente Café Filho, São Paulo está no govêrno. A importância política de Piratininga reveste o Estado líder das condições necessárias para deter os altos postos a que fêz jus. O resto é conversa fiada. O governador Jânio Quadros, a nosso vêr, fêz o que tinha de fazer.

★

LAURO GOMES. O Tribunal Eleitoral deitou por terra as pretensões do PSP na manobra contra o mandato do deputado federal pessedista Lauro Gomes. Com efeito, aquela alta côrte da justiça eleitoral decidiu que o referido parlamentar pode, de acôrdo com a lei, continuar por seis meses como prefeito de São Bernardo do Campo. Lauro Gomes não tomou posse como deputado, não havendo assim acumulação.

★

DAGOBERTO X JOPPERT. Sensacional foi, sem sombra de dúvida, o duelo oratório e jornalístico deputados Dagoberto Salles versus Maurício Joppert. O representante paulista levou a melhor em todos os pontos.

PORFÍRIO VOLTA. Os recentes acontecimentos políticos que culminaram com a não candidatura do Sr. Jânio Quadros ao Catete serviram para reaproximar o governador de seu vice.

★

CAFÉ (Rubiácea). Segundo os cálculos de gente entendida, será de mais de 14 milhões de sacas a próxima produção brasileira de café. Os Estados de São Paulo, Paraná e Minas Gerais entram com 13 milhões.

★

CIRILO. O presidente do PSD paulista foi visto jantando no popular restaurante «Giovanni», onde os preços (não é propaganda) são por demais módicos. Há quem afirme que, assim procedendo, estaria o Sr. Cirilo Júnior economizando alguns cruzeiros que seriam destinados aos aluguéis da nova sede do partido em S. Paulo.

★

AÇÚCAR. Ainda desta vez não teremos o aumento de açúcar. Fúlvio Morganti e Ferraz de Camargo, ao que se diz, garantiram a Café Filho a estabilização dos preços atuais.

★

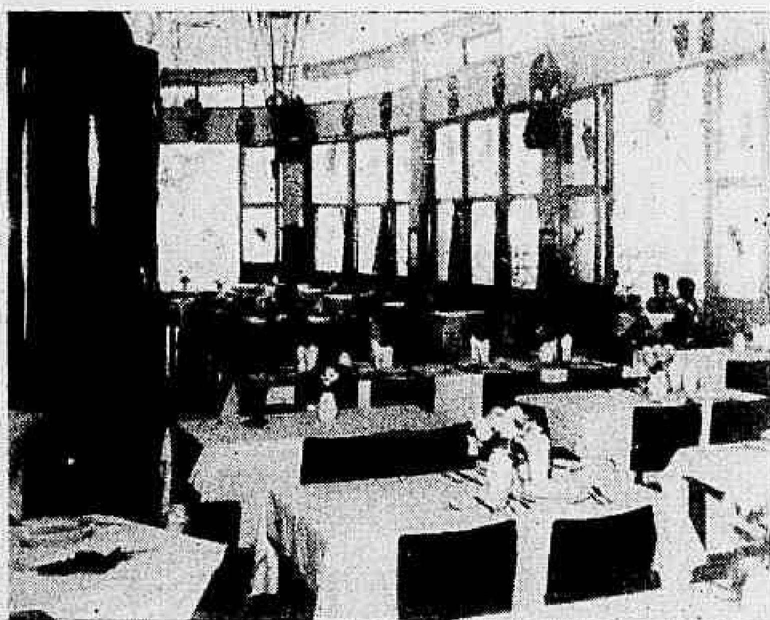
DESMENTIDO. Ao contrário do que se afirmou, não pertence ao Sr. Rogé Ferreira a expressão «Prá quê estradas?», e sim ao deputado Osny Silveira.

★

MARZAGÃO. Essa devemos ao comentarista Viegas Netto. Segundo êle, Paulo Marzagão (um dos políticos mais relacionados de S. Paulo) é tão cuidadoso que, quando alguém lhe pede que diga as horas, responde invariàvelmente: «falta tanto para as tantas... mas não ligo nada a ninguém!»

HOTEL FRAGATA





● O MELHOR E MAIS bem montado hotel da Ilha de Paquetá é o HOTEL FRAGATA, com dezenas de confortáveis apartamentos à sua disposição. Por isso, se o senhor tem família e deseja levá-la para uma temporada distante do bulício sempre crescente dos centros urbanos, não se preocupe com a escolha do lugar; dirija-se para o HOTEL FRAGATA, que dispõe de um corpo especializado de auxiliares sempre pronto para servi-lo. Goze as suas férias no HOTEL FRAGATA e tenha a certeza absoluta de que está vivendo realmente bem.

Reservas de apartamentos, disque 06, telefone 39 e 204.



● UMA LUA DE MEL deliciosa... tranqüila... que deixará no espírito dos jovens casais gratas e inapagáveis recordações, deve ser vivida e sentida num ambiente cuidadosamente preparado como o de que dispõe o HOTEL FRAGATA, localizado na romântica Ilha de Paquetá, perto das praias magníficas e dos recantos pitorescos tão procurados pelas criaturas que se amam perdidamente.

HOTEL FRAGATA: um hotel e um nome que ficará permanentemente na memória daqueles que nêle passaram a sua LUA DE MEL.

Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—O têrmo aix-la-chapelle significa:
— **Chapéu de aba larga?**
— **Cidade alemã?**
— **Mulheres inglêsas?**

2—Como morreu Alberto I, Rei da Bélgica:
— **Suicidou-se?**
— **Assassinado?**
— **De acidente?**

3—Rangel Pestana nasceu no ano de:
— **1800?**
— **1839?**
— **1903?**

4—Quantos papas tiveram o nome de Anastácio:
— **Quatro?**
— **Apenas um?**
— **Mais de cinco?**

5—Em que cidade do Espírito Santo morreu Anchieta:
— **Guarapari?**
— **São Mateus?**
— **Meritiba?**

6—Miguel Servet, famoso médico espanhol, foi condenado:
— **À fôrca?**
— **Fogueira?**
— **Guilhotina?**

7—O patriarca José Bonifácio nasceu em:
— **São Paulo?**
— **Belo Horizonte?**
— **Rio de Janeiro?**

8—A primeira representação pública de um drama sacro foi:
— **900?**
— **1244?**
— **1789?**

9—Emily Bronte escreveu o famoso romance:
— **«Morro dos Ventos Uivantes»?**
— **«E o Vento Levou»?**
— **«Cleópatra»?**

10—Aristides Briand recebeu o Prêmio Nobel de:
— **Da paz?**
— **De física?**
— **De literatura?**

11—O descobridor do soro antiofídico foi:
— **Vital Brasil?**
— **Fernando Abbot?**
— **Osvaldo Cruz?**

12—A imperatriz Amélia Augusta de Bragança morreu em:
— **Paris?**
— **Rio de Janeiro?**
— **Lisboa?**

13—O alfabeto em relêvo para cegos foi criado por:
— **Pasteur?**
— **Braille?**
— **Brahms?**

14—«As Portas do Inferno» é uma escultura de:
— **Donatello?**
— **Miguel Ângelo?**
— **Rodin?**

15—«Fidalgos da Casa Mourisca» é um livro de:
— **Eça de Queiroz?**
— **Júlio Diniz?**
— **Júlio Dantas?**

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior; — universitário; de 12 a 14: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Cidade alemã; 2 — De acidente; 3 — Em 1839; 4 — Quatro papas; 5 — Em Meritiba; 6 — Condenado à fogueira; 7 — Em São Paulo; 8 — Em 1244; 9 — «O Morro dos Ventos Uivantes»; 10 — Prêmio da paz; 11 — Vital Brasil; 12 — Em Lisboa; 13 — Braille; 14 — Rodin; 15 — Júlio Diniz.


sempre
bem
aceito...
finesse
CIGARROS
NON PLUS ULTRA
finesse
a delicadeza transformada em cigarro



PING-PONG

PEDRO BLOCH INVADE A EUROPA

UMA PEÇA EM CADA CAPITAL DA EUROPA ★ OTIMISMO DO PRINCÍPIO AO FIM ★ DA BOMBA DE HIDROGÊNIO À CERTEZA DE QUE VALE A PENA VIVER

Texto de MARIA NATÁLIA RODRIGUES

Fotos de ALBERTO FERREIRA

Ping — E' bom fazer teatro?

Pong — Para mim essa pergunta soa engraçada. E' como se você perguntasse: E' bom respirar?

Ping — E' fácil escrever teatro?

Pong — Alguém já disse que escrever teatro é fácil ou impossível. Mas êsse «fácil» implica em centenas de noites mal dormidas, em alguns electrocardiogramas, trabalho, luta, fazer, refazer, tornar a fazer, rasgar tudo, começar de novo, até que os personagens e os conflitos se tornem totalmente nossos e totalmente do público.

Ping — Quem lhe sugeriu fazer «As Mãos de Eurídice»?

Pong — O homem neurótico e solitário de nossos dias, que incide no êrro e sem buscar um caminho, procura, simplesmente, justificativas para o êrro cometido e pretextos para continuar errando.

Ping — O mundo está perdido?

Pong — Qual dêles?

Ping — Que pensa da bomba de hidrogênio?

Pong — Penso que devemos eliminá-la, imediatamente, antes que ela tente eliminar-nos. Não pode haver duas opiniões honestas a respeito.

Ping — Tem algum «hobby»?

Pong — Travalho.

Ping — Mêdo da morte?

Pong — Da definitiva, não. Teria mêdo, sim, de cair na desesperança e na descrença nos destinos do homem, nessa morte que mata um pouco cada dia.

Ping — Que pensa do teatro brasileiro?

Pong — O melhor possível. Mas a pergunta é muito vaga. Seria o mesmo que você me perguntar o que acho da pintura brasileira ou da música brasileira. Seria mais fácil responder se me perguntasse o que acho de um Portinari ou de Villa Lobos. As melhores coisas dêste mundo. São gênios mesmo. No nosso teatro, temos, como em todos os teatros do mundo, elementos extraordinários.

Ping — E dos artistas brasileiros?

Pong — Se você me perguntar o que penso de Rodolfo Mayer, de Procópio, Dulcina, Bibi, Cacilda, Alda Garrido, Morineau, especificando os nomes, teria ocasião de ver todo o meu entusiasmo. Existem artistas admiráveis e alguns admiráveis «canastrões» também.

Ping — Que acha da baixa do cruzeiro?

Pong — O cruzeiro não baixa. Nós é que subimos. Êle vai diminuindo, enquanto começamos a ver mais e acabaremos por trazê-lo até nós.

Ping — E o destino do Brasil?

Pong — Maravilhoso. Na hora de pessimismo surge o petróleo que certos «patriotas» diziam não existir.

Ping — E sôbre o uísque?

Pong — Dou-lhe minha palavra de honra que ainda não pensei. Fontes bem informadas e dignas de crédito afirmam-me que somos o maior consumidor de uísque do mundo. Uma tristeza! Se o sujeito tem que dar para beber, o que é lamentável, porque não consome a cachaça nacional?

Ping — Já fêz fortuna?

Pong — Pergunta curiosa essa! O trabalho intelectual entre nós, tem cotação tão baixa quanto o cruzeiro. Quando o meu querido Luís Rigoni, montando um cavalo, ganha trezentos contos de prêmio, é tudo perfeito e natural. Quando um sambista, com um único samba ganha o dôbro de um autor teatral, quando um incorporador numa simples transação, faz milhões... ótimo! Está tudo no melhor dos mundos. O escândalo só surge quando um escritor consegue chegar perto do sambista e do jóquei. O trabalho intelectual, por melhor que seja pago, jamais paga verdadeiramente a alma que fica em cada escrito, a vida que se dissolve em cada página.

Ping — Que sensação lhe deu a estréia como autor?

Pong — A de estar num paraíso infernal.

Ping — A melhor coisa do mundo e a pior?

Pong — A melhor coisa é a luta por uma humanidade decente e digna, num mundo de paz, compreensão e justiça social. A pior é o contrário disso.

Ping — Sua maior emoção como médico?

Pong — Foi quando «ressuscitamos» um doente de tuberculose da laringe, praticando uma traqueotomia. Êle deixou de me cumprimentar, dizendo: — A um homem como eu não se salva a vida, doutor! Isto é um crime! Êle estava enganado. Curou-se.

Ping — Suas peças estão sendo levadas na Europa?

Pong — Em Portugal o nosso imenso Rodolfo Mayer com «As Mãos de Eurídice». Nas colônias com o grande Villaret «Esta Noite Choveu Prata». Na Espanha está Pepita Serrador com «Os inimigos não Mandam Flôres». Na Alemanha, «As Mãos de Eurídice» e «Os Inimigos não Mandam Flôres» a primeira, numa dezena de interpretações diferentes, inclusive na temporada oficial do Teatro Municipal de Dortmund, em maio. Em Paris, Rodolfo participará do Festival Brasileiro com «As Mãos de Eurídice». Anibale Ninch vai, depois de sua fabulosa criação de «Otelo» interpretar «As Mãos de Eurídice» no Teatro dei Comedianti em Roma. Talvez seja curioso dizer-lhe que, dentre as três peças estrangeiras selecionadas para a temporada oficial dêsse teatro em 1955, duas são «As Mãos de Eurídice» e «Os Inimigos não Mandam Flôres». Esta última será apresentada também em Paris, em setembro, na «Comédie Coumartin», por Juliette Gréco e Philippe Lemaire. A peça terá música especialmente escrita para ela por Van Parys, músico dos filmes de Marcel Carné. A canção da comédia será gravada, dentro de poucas semanas, por Juliette e começa assim: «Coest ce qu'on appelle un bon ménage, uni par les liens du mariage».

Ping — E' verdade que Marcel Achard queria representar «As Mãos de Eurídice»?

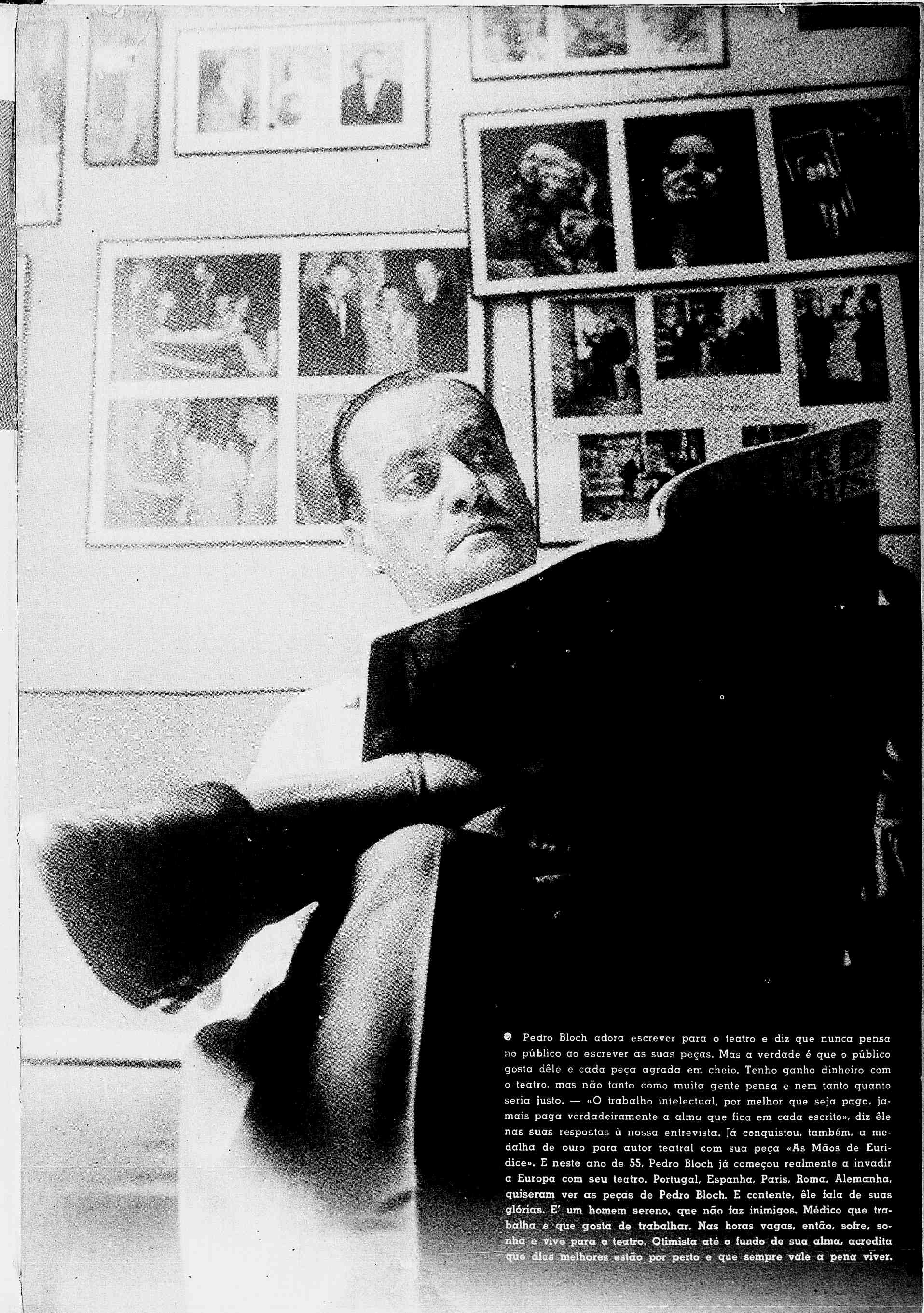
Pong — E'. Marcel Achard assistiu à minha peça em Madri, com o nosso Agostinho Olavo. Quis adaptá-la para o francês e êle mesmo representá-la, o que seria uma imensa honra para mim. Ocorre, porém, que eu já havia assumido compromisso com outro escritor. Quando se soube disso muita gente achou impossível que Marcel Achard quisesse representar. E' o que está acontecendo agora, pois êle representa na sua peça «Voulez-vous jouer avec môa».

Ping — E a peça que Edith Piaff ia representar?

Pong — E' a que a Gréco vai levar: «Os Inimigos não Mandam Flôres». Piaff só poderia estrear a peça em 56 e o tradutor francês preferiu entregá-la ao casal Gréco-Lemaire.

Ping — Valerá a pena viver?

Pong — Valerá sempre a pena viver enquanto existir a esperança de um mundo melhor. E o mundo melhor de amanhã, para mim, não é uma esperança mas a maior das certezas. As fôrças da destruição, da exploração do homem, serão eliminadas e o sal despontará para todos iluminando a mais bela das realidades: um homem digno da vida.



Pedro Bloch adora escrever para o teatro e diz que nunca pensa no público ao escrever as suas peças. Mas a verdade é que o público gosta dêle e cada peça agrada em cheio. Tenho ganho dinheiro com o teatro, mas não tanto como muita gente pensa e nem tanto quanto seria justo. — «O trabalho intelectual, por melhor que seja pago, jamais paga verdadeiramente a alma que fica em cada escrito», diz êle nas suas respostas à nossa entrevista. Já conquistou, também, a medalha de ouro para autor teatral com sua peça «As Mãos de Eurídice». E neste ano de 55, Pedro Bloch já começou realmente a invadir a Europa com seu teatro. Portugal, Espanha, Paris, Roma, Alemanha, quiseram ver as peças de Pedro Bloch. E contente, êle fala de suas glórias. E' um homem sereno, que não faz inimigos. Médico que trabalha e que gosta de trabalhar. Nas horas vagas, então, sofre, sonha e vive para o teatro. Otimista até o fundo de sua alma, acredita que dias melhores estão por perto e que sempre vale a pena viver.



Gago Coutinho: «Você sabe, eu agora sòmente sairei do Brasil em julho. Não gosto do frio de Portugal». Dois dias mais tarde estava em Portugal de onde já voltou e para onde regressará.

GAGO COUTINHO CADA VEZ MAIS MOÇO:

"ESTOU CASADO COM A AVENTURA"

DEMORADA PALESTRA COM O PRIMEIRO HOMEM QUE CRUZOU O OCEANO ATLÂNTICO NUM AVIÃO — AOS 86 ANOS DE IDADE AINDA SE CONSIDERA JOVEM, TÃO JOVEM QUE AINDA NÃO CASOU... — CONSIDERAÇÕES E ANÁLISE SÔBRE AS DUAS PÁTRIAS IRMÃS. O CASO GOA E A ATITUDE DO BRASIL

Entrevista de VINICIUS LIMA

(Fotos do repórter e do arquivo)

— Olha, rapaz, eu não falo sôbre política. Se você quer tratar de outro qualquer assunto, muito bem. Temos tempo de sobra porque eu só irei para Portugal em julho. (Viajou dois dias mais tarde). Aquilo está frio demais agora, e como Brasil e Portugal são a mesma coisa, eu aqui estou.

O velho almirante pegou a máquina fotográfica do repórter e disse enquanto examinava-a:

— «Que boa lente! E êsse «flash», é o tal eletrônico, não é? Em Portugal eu não sei se o pessoal da imprensa já está usando isso. Mas, voltando ao assunto: eu faço ponto aqui (redação da «Voz de Portugal») porque gosto do ambiente. Mas, como sou um jovem ainda, (86 anos) quando não há boa conversa vou andar por aí e lembrar os tempos do Rio antigo, olhar as belas mulheres brasileiras, (o almirante é solteirão) e recordar as serenatas de outrora.

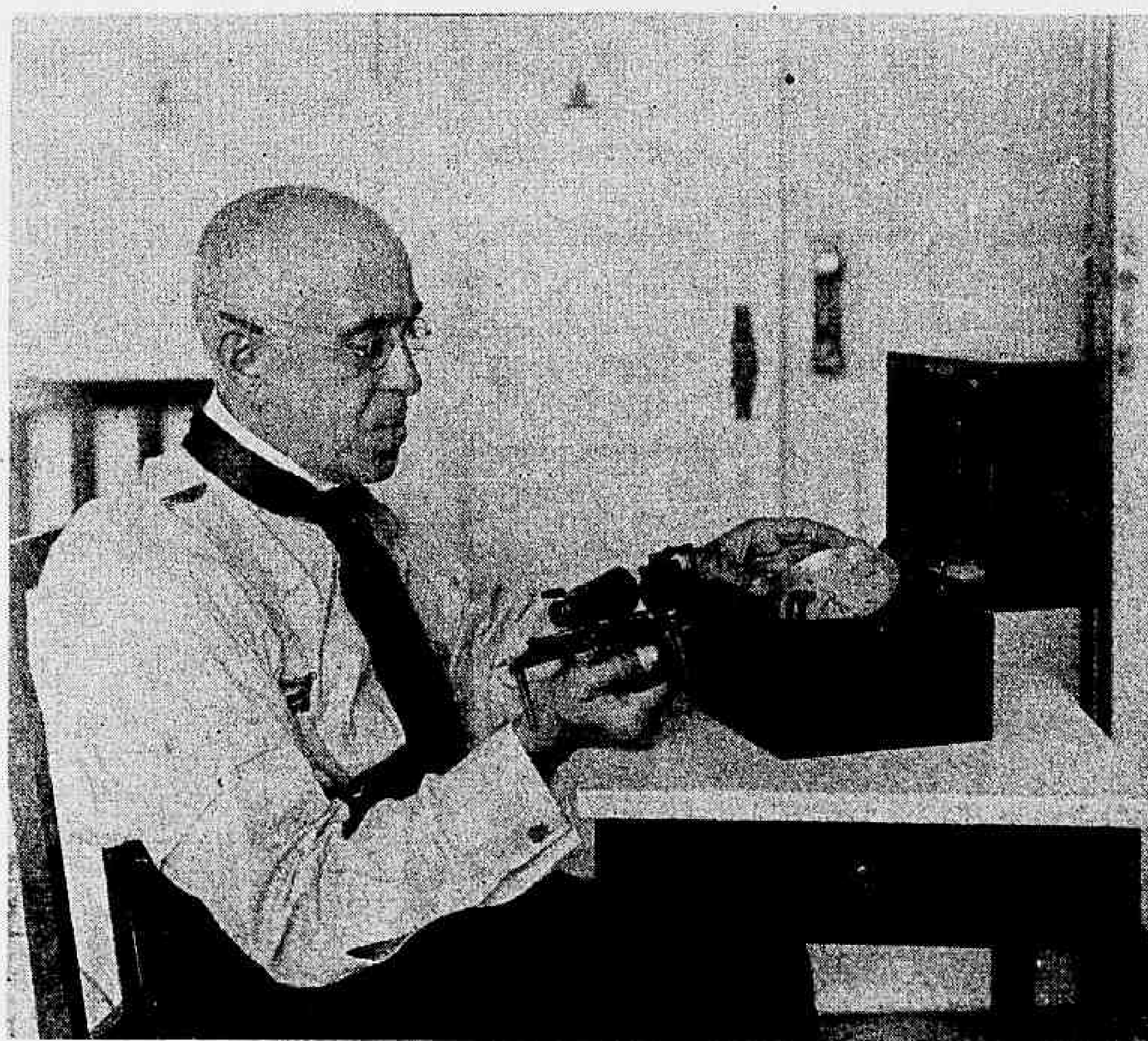
— «Ah, o Rio de outros tempos, sem os automóveis... Aquilo é que era Rio. Eu comprava uma passagem de bonde e ia ao Alto da Boa Vista. Foi num dêsses passeios que pensei em ir à África e cruzar o Continente Negro, o que fiz por duas vêzes, aliás».

O BRASIL E' GRANDE DEMAIS

Gago Coutinho é um homem de estatura mediana, meio curvado pela idade, magro, de olhos vivos e perscrutadores e semblante muito calmo. Fala pausadamente, de maneira simples. Não tem a mínima afetação. As palavras afluem-lhe dos lábios entreabertos em verdadeiras torrentes. Não distingue ninguém. E a prova é que quando estávamos palestrando, chegou um bispo que ia visitar o grande viajante. Gago Coutinho, ao vê-lo exclamou:

— Olá, bispo, essa batina deve estar fazendo calor. Vocês, os sacerdotes cumprem penitências interessantes. A batina com êste calor deve ser uma delas e a outra, deve ser conversar comigo. Acontece que às vêzes eu também cumpro penitências, e principalmente quando os repórteres me procuram... Mas, eu tinha na cabeça outra coisa, aqui para o jovem repórter da «REVISTA DA SEMANA». Pois bem. Eu tinha na cabeça, como ia dizendo, o futuro do Brasil. Pois é; êste país, dentro de uns poucos anos estará em grande prosperidade. O Brasil é grande demais e por isso mesmo ninguém tolherá o seu progresso. Uma terra como esta terá fatalmente que ocupar um lugar de destaque no universo. E sobretudo agora que já tem uma indústria petrolífera florescente.

EXAMINANDO O SEXTANTE FAMOSO



Em sua velha mesa de trabalho, quando examinava instrumentos de precisão. E' assim Gago Coutinho, conservador sob alguns aspectos e revolucionário com relação a outros. Cantnua amando a aviação e a vida. E ainda se lembra com alegria dos amôres de sua «primeira mocidade». Se êle amou? — «Bem, respondeu-nos o herói: depende do sentido da pergunta formulada. Eu sou um jovem».

«Eu conheço boa parte do Brasil. E foi viajando no território dêste Portugal grande que sacudi a cabeça: o avião voava, voava, voava e a gente chegava numa cidade brasileira. Voava-se mais um dia e mais outro, e ainda era Brasil. O Brasil, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, portuguêses integrados à vida. Cada brasileiro, neto ou bisneto de portuguêses. Isto no Pará, principalmente. Mas, apenas no Pará?

« Não, em menor ou maior escala, em todo o país. Daí o meu pensamento: o Brasil é um Portugal grande e Portugal é um Brasil pequeno. Tome nota disto.

Não é do seu tempo, mas deve saber que antigamente o Xisto, no teatro Recreio, era o maior humorista. Êle tinha um gôsto especial de escolher mulatas para o elenco. Nesse tempo, a coreografia não era a parte mais importante, mas sim a geografia das mulheres. Essa geografia, meu filho, obedecia ao princípio do caldeamento que no Brasil é uma verdadeira excessão.

UM SOLTEIRÃO. POR QUE?

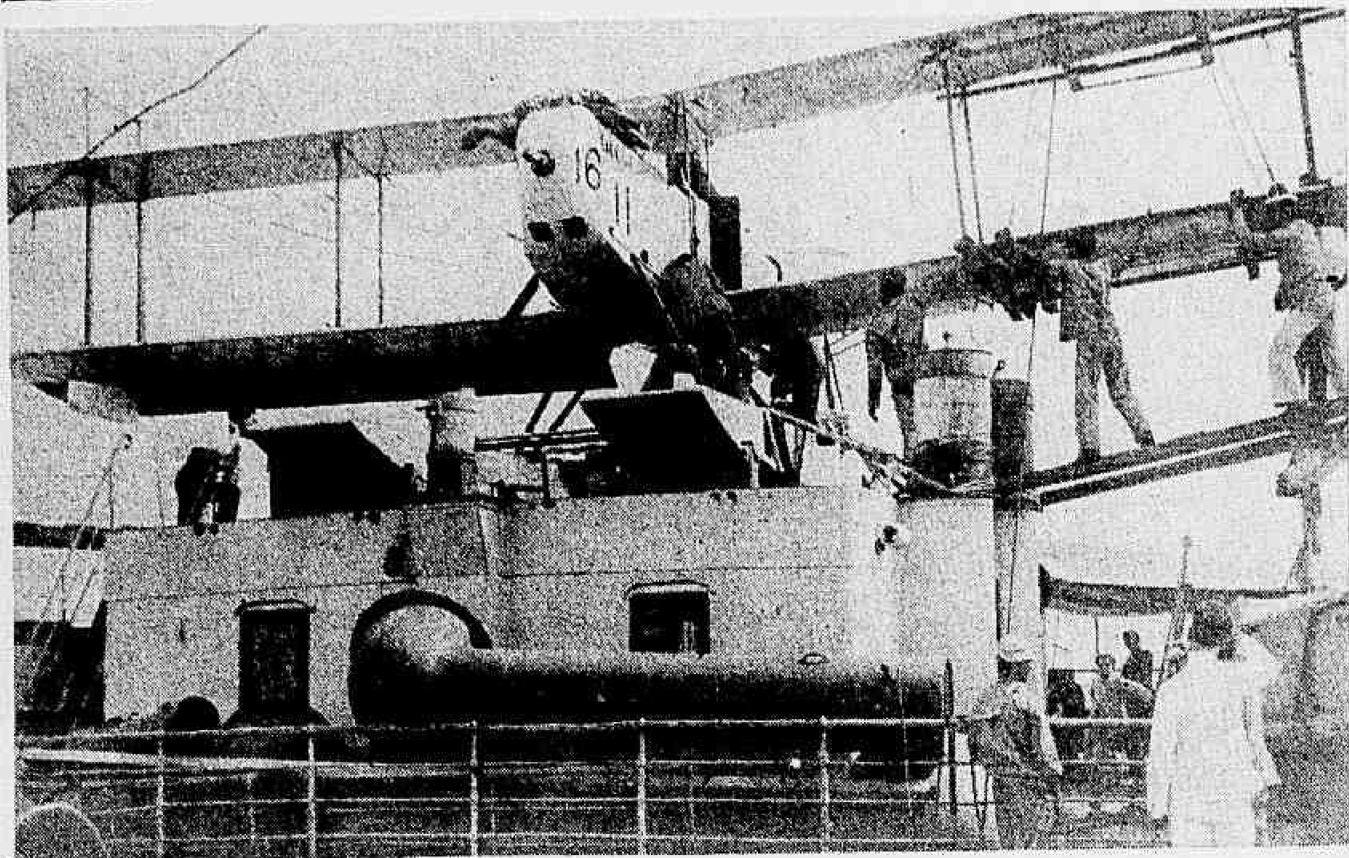
— Por que o almirante não casou?

— Não me pergunte.

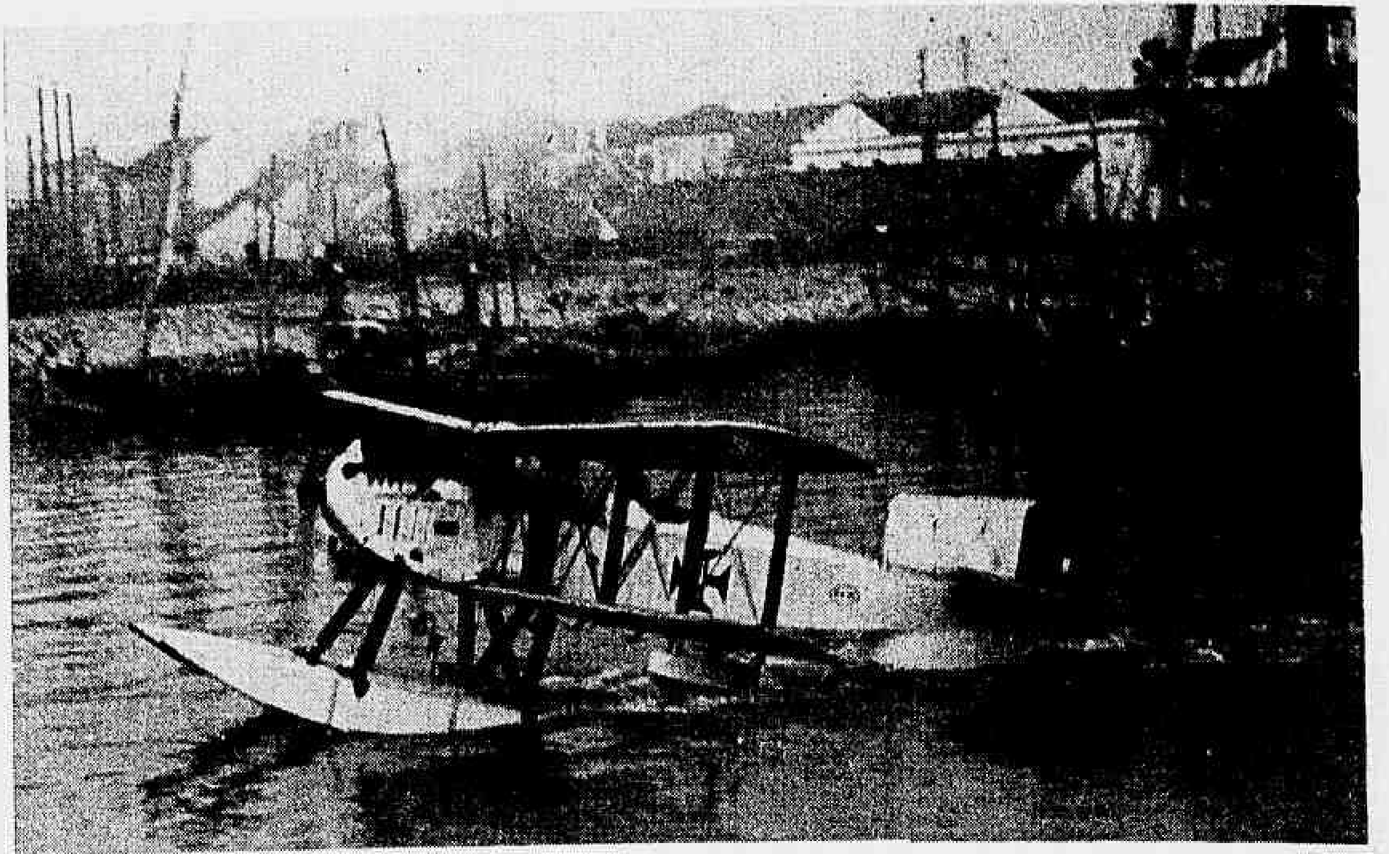
— Por que viaja tanto? E principalmente entre o Brasil e Portugal?

— Isto sim, tem resposta. Olhe aqui, veja o mapa do Brasil que fica na América do Sul, enquanto Portugal fica na Europa. Somos irmãos, pois não? E se a nossa pátria é dupla, tenho que cruzar o Atlântico para estar sempre em casa. Você pergunta porque estou

GAGO COUTINHO



O «Tamanco», sôbre a tôrre de um navio. Era tão pequeno que o seu porta-avião podia ser até uma lancha. Durante a travessia do Oceano Atlântico, o pequeno e valente aparelho trazia gasolina até na cabine.



Eis o famoso avião ao chegar ao Rio de Janeiro. Pintado de branco, o «Tamanco» deu umas voltas pelas proximidades do cais do pôrto, onde uma grande multidão curiosa comentava entusiasmada o grande feito.

solteiro. Mas é claro, eu sou casado com a aventura a serviço da humanidade.

UM HOMEM BOM — UM INTROSPECTIVO

Gago Coutinho gosta de estar à vontade. Conversando com amigos, recosta-se numa poltrona e às vêzes se esquece de que está sendo ouvido. Ninguém tem o direito de aparteá-lo, pois Gago Coutinho continua falando, falando, sem dar atenção às observações de outrem. Depois, então, é que diz mais ou menos assim:

— Você perguntou isto ou aquilo, mas eu estava longe, divagando, sonhando e possìvelmente pensando numa viagem...

— Uma viagem almirante?

— Agora mudei de idéia. Tome nota:

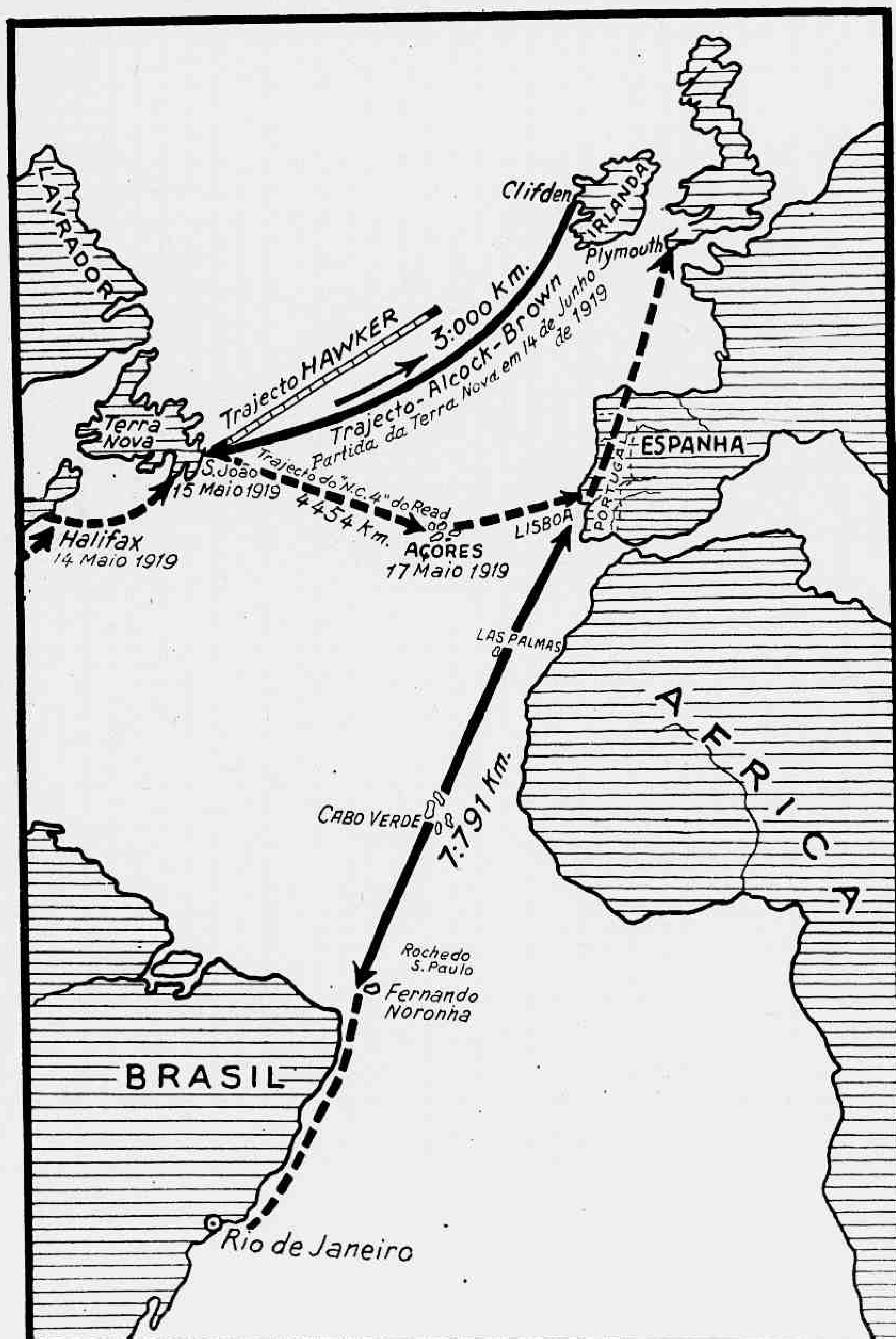
— Você sabe de uma coisa? Jamais na história da humanidade um país deu provas tão importantes de amizade, como o Brasil, recentemente, a respeito da disputa de Goa. Confesso que a atitude decidida do Brasil, colocando-se incondicionalmente ao lado de Portugal, desanimou aos indianos. Isto Portugal nunca esquecerá. Foi uma atitude energica que não deixou margem a comentários; enfim, uma atitude de irmão para irmão. Ao passo que, o tratado de amizade e consulta recentemente assinado, foi apenas uma formalidade, não necessitamos de assinar papéis porque há confiança recíproca. Confiança e tradição.

CAFÉ FILHO, GETÚLIO, QUALQUER UM...

À margem desta cordial entrevista mantida com o almirante Gago Coutinho, «REVISTA DA SEMANA», em reportagem já publicada, quis saber o que pensa o português comum, o homem de rua, de nosso presidente e da nossa gente. Eis o que respondeu Gago Coutinho:

— Para o português, basta que seja um presidente brasileiro que visite Portugal. Tanto faz ser Café Filho, como Getúlio ou qualquer outro. E' Presidente do Brasil? Pois merece todo o apoio, tôdas as manifestações. E' o Pedro, o José, o Antônio ou o Manuel? E' brasileiro? Não é Presidente? Não tem importância se é um brasileiro, que passa a ter logo tôdas as facilidades, porque a simpatia do português pelo brasileiro é natural, vem do coração. Agora mesmo prepara-se uma grande recepção para o Presidente do Brasil. Para o Presidente da República do Brasil, compreendeu?...

Mapa das 4 tentativas de travessia do Atlântico, consignando as distâncias vencidas por cada uma: o trajeto do pilôto Hawker (etapa 1) interrompido em pleno oceano; o "raid" de Aleok Brown, que atingiu três mil quilômetros, tendo sido interrompido entre a Inglaterra e a Irlanda. A etapa seguinte, assinalada pelo aviador Read, foi de 4.454 quilômetros. Finalmente, Gago Coutinho e Sacadura Cabral, após lutarem tenazmente contra os elementos, atingiram a rota total, ou seja: 7.791 quilômetros. Gago Coutinho, o sobrevivente do feito, quando olha o presente mapa, coça a cabeça e exclama: "E hoje a gente faz essa viagem brincando. Quanta diferença entre os modernos aviões e o meu pequenino "Tamanco".



«EU QUERO SOSSÊGO»

Gago Coutinho, não obstante a idade, é um incorrigível. Sua vida cheia de aventuras a serviço de sua pátria, é uma espécie de João Alberto português. Já atravessou por duas vêzes a África, a pé. Foi o primeiro a cruzar o Atlântico (com Sacadura Cabral) num avião. E é êsse mesmo homem que falou desta maneira ao repórter.

— «Eu quero sossêgo. Vou descansar aqui no Brasil até julho».

E sabem o que aconteceu? Dois dias mais tarde o homem voava para Portugal e oito dias após estava no Brasil novamente.

E' assim o bravo Gago Coutinho. Um homem que apesar da idade não envelheceu. Simples e valente. E é por isso mesmo que Portugal o venera, tanto quanto o Brasil.

O mês de abril será de muito movimento

PETER

● *O mês de abril começou com a passagem (rapidíssima) de Mary Martin e a ida, para os "Stattes" de Carmem (a baiana) Miranda. Depois de ter ameaçado que viria, por várias vêzes, ao Rio, Carmem veio mesmo e ficou três meses. Falou-se em divórcio e coisas outras, mas a grande verdade era um cansaço que a cantora combateu ficando quieta por um mês, e, em seguida, levando uma vida intensa, agitada e noturna. Aonde ia, era recebida com tôdas as honras ao seu sucesso e lágrimas à velha saudade. Mas, o que importa, volta curada. Que continue tendo sucesso e que seja verde o vale de San Fernando. Mas, o movimento social que havia parado logo após o Carnaval, como se todos estivessem recondicionando as respectivas máquinas, vai recomeçar, com grande fôrça, em abril. Vários casamentos estão marcados (dois no Rio e um em Petrópolis, lembro-me bem, sem precisar consultar as notas), jantares (inclusive um volante) e algumas reuniões de caridade, como almoços, jantares e apresentações teatrais (Patronato da Gávea e Capela da Escola Dominicana de Juiz de Fora). Enfim, o mês de abril promete ser dos mais movimentados.*



Ela continuará a sua embaixada em valor da música brasileira.

O sr. e sra. Alberto Proença de Faria partiram para o Pacífico, em companhia do sr. Raimundo de Castro Maia. Trata-se de grandes pescadores, êste último famoso por ter fisgado o primeiro Marlim, em águas brasileiras. Vão para um clube de pesca fundado por milionários americanos do norte e do sul, todos percadores apaixonados.

★

No dia da estréia de Tônia Carrero, no TBC do Rio, a atriz recebeu uma «corbeille» de rosas do seu tamanho, presente de seu pai. Aliás, outra noite, elogiou-se muito a atuação da bonita Carrero.

★

Na lista dos acontecimentos de abril, esta coluna registra o embarque do sr. e sra. Jorge Guinle, com destino aos Estados Unidos. Êste excelente casal ficará três semanas naquele país, em visita à família da sra. Dolores Guinle.

No Clube do Cinema, com a apresentação de todos os atuais grandes artistas, lançados por Luís Vassalo, houve uma homenagem a êste dinâmico homem do rádio.

★

Numa belíssima festa e grande desfile, o Tijuca Tênis Clube prestou homenagem ao sr. Ribeiro Martins cujo programa «Desfiles Bangu» completava seu terceiro aniversário. O criador e animador desta parada de elegância foi cumprimentado pelos cronistas Jacinto de Thormes, Gilberto Trompowski e José Mauro que enfrentaram o microfone. Falaram ainda, a srta. Gilda Robichez e o figurinista José Ronaldo, colaboradores do programa. O sr. Ribeiro Martins recebeu do clube uma placa de prata comemorativa. A vencedora do desfile, isto é, a moça que representará o Tijuca na escolha de «Miss Bangu» foi a srta. Maria Terezinha Santiago, secundada pela srta. Maria Magdala Barreto. A srta. Sônia Carneiro, presente à festa, concordou que a srta. Maria Terezinha é uma candidata fortíssima ao título máximo.



A Duquesa de Kent e seu filho foram ao aeroporto dizer adeus ao Rei Humberto

No dia 11 de abril, temos o casamento do sr. João Carlos Braga com a srta. Maria Cristina Monteiro de Castro, «ex-glamour girl». Será madrinha da noiva a sra. Helo Williamsens.

— No dia 15, casamento do sr. Murilo Gondim com a srta. Helena Prazeres, na Catedral de Petrópolis. Será padrinho do noivo, no civil, o sr. Daniel Tolipan.

— No dia 23, casamento do sr. Emílio Grandmasson Salgado, filho do ministro Salgado Filho, com a srta. Helena Palhares, neta do sr. Peixoto de Castro.

Das poucas notícias estampadas nesta coluna, pode-se concluir que o mês será de grande movimento social, com subidas de serra e tudo, se me permitem.

★

Depois de longamente afastada, voltou a freqüentar com sucesso e constância a sra. Bia Coutinho. Por outro lado, em São Paulo, apareceu a beleza e elegância da sra. Ivone Monteiro, na reabertura da temporada de golfe. Ainda da capital paulista chegou a srta. Baby Morais Pinto, campeã de verões em Punta Del Este e sempre uma grande simpatia.

★

No sábado que passou, o sr. Ibrahim Sued deu início ao seu programa de rádio. Diretamente do «Vogue», falaram, na ocasião, o sr. e sra. Adolfo Cláudio Graça Couto, sr. Jorge Guinle, sr. Zacarias do Rêgo Monteiro e muitas pessoas mais. O cronista Ibrahim Sued lança-se, assim, num novo gênero.

★

Na Rádio Continental, o sr. Ronaldo Altílio deu início a um novo programa social. Demora-se quinze minutos por dia no ar, o que quer dizer muito trabalho. Quase todos os cronistas do setor foram à inauguração.

★

No momento em que escrevo esta coluna, estão programando uma grande festa, a rigor, na «boite» do Plaza. Será de Aleluia.

VELHICE

Conto de THEREZA DE ALMEIDA

Desenho de DAREL

SEU Bráulio tinha mais sulcos na cara que terra recém lavrada; pele escura, nariz grande, beiço espichado, parecia um rancho tocado pela ventania, escorando-se mal e mal a um poste deixado por descuido contra uma das paredes. Velho como estava, acabando-se de inverno para inverno, branqueando a cabeleira ainda farta, passava os dias remanchando pelo galpão, espiando a estrada, escutando as conversas e dando seu ajutório em qualquer trabalho a trôco de pouso e de comida. Falava pouco, fumava e bebia um quase nada em dias de minuano muito forte. E ia levando a vida, escorado decerto numa vontade muito grande de viver.

Era homem quieto que gostava de ficar a um canto remendando rédeas e caronas e trançando laços com muito capricho para o patrão repartir entre os amigos da cidade. Em manhãs de sábado, no entanto, levantava alvoroçado, fazia o mate, ajeitava o galpão, depois se punha a caminhar, a olhar o corredor cuidando quem passava, querendo adivinhar quem ia montado naquele douradilho faceiro, a teimar que só o Juca do Espinilho tinha afoiteza para sair à luz do sol com aquêle pelegão roxo que era um acinte para os olhos, a rezingar que ninguém tinha vista como a sua e que os homens de agora eram uns maulas que só sabiam dançar rancheira, atar a cola dos cavalos e tirar o chapéu, sérios e medrosos, dizendo para as mulheres: — Bom dia, dona. Como passa, dona? — e nada mais. Frouxos, perdidos, sem valor como os pêssegos que bicham antes de amadurecer.

— Disso aí — e êle espichava mais o beiço caído, referindo-se à peonada que o escutava divertida — disso aí, nem tirando às talhadas, como em pêssego ruim prá fazer doce; nem tirando o caroço para fazer licor. Tudo porcaria. Safra pesteada, essa de vocês.

Os peões riam e lhe passavam o mate. Estavam habituados às manhãs de sábado, acostumados a ver o velho andar de ponta a ponta no galpão, olhando para fora, olhando para os cantos, ajeitando o cinturão, coçando a cabeça, numa desinquietude que, no fim, irritava.

— Que é que o senhor procura, Seu Bráulio?

— Ando campeando serviço, homem, que não sei ficar sem ter o que fazer.

Se não encontrava entretimento para seus dedos punha-se, desde cedo, a afiar a velha faca, com cuidado, quase com amor. Fazia-a brilhar ao sol e seu reflexo parecia luzir nos olhos amortecidos. Chairava-a de novo e experimentava o fio na pele dura dos dedos, num pedaço de capim, numa tira de lonca, e tornava a chairar, sempre insatisfeito com o resultado, mas por volta do meio dia metia-a na bainha como resolvido a deixar o resto para depois e voltava à frente do galpão procurando identificar quem passasse na estrada, mostrando-se alegre e desconfiado quando surgia um cavalo de pêlo estranho, um chapéu, um homem, um pelego a que seus olhos não estavam habituados e então seguia-os com a vista até que passassem para além da porteira ou entrassem no quadro. Seu Bráulio parecia querer encontrar um conhecido entre todos os estranhos que cruzavam diante da estância.

★

— Seu Bráulio, o senhor achou distração?

— Qual, rapaz! Não vê que estou chairando prá matar tempo?

— Então dê um jeito nesta cincha. Ah, o senhor não viu por aí a minha badana? Desde tresantonte não boto meus olhos nela.

— Não bota de relaxado. Os perdidos de vocês estão lá no canto; vai procurar naquela pilha. Uns homens de barba na cara e perdendo as pilchas que nem criança. Não tem vergonha? Êta safra bem ruim! Não há de vir uma revolução prá limpar um pouco a redondeza? Tem prá mais de meia dúzia aí que se fôssem numa «reculuta» não faziam falta cá por estas bandas.

Seu Bráulio espicha o beiço e olha enviezado para ver que cara fazem os peões, mas só lhe dão por resposta uma risada comprida e êle também ri. Depois começa a dar jeito na cincha de Luciano e se entrega aos pensamentos que o rodeiam em manhãs de sábado como esta e o espicaçam na procura antiga que o vem levando através dos anos.

De vez em vez um vulto mais desempenado, passando a trotinho pelo corredor, lhe aviva os olhos e o faz erguer ligeiro do banco de cortiça. Depois pensa:

— Mas, que diabo, o homem não pode estar tão moço assim. — E senta de novo, resmungando com a dor que lhe espeta as costas.

Seu Bráulio procura, no vulto de quem passa, um homem para o qual, anos a fio, vem chairando seu facão. Sabe que êsse homem não tem mais o viço e o desempenho da mocidade como quando o conheceu; sabe, mas se esquece, e então qualquer homem corpulento, de ares atrevidos, lhe faz o sangue correr mais ligeiro e levar os dedos meio trêmulos ao cabo de chifre enfeitado de estrêlas. Os anos passaram. Seu Bráulio e o homem que êle procura envelheceram, mas é difícil pensar que encontrará ao alcance de suas mãos e da lâmina afiada um homem gasto como êle, judiado pelo tempo e pela vida, e como os pensamentos se acham voltados para o passado, procurando avivar aquêle ódio como um fogo, o homem lhe aparece moço como então, lutando firme, escorrendo suor pelo rosto liso enquanto lhe atira a última facada, passa a mão na mulher e a leva.

Nas manhãs de sábado o velho recorda o dia em que brigou a talhos com Antônio pela mulher que ambos cortejavam. Das marcas que traz no corpo nenhuma lhe doeu tanto como não ter podido vingar-se.

O homem sumira. E de longe e depois de muitos meses soubera que a mulher fôra atirada a um daqueles ranchos que rodeiam o casario de Rosário. Antônio, de certo, seguira pela vida sem remorsos, orgulhoso de mais uma vitória e pouco se importando por que mãos passasse a china. Bonita como era haveria de arrumar-se. O caso é que não gostava de ver Bráulio tirando o chapéu para a prenda sôbre a qual pusera os olhos e ao saber, depois de uma volteada pelo Caverá, que Bráulio a tinha em casa desde algum tempo, resolvera ir ao rancho e terminar a facão aquêle arreglo. Era questão de ser homem e o foi. Apenas, como coisa secundária, largara a mulher mais adiante, por puro fastio, que mulher muito conhecida lhe dava enjôo. Talvez soubesse que Bráulio o procurara durante anos. As últimas notícias corridas no rincão diziam que Antônio estava prêso no Uruguai por questões de contrabando. Então Bráulio interrompera as longas viagens cortando campo, as perguntas nos bolichos, as chegadas súbitas aos rinhadeiros, às canchas retas, às mesas de truco, e se acomodara na Estância do Guabiju para esperar. Até hoje estava esperando e era simplesmente isto que o mantinha em pé.

À tardinha, quando Seu Bráulio encostou a pipa ao lado da casa e desuniu os bois, viu dois cavalos soltos no quadro e entrou no galpão, suarento, cansado, para observar quem chegara, mais por fôrça do hábito que por curiosidade.

Um velho tomava mate com o capataz e um rapazote ajeitava a um canto, num tinido de ferros, arreios e malas de garupa.

Os peões foram se chegando, fazendo roda e rindo, que as histórias do velho eram picantes e, ao fim das gargalhadas, êle dizia:

— Parece mentira, minha gente, mas são coisas que eu fiz. E vou contar mais.

Seu Bráulio aproximou-se, sentou no banco de três pernas e ficou ouvindo a conversa do forasteiro; e riu, junto com os outros, dos sarilhos e das danações que o homem velho fizera em sua mocidade distante.



— Puxa! Mas o senhor não deu sossêgo para o mulherio do seu rincão. — disse um dos peões.

— Qual, minha gente! Isto que eu conto ainda é pouco. A mim só me chamavam o Antônio das moças. Por algo seria!

Bráulio ergueu a cabeça e o velho, pensando que lhe punham em dúvida as palavras, virou-se bem de frente e, notando a cabeleira branca do outro, indagou-lhe:

— O senhor deve ser do meu tempo e se morou no rincão dos Lourenço de certo ouviu falar. Não se lembra?

Se não fôsse o nome, aquêle velho poderia trilhar todos os dias pela frente da estância, num vai e vem de formiga, que Bráulio não lhe daria importância. A cara do velho não dizia nada. Coberta de rugas, macilenta, fruta da qual haviam extraído o suco deixando o bagaço sem serventia. Quando o velho ficava em silêncio, como agora, as rugas endureciam e todo o rosto era como a máscara lívida de um defunto.

Seu Bráulio não abriu a bôca para responder. Foi se erguendo sem tirar os olhos do velho, pôs as mãos sôbre a mesa e quase se debruçou fitando o homem cara a cara.

— Antônio das Moças, Antônio Ladrão, Antônio das Rancheiras... — Todos os nomes passavam-lhe na cabeça e os acontecimentos, as brigas, os talhos, os roubos de mulher, os bailes terminados em sangue, tudo lhe vinha aos olhos; até mesmo a cara da mulher há tanto esquecida, aparecia-lhe agora com as tranças pendidas e o rosto voltado para atrás, fitando-o ainda do alto da garupa do rosilho onde a pusera Antônio. Até os olhos da china, o riso áspero do homem, o rancho vazio, o sangue escorrendo, quente e lustroso, o último talho, tudo lhe vinha em rajadas ao pensamento, (que coisa estranha lhe acontecia?) não podia sentir ódio. Tinha a mão tremendo no cabo da faca e lhe faltava o ânimo de sacá-la da bainha. Estava sob os seus olhos, ao alcance de um só talho certeiro aquêle homem tanto tempo procurado em sêde de sangue e de súbito, buscando dentro de si mesmo, já não encontrava o antigo desejo de matá-lo. A mão do homem que o fitava — esperando a resposta tremia acendendo um crioulo e Bráulio notou que os ossos se desenhavam sob a pele e que as juntas pareciam nós de um couro mais escuro. Bráulio evocou, num último esfôrço, o riso mau do vencedor quando partia, deixando-o quase morto ao pé da figueira, mas foi inútil. A raiva se desfizera com o rolar dos anos.

— Não. Não me lembro. — Deu meia volta e foi ajeitar a cama.

Enquanto estendia um poncho velho de lã porque a noite lhe parecera, de repente, muito fria, pensou:

— Puxa, se eu pegasse êsse velho há vinte anos atrás êle não tinha vida para o amanhecer, mas sangrar assim no mais não tem graça. Os tempos de agora são outros. A gente está mui velho e essas coisas de talho são para os moços. Que diabo! Velhice é como ferrugem: gasta tudo, até raiva.



O nosso outono suave não requer tecidos pesados; apenas os modelos tornam-se mais severos que os de verão, tanto no corte, quanto nos detalhes. Com essa orientação, Lauritzen Bern criou esta página de bonitos modelos em séda grossa.

CINZA é a côr da moda para o outono. Discreta, elegante, realça a silhueta e põe em evidência os acessórios. O modêlo em cinza apresenta curioso detalhe no decote.

SAIA BRANCA E BLUSA NEGRA, podem constituir bonita tualete para as tardes elegantes, se a blusa fôr em séda leve, com mangas franzidas e tiver uma gola de efeito.

ASACO EM SÊDA VERDE, forrado em estamparia com motivos miúdos, dá um aspecto outonal ao vestido branco. Luvas brancas e chapeu negro completam o conjunto.

EM pesada SÊDA ROSA, é o último modêlo, de linhas severas, acentuadas pela gola echarpe bem fechada. Apesar da seriedade do feitio emana do conjunto um ar "jeune fille", acentuado pelo chapeu com aba levantada. (Criações e desenhos de Lauritzen Bern exclusivos para a REVISTA DA SEMANA).



Modas de Outono



O Santo Guerreiro é da paz

● *"As aparências enganam: São Jorge, santo por excelência guerreiro, é em verdade o mais pacífico de todos. Porque a sua lança vale por um símbolo para a destruição do Mal, e quem o fizer há de por fôrça trabalhar pelo predomínio do Bem, obra de pacificação por excelência. O uniforme bélico de São Jorge — tal como o de Santa Joana d'Arc — é bélico só aparentemente, pois nêle transparece, apenas, a visão plástica do milagre que eliminou o dragão, outro símbolo da luta em prol da comunhão dos espíritos. Eis porque, amigos, vive São Jorge no coração do povo brasileiro de tôdas as classes."*

FÁTIMA — Revelação dos Três Pastôres

Por MÁRIO SALGUEIRO

(CAPÍTULO XIII)

Desenho de RAMÓN

(Exclusividade no Brasil, para a REVISTA DA SEMANA. Reprodução interdita no todo, ou em parte)

JÁ anoitecia quando voltou à casa e enquanto esperava a ceia, sentou-se no quintal e não mais se podendo conter, chorou. Feita a última refeição, ainda mais uma vez saiu para o ar livre, pois queria despedir-se de tudo, do ar, da noite e também das suas ovelhinhas às quais carinhosamente afagou uma a uma.

A PARTIDA

Antes de deitar-se, Lúcia havia arrumado uma trouxa com as poucas roupas que possuía. Dêste modo, já há muito estava acordada, quando sua mãe, Maria Rosa, foi despertá-la às duas horas da manhã, dizendo que estava na hora da partida. Depois de vestidas, saíram mãe e filha.

Acompanhadas por um vizinho, a sra. Maria Rosa e Lúcia seguiram pela noite estrelada. Quando passaram pela Cova da Iria, entraram para fazer uma oração na capelinha. Ao saírem, Lúcia, enquanto lhe foi possível, voltava-se para trás a fim de avistar pela última vez o local das aparições.

A pastôra teve a companhia de sua mãe até Leiria. Aí encontrou uma senhora amiga que a levaria no trem de Alfarelos, para o norte. Nenhum instante foi para a pequena mais doloroso do que aquêle em que teve que se despedir definitivamente de d. Maria Rosa.

No dia seguinte Lúcia chegava ao Pôrto e entrava pela primeira vez no Asilo de Vilar, dirigido por Doroteas e onde a sua vida iria tomar um rumo tão diverso do que tinha até então.

PRIMEIRO DIA NO ASILO

Quando Lúcia e a senhora que a acompanhava alcançaram o portão do Asilo de Vilar, foram informadas pela irmã-porteira de que naquele instante tinha tido início a missa. Dirigiram-se ambas então para a capela e lá a pastôra rezou e comungou. Terminada a missa, foram procuradas pelo Capelão e pela Madre Diretora do Asilo. Esta, não pôde deixar de conter-se e disse baixo para o Capelão, logo depois do primeiro olhar lançado a Lúcia:

— Mas isto é um bicho do mato!

O aspeto rude da pastôra e a sua fisionomia carregada impressionaram bastante a diretora que já antes de a conhecer, havia se recusado a recebê-la no asilo, receando as complicações que daí podiam advir. Sòmente depois de muita insistência do Capelão, concordou em aceitá-la.

MUDANÇA DE NOME

Foi esta a primeira palestra que Lúcia teve com a diretora:

— Quando lhe perguntarem como se chama, responda: chamo-me Maria das Dores.

— Sim, senhora diretora.

— Quando lhe perguntarem de que terra é, responda: sou de perto de Lisboa.

— Sim, senhora diretora.

— A respeito do que se passou em Fátima, nunca mais fale disso a ninguém, nada pergunte, nada responda.

— Sim, senhora diretora.

— Não sairá a passeio com as outras meninas, mas não dirá porque não sai, ouviu?

— Sim, senhora diretora.

Assim, mais uma vez Lúcia concordou com o que lhe ordenavam e nem uma vez sequer foi preciso repetir-lhe estas recomendações.

Logo depois Lúcia, já uniformisada, foi apresentada às suas companheiras e permaneceu entre elas como disse mais tarde:

— Eu fiquei entre as outras como as outras.

O PERÍODO DE ADAPTAÇÃO

Logo no entanto começaram a espalhar-se boatos de que Lúcia estava no Asilo de Vilar e muitas pessoas ali vinham perguntar por ela. Logo obtinham a resposta de que ali não se encontrava nenhuma Lúcia. Enquanto isto se dava, ocorria o período de adaptação da pequena à sua nova vida. Foram difíceis os primeiros dias. Aquela vida de certo modo prêsa, para quem estava habituada a viver em ampla liberdade, tinha que forçosamente influir no temperamento da pastôra. Muitas vêzes dominava-a uma grande melancolia e em outras ocasiões tornava-se irritada e chegava a discutir com as colegas.

> **RESUMO DA PARTE PUBLICADA**
>
> **No ano de 1922 recomeçaram as boas relações do Estado com a Igreja, procurando o govêrno republicano dar aos católicos portuguêses garantias que os afastassem das lutas políticas. O bom entendimento prosseguiu superando tôdas as manifestações de impiedade, sendo a imagem de Nossa Senhora de Fátima levada em jornada triunfal desde a Cova da Iria até Lisboa, onde se realizou em 1946 a gigantesca procissão que transportou a Santa do Campo Pequeno para a Sé Patriarcal. A êsse tempo já não havia desde Lisboa até aos confins da Oceania um único núcleo de cristãos que não se dedicasse ao culto da milagrosa santa. Quando Lúcia completou quatorze anos, as autoridades eclesiásticas resolveram educá-la em um bom colégio, deliberando afastá-la para local em que ficasse ignorada de todos a fim de evitar-lhe perguntas impertinentes de curiosos de tôda espécie.**

QUATRO ANOS DEPOIS

Aos poucos Lúcia foi se integrando na sua nova vida e, a par com as primeiras noções de cálculo e leitura, eram-lhe ensinados também costura, dactilografia, bordados e muitas outras coisas. Assim se passaram os primeiros anos de estada no asilo e nem uma vez a pequena ouviu falar de Fátima ou perguntou o que por lá se passava. Isto se dava devido a ordens terminantes da diretora, pois ainda não havia nenhuma certeza sôbre a autenticidade dos fatos ocorridos na Cova da Iria e a superiora achava preferível ignorá-los totalmente. Lúcia também levava tão a sério a promessa que havia feito ao ingressar no asilo, que mesmo quando a mãe a visitava, não fazia perguntas sôbre os parentes e conhecidos de Fátima, embora o seu maior desejo fôsse saber o que lá se passava. Diz-nos Antero de Figueiredo: «Ela anunciava já o que um dia havia de ser: a sujeição exata, a obediência completa, a humildade perfeita. Lúcia que, em Fátima e fora de Fátima fôra acarinhada por tantos e por tantos admirada em pensamento, uma vez em Vilar, vê-se tratada sem a menor consideração pelos superiores, mas, humilde, a tudo se submete, silenciosa e simples».

A VIDA NO COLÉGIO

O que mais entristecia Lúcia, no decorrer da vida que agora levava no colégio, tão diferente de Fátima, era a ignorância em que se mantinha a respeito do que se passava em sua terra. Talvez fôsse até melhor assim, pois justamente por essa ocasião ocorriam em Leiria os distúrbios que já foram por nós relatados, quando a capelinha das aparições foi dinamitada e sòmente pôde ser reerguida devido aos esforços de almas piedosas. Ainda era êsse também o tempo em que foram proibidas pelo Administrador as peregrinações ao local onde a Virgem aparecera, sem que no entanto os fiéis levassem em consideração as ordens recebidas.

Enquanto tais fatos ocorriam em Fátima, Lúcia continuava passando pacatamente os seus dias no colégio. Além das atribuições que já possuía, foi mais tarde encarregada de, durante o recreio, tomar conta das meninas menores. Contava-lhes histórias e tinha especial predileção pelas narrações que falavam de Nossa Senhora.

E' Antero de Figueiredo, quem nos conta o seguinte episódio, onde se nota a modéstia de Lúcia:

«Uma vez, foi ao «Asilo» um fotógrafo para tirar um grupo de educandas. Alvorôço de pombas quando lhes batem as palmas! Contentes, arranjam os vestidos, ajeitam os cabelos, estudam as atitudes, buscam expressões graciosas. Tudo prestes, já o artista da objetiva e da câmara escura, levanta as mãos, pede um mo-

mento de atenção e, mesurado, implora de tôdas um ar risonho:

— Pensem em coisas alegres!

Elas não se têm e riem às gargalhadas!

— E' demais!

Aquietam-se, sorridentes.

— Assim!

Nisto, nota-se que falta alguém:

— A Maria das Dores? Onde está a Maria das Dores?

O fotógrafo suspende a operação. Correm a procurar Lúcia. Encontram-na refugiada num canto de escusa sala de aula.

— Anda daí. Estamos todos à tua espera.

— Para que?

— Para tirarmos o retrato.

— Ora, ora!

E não foi».

Lúcia procura seguir sempre esta frase da «Imitação»: «Procurai sempre passar ignorado e tido em pequena conta».

A par da humildade e modéstia, é no entanto bastante espirituosa e está sempre alegre. A piedade é uma das suas maiores virtudes. Na noite de S. João, estavam tôdas as meninas do colégio ansiosas por assistirem à queima dos fogos que se efetuaria durante aquela véspera de S. João ali perto no Palácio de Cristal, quando Lúcia soube que um visinho estava à morte e recusava-se a confessar. Seu coração sùbitamente entristeceu-se. Depois de alguns momentos em que permaneceu absorta nos seus pensamentos, a pequena vidente aproximou-se das companheiras e propôs-lhes que se retirassem para dentro do colégio, sem verem o espetáculo maravilhoso da queima dos fogos. Êste sacrifício seria oferecido em honra de Nossa Senhora, pedindo a conversão do moribundo. Tal era o conceito de Lúcia entre as companheiras, que tôdas acataram a sua idéia, sem hesitações.

● FIM DE EDUCAÇÃO EM VILAR

Estava quase terminado o seu tempo de aprendizado no colégio e muitas modificações poderiam ser notadas naquela Lúcia que foi recebida pela superiora, no primeiro dia, com bastante apreensão e até um pouco de má vontade, antecipando as complicações que a presença da pequena poderia trazer ao educandário. No entanto, nada do que estava previsto aconteceu. A pastôra fêz grandes progressos. Seu gênio estava completamente dominado e ela havia perdido o seu aspecto rude, tornando-se por vêzes de tal modo delicada que impressionava a todos que a haviam conhecido nos primeiros dias. De tudo que lhe foi ensinado no colégio, mostrou maior queda para os bordados e costuras.

● VOCAÇÃO RELIGIOSA

Aos poucos ia despertando em Lúcia a vocação religiosa. Seu livro predileto era a vida de Santa Teresa do Menino Jesus e certo dia comunicou à diretora do colégio o seu desejo de tornar-se Carmelita. Fizeram-na desistir da idéia, dizendo-lhe que procurasse uma ordem com uma «Regra» mais simples.

Lúcia não voltou a falar no seu grande desejo e certa vez, sendo interrogada pela diretora se havia desistido da idéia de tornar-se religiosa, respondeu-lhe:

— A Senhora disse-me que era melhor esperar eu ter mais idade, e assim tenho feito.

Já tinha então dezoito anos e isso prova a sua completa obediência às ordens superiores. Esta será uma das suas virtudes mais características daí por diante.

(Cont. na pág. 46)





UM POUCO DE BELEZA

GINÁSTICA AO TELEFONE

Mesmo enquanto você está telefonando às amigas ou à «êle», poderá executar seus exercícios de ginástica para os músculos das pernas e cadeiras. E' só fazer como Dolores Dorm, estrêla da Warner — que dá suas telefonemas espichada sôbre um tapête macio: levante uma perna, dobre os joelhos e com a mão desocupada force a perna para trás, conservando-a no alto. Depois solte a mão, estique a perna, e abaixe-a devagar, até encontrar a outra. Repita êsse exercício, no comêço umas dez vêzes com cada perna. Depois, aos poucos, passe para vinte vêzes. Pode ser que nos primeiros dias (principalmente se anda com os músculos meio enferrujados) sinta as pernas ligeiramente doloridas. Mas isso é sinal de que a ginástica está agindo bem.

O TRATAMENTO DOS CRAVOS

A existência de muitos cravos no rosto não é apenas problema de beleza. Naturalmente que você poderá ajudar a melhorar a aparência de sua pele tratando-a localmente, porém, um caso persistente de muitos cravos deve ser pôsto sob as vistas de um médico, pois é sempre manifestação de alguma coisa que não vai muito bem no organismo. Pode ser, por exemplo, devido à alimentação ou a um distúrbio glandular. Pode ser causado por uma infecção, ou uma alergia Enquanto a causa não fôr corrigida os cravos não desaparecerão.

Um tratamento local, em casa, pode ajudar a cura aconselhada pelo médico.

Para começar, cuide de que sua pele esteja sempre limpa. Tôdas as noites lave-a muito bem, particularmente junto à raiz dos cabelos.

Se os cravos têm cabecinhas negras, remova-os cuidadosamente com a ponta dos dedos protegida por uma gase esterilizada. Assim que tiver retirado tudo ponha por cima um chumacinho de algodão embebido em álcool, ou outro desinfetante, e deixe cinco minutos.

A matéria que saiu do cravo é infecciosa e não deve tocar a pele sã, com risco de aparecer aí outra zona de cravos.

Assim que retirar o algodão com álcool ou desinfetante, ponha um pouquinho de bicarbonato de sódio, misturado com um pouco de álcool, para ajudar a secar e fechar o poro aberto.

Tenha muito cuidado com suas esponjas de pó ou de rouge. O melhor é mesmo aboli-las e usar no seu lugar um chumacinho de algodão para cada aplicação.

Ajude o tratamento que lhe foi aconselhado por seu médico bebendo bastante água, e deixando de lado alimentos muito temperados ou muito fortes, como chocolate, pimenta, mostarda, frituras e pastelarias.

NOTINHAS ÚTEIS

● *O tapête fica novo*

Para que o tapête volte a ter as côres frescas de quando era novo, faça o seguinte: primeiro escove-o muito bem, a fim de retirar totalmente a poeira. Depois esfregue-o com as fôlhas de chá já usadas para preparar a bebida.

● *Chapéus de feltro*

Já é tempo de ir pensando nos chapéus para as reuniões elegantes do inverno. Os chapéus de feltro podem ser aproveitados para reformas. É fácil limpá-los. O feltro claro se limpa com uma solução de metade água e metade amoníaco. O feltro escuro com água e vinagre. Use esta receita também para chapéus de homem.

● *Chegue na hora*

Não é apenas uma questão de cortesia chegar na hora quando se é convidada para almoçar, jantar ou lanchar. O atraso pode dar sérios aborrecimentos à dona de casa, pois há pratos que têm que ser servidos ainda quentes e perdem muito quando devem esperar na beira do fogão...

● *Sapatos guardados*

Geralmente os sapatos guardados por muito tempo sem usar adquirem uma camada de môfo. Se quer evitar que isso aconteça, unte-os — depois de bem limpos — com uma leve camada de terebentina misturada a cânfora (uma parte de cânfora para nove de terebentina).

VARIEDADES

● *A cigarreira da embaixatriz*

A senhora Clara Boothe Luce — embaixatriz dos Estados Unidos na Itália — ganhou do marido uma linda cigarreira de ouro, que tem a propriedade de... aumentar sempre mais de valor. De fato, cada vez que a embaixatriz recebe uma nova condecoração o marido manda encastoar em pedras preciosas na cigarreira as insígnias da mesma.

● *Vida insuportável...*

A vida para Henry Jones, em sua própria casa, era-lhe insuportável. A mulher só lhe falava para dar ordens, exigir que limpasse a cozinha, o banheiro, etc. Um dia a situação piorou: "De agora em diante a porta de casa se fechará às onze da noite. Se estiver fora, lá ficará. Se arrombar a porta, pagará consêrto. Se fôr preciso lhe movo um processo para isso".

O pobre Henry não aguentou mais, apesar de tôda sua fleugma de inglês. Pediu o divórcio. Obteve. Agora pode respirar livremente.

● *Propaganda pêssoal?*

Numa elegante estação de inverno francesa foi vista uma bonita jovem que chamava a atenção pelo pulover que usava: amarelo vivo, com esta inscrição tricotada em lã marinho: "Josette. Tel. 3751." Provàvelmente para evitar ser abordada tôda hora pelos admiradores, quando estivesse calmamente praticando seus treinos de esqui, imaginou êsse meio de responder ao que queriam antes mesmo de perguntarem.

● *Amor automático*

A invenção é alemã mas está em funcionamento em Kiel. A jovem que procura sua alma irmã coloca uma moeda e aperta os botões do automático: "cabelos negros, olhos azuis, bigodes, sentimental, advogado... etc." Ao todo são 15 botões diferentes. Sai fora um cartão com o enderêço do dito cujo, e telefone. Só resta à jovem dar a primeira telefonema ou escrever a primeira carta para se iniciar, possivelmente, um romance que terminará em casamento.

Se na máquina não houver cartão de nenhum candidato exatamente como o desejado (alguns tipos são mais procurados e por isso às vêzes estão em falta) ao invés de cartão com o enderêço a candidata recebe uma barrinha de gostoso chocolate...



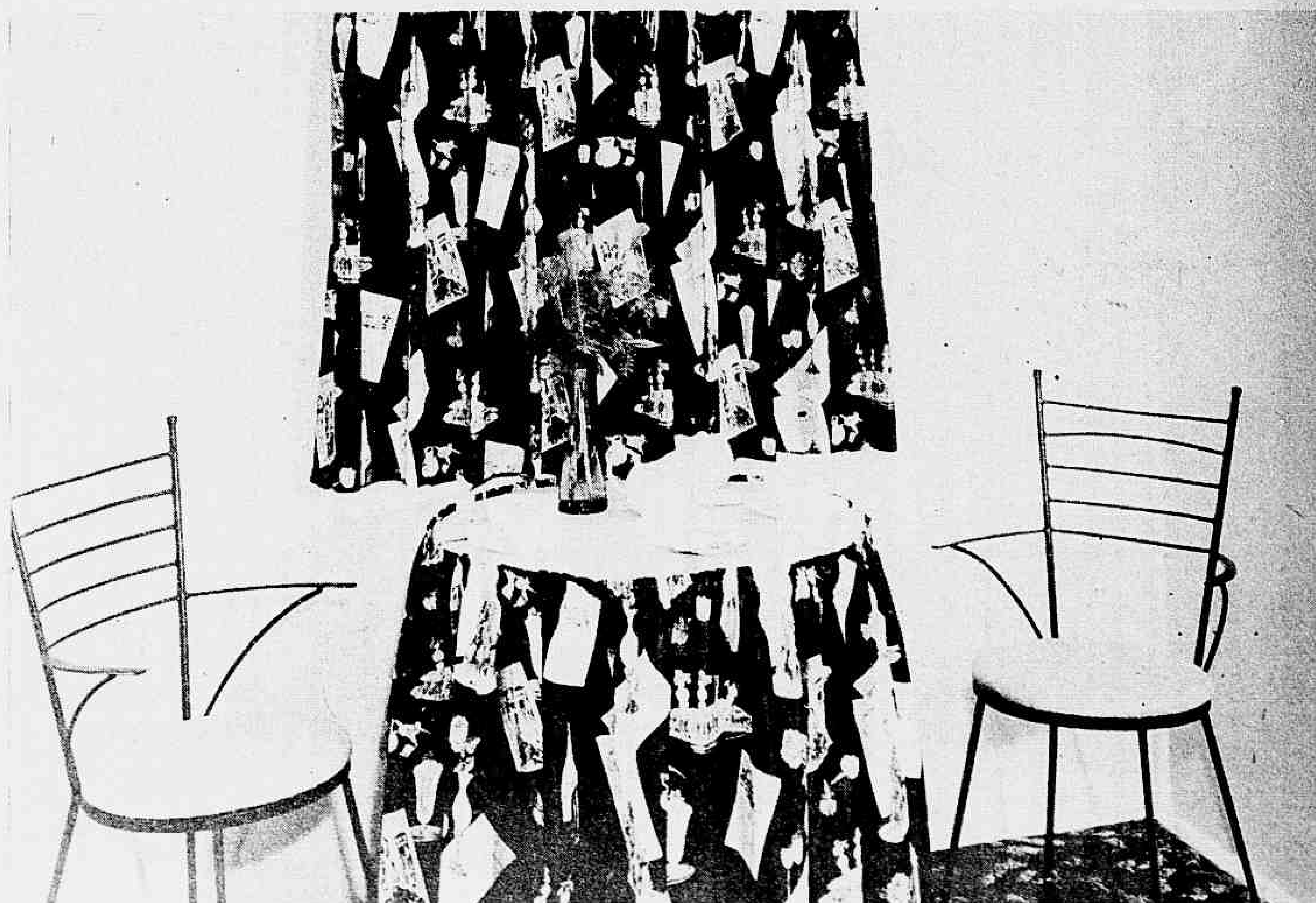
WEEK-END NA COZINHA

● Um prato geralmente apreciado pela família e, ainda por cima, bonito para os dias de visitas é a «sopa creme» dos mais diversos legumes. Experimente, por exemplo, esta semana, preparar a deliciosa SOPA CREME DE CENOURAS.

1 — Cozinhe, descasque e pique cenouras, que dêem para encher 3 xícaras. Passe pelo espremedor ou, preferìvelmente, pelo liquidificador (juntando aos poucos leite para ficar menos consistente). Ao todo, deve-se acrescentar meio litro de leite à cenoura passada. 2 — Na panela em que vai cozinhar a sopa, ponha uma colher das de sopa de azeite e outra de manteiga. Refogue aí uma colher das de sopa de cebola picadinha. Tire do fogo e desmanche uma colher das de sopa (rasa) de farinha de trigo. 3 — Junte a cenoura com o leite e misture bem. Acrescente água (uma ou duas xícaras). Torne a pôr a panela no fogo; tempere a sopa com sal (e pimenta se gostar). Coloque algumas folhinhas de salsa, picadinhas. Assim que levantar a primeira fervura a sopa estará pronta. Leve para a mesa já nos pratos de sopa ou em tigelinhas, e enfeite cada prato com 3 ou 4 rodelas de cenoura cozida, colocadas por cima.

PARA O LAR

● Quando o espaço é pouco, um cantinho basta para a refeição, desde que seja bem decorado. Aqui, a mesa redonda foi contornada com um babado amplo que repete a estamparia da cortina. Os motivos do estampado são vistosos, com predominância do rosa, sôbre o fundo negro. Também rosa é o plástico que forra os assentos das duas cadeiras de braço, em ferro laqueado de negro, e o tampo da mesa. O conjunto é encantador, realçado ainda mais pela tonalidade cinza claro das paredes. A decoração é dos arquitetos de Waverly, norte-americanos.





Primitivo consultório onde em 1948 iniciou-se o Dr. Eloy — (Rua Nabuco de Freitas) — com a Casa de Saúde. Preço de consultas — Cr$ 1,50.



Na clínica da rua América, 136, o Dr. Eloy permaneceu durante muito tempo, atendendo à sua numerosíssima clientela ao preço de Cr$ 5,00.

O BEM COMO BASE DE PROSPERIDADE

A CASA DE SAÚDE DR. ELOY E A ATUAL FUNDAÇÃO DR. ELOY SURGIRAM E CRESCERAM PROPORCIONANDO FACILIDADES E BENEFÍCIOS A GRANDE NÚMERO DE NECESSITADOS ★ OBRA EXCLUSIVA DE UM JOVEM CIRURGIÃO E ABNEGADO MÉDICO ★ ESTÁ SENDO CONSTRUÍDO O QUE TALVEZ VENHA A SER A GRANDE E MODERNÍSSIMA «CLÍNICA MAIO BRASILEIRA»



A Casa de Saúde Dr. Eloy, à rua Haddock Lôbo, 369, por onde passaram milhares de operados, e que foi o início da Fundação Dr. Eloy.

SERVIR indistintiamente ao povo, criando para tanto um sistema revolucionário de assistência médico-cirúrgica, inclusive proporcionar o máximo de eficiência e confôrto aos seus clientes, pedindo em troca o mínimo em valor monetário é o lema com o qual conseguiu o Dr. Eloy criar o sistema hospitalar que gira sob a sua única responsabilidade — Fundação Dr. Eloy —, instituição que desafia, no gênero, qualquer sistema inflacionário vigente, além de demonstrar que é possível obter-se, com método, honestidade e ciência, o equilíbrio financeiro necessário a qualquer sociedade, numa discordância às determinações financeiras absurdas, as quais imperam em outras organizações constituídas, sôbre tudo nas comandadas pelo profissionalismo governamental.

Iniciando-se em 1938 com a modesta clínica em que as consultas eram cobradas a Cr$ 1,50 e dispensando cuidados especiais para com seus doentes, pôde chegar o Dr. Eloy à situação atual, de possuir o que há de mais moderno em instalação hospitalar.

O QUE É A CASA DE SAÚDE DR. ELOY

A Casa de Saúde Dr. Eloy, em Jacarepaguá, consta de um pavilhão de cirurgia, pavilhão de maternidade, pavilhão de clínica, uma escola (colégio), asilo para velhos, novos pavilhões de clínica obstétrica, secções de avicultura, secções de produções agrícolas, e secções de carnes e laticínios.

Desejando fornecer aos nossos milhares de leitores informações detalhadas e curiosas a respeito da obra notável que está realizando o renomado cirurgião patrício, Dr. Eloy, conseguimos entrevistá-lo como adiante se vê:

P. Qual o segrêdo de sua louvável organização?.

R. Centralização dos serviços, comando único, produção própria, economia de material, pessoal apenas necessário, transporte e fonte de abastecimento próprios.

P. Qual o preço da diária na sua Fundação, sabendo-se que em outros estabelecimentos citados preços alcançam altitudes incalculáveis?

R. O preço do leito diário nas organizações da Fundação, é, talvez, irrisório, comparado aos de outros estabelecimentos. Calculado corresponde a Cr$ 15,00 (quinze cruzeiros).

P. Qual o fator importante dessa redução de preços?

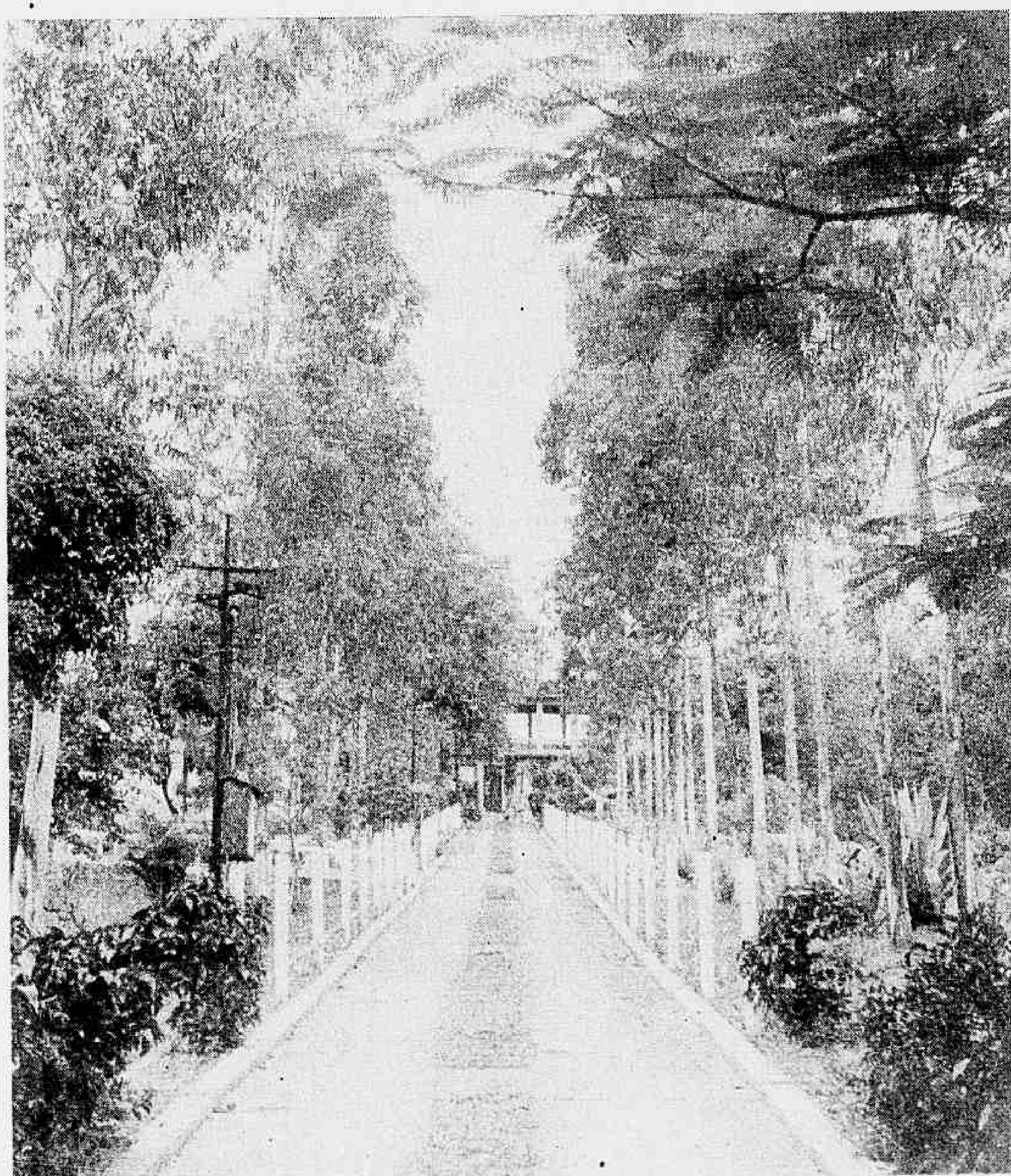
R. Poder servir e prestar assistência médico-cirúrgica a tôdas as classes, indistintamente, e por importâncias tão acessíveis que não podem ser superadas por qualquer outra instituição.

P. E, assim, qual tem sido a afluência em seus hospitais?

R. No ano de 54, internaram-se nos meus hospitais 2.535 pessoas (serviço de cirurgia e obstetrícia) distribuídas nas diversas clínicas, e mais 1.846 atendidas em ambulatório. Tô-



Grupo de auxiliares da Casa de Saúde Dr. Eloy, vendo-se sentado o Dr. Eloy, ladeado por seus assistentes.



Magnífica entrada da Casa de Saúde Dr. Eloy em Jacarepaguá. Note-se a alameda terminando no edifício de clínica.



Vista do pavilhão de cirurgia da Casa de Saúde Dr. Eloy em Jacarepaguá, tipo funcional e moderno.



Auxiliares do Dr. Eloy em exercício no pavilhão de cirurgia em Jacarepaguá. Sentados o Dr. Eloy e a enfermeira chefe.

O BEM COMO BA

das elas foram atendidas por mim e meus assistentes, sendo que, dessas, 646 receberam tratamento gratuito.

P. Como pode prestar assistência gratuita, não recebendo auxílio estatal de qualquer espécie?

R. Só o sistema de amplo contrôle das atividades da Fundação e a auto-suficiência de seus organismos, nos modos por que são feitos, permite manter receita, que destine ainda margem para atender-se aos necessitados. A ingerência governamental no seu complicado sistema burocrático e a pletora do pessoal seria motivo para tornar deficitária qualquer organização, razão pela qual excluímos e não pleiteamos qualquer espécie de auxílios: vivemos apenas de nossos clientes.

P. Como dedica a Fundação, verba para enfrentar as construções que já possui, sabendo-se do custo da mão de obra, e como enfrenta as atuais?

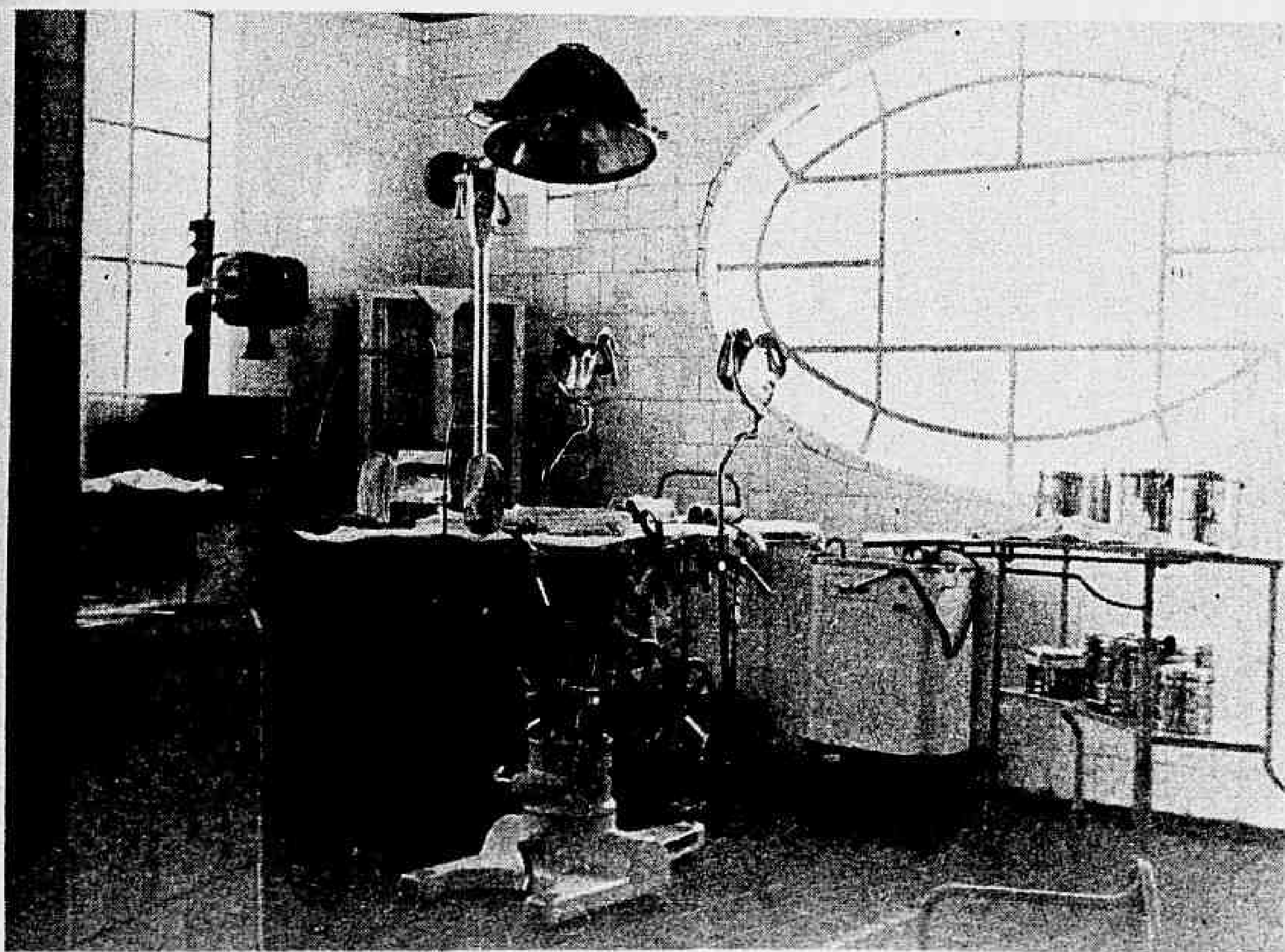
R. O custo da mão de obra para a Fundação é qualquer coisa de impressionante, considerando-se o preço de



Sala de entrada da maternidade Dr. Eloy. Note-se o estilo das instalações, fugindo ao sistema de hospitais antigos.



Modalidade prática e higiênica na disposição de quartos. Amplo sistema funcional perfeito o da Fundação Dr. Eloy.



As instalações cirúrgicas das Casas de Saúde Dr. Eloy.



A fotografia mostra-nos um aspecto da capela da Fundação.

SE DE PROSPERIDADE

um metro quadrado (entre Cr$ 4.500 e 5.000), fruto talvez da exploração e das múltiplas ingerências de intermediários. Para as nossas obras estamos com o metro quadrado na casa de Cr$ 800, o que constitui um exemplo do que se pode fazer sem as inúmeras interferências de terceiros. Estamos atualmente empenhados em obras de vulto: a) novo pavilhão para cirurgia pulmonar; b) novo pavilhão para crianças excepcionais; c) nova construção — edifício da nova Casa de Saúde Dr. Eloy (Rua Haddock Lobo, 369), cuja planta acaba de ser aprovada; d) construção das creches e casas maternais em Jacarepaguá.

P. Como funciona o asilo e o colégio mantidos pela instituição?

R. Pelo mesmo motivo explicado: êles se enquadram num todo que preconizamos e realizamos, permitindo-se como organismos de uma peça única o funcionamento nas bases já previstas — economia, eficiência e assistência médico-escolar satisfatórias.

O leitor poderá verificar pelas fotogra-



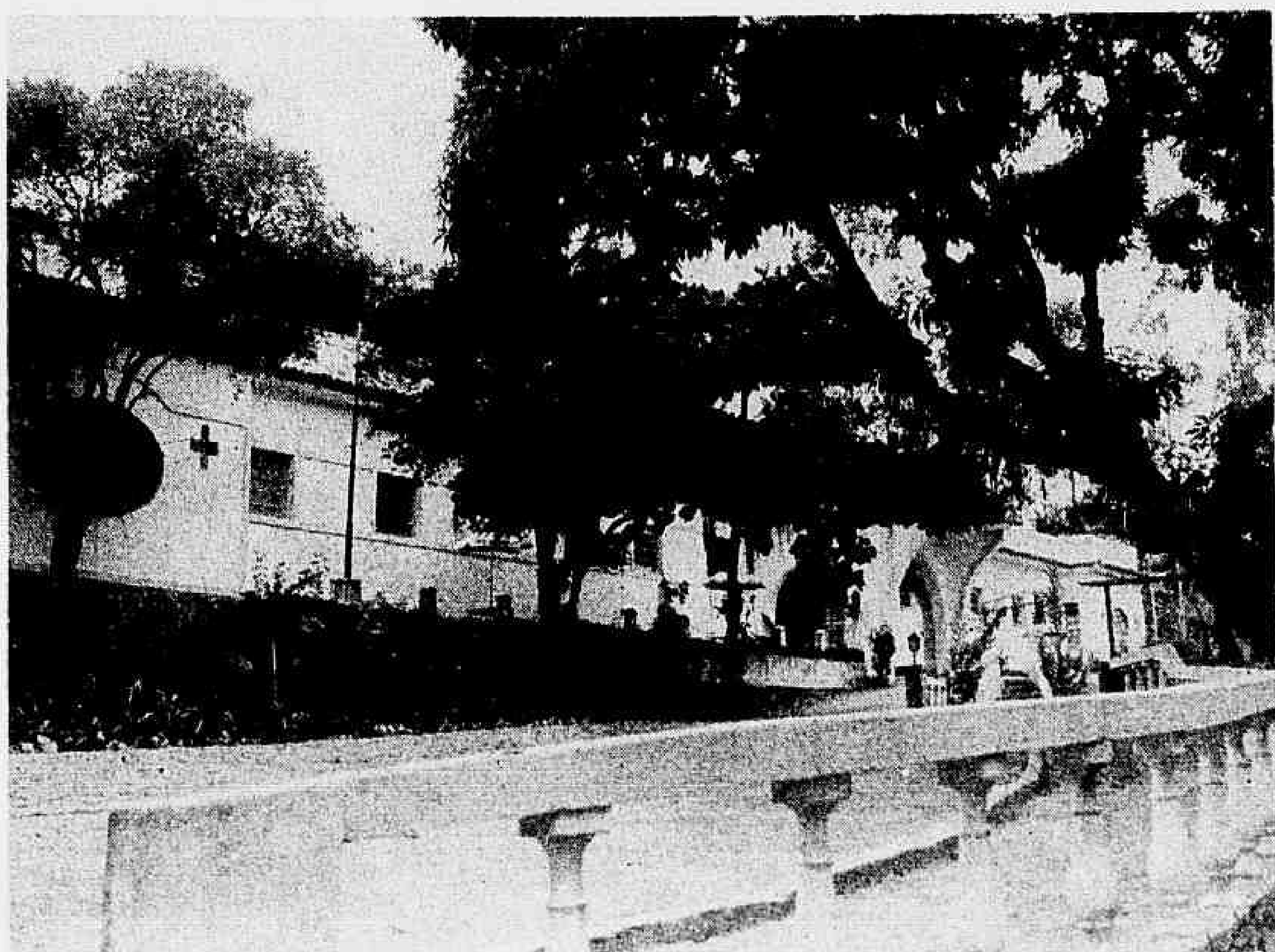
Um grupo de auxiliares do pavilhão de clínica. Note-se uma das ambulâncias da Fundação, que atendem a domicílio.



Fachada do pavilhão de clínica médica da Fundação Dr. Eloy. Sistema sóbrio, linhas modernas e máximo confôrto.



Na fotografia um bonito aspecto da sala de recepção do pavilhão de clínica da importante organização Dr. Eloy.



Um dos seis pavilhões de cirurgia da Fundação Dr. Eloy.



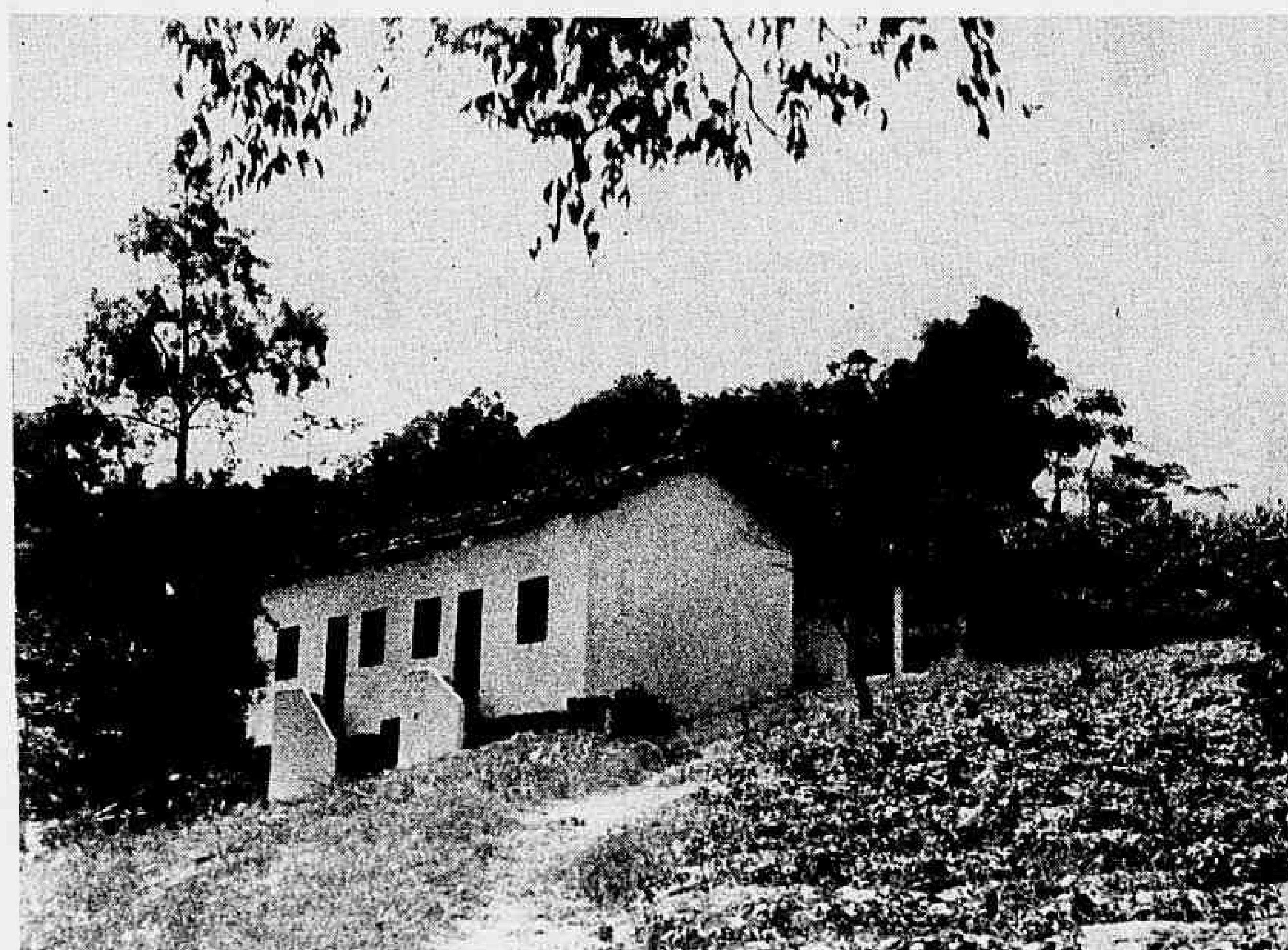
Entrada do Hospital Dr. Eloy — **Pavilhão de maternidade.**

...EM COMO BASE


Sala de música e televisão dos internados na clínica da Fundação Dr. Eloy. — Sentado vê-se o Dr. Eloy.

fias que publicamos, o valor da obra realizada pelo Dr. Eloy, hoje uma organização ímpar no gênero e auto-suficiente. O sistema que o seu fundador instituiu é, sem dúvida, excepcional, e demonstra o quanto é importante a sua inspirada criação.

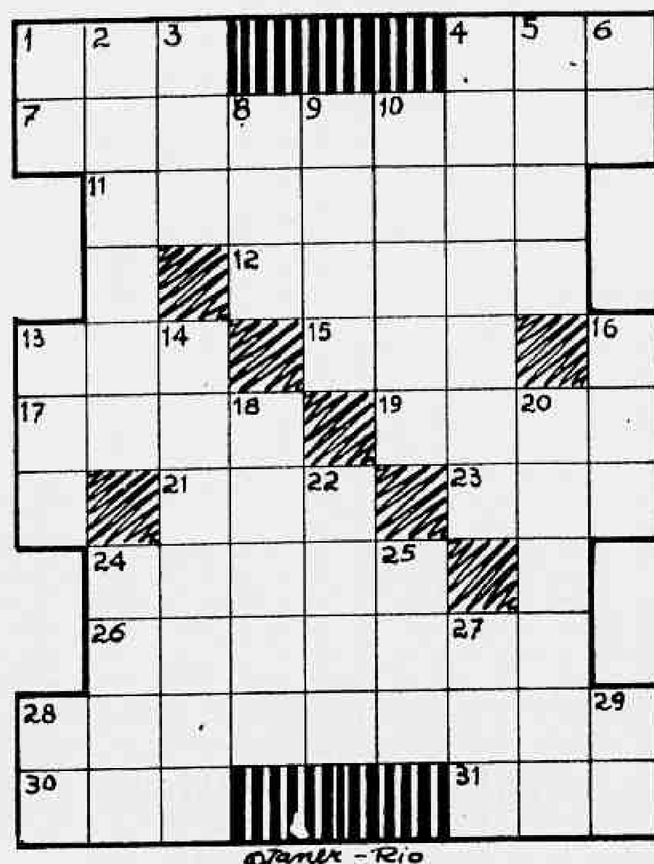
A palestra que mantivemos com o Dr. Eloy deu motivo para crermos que se os dirigentes nacionais se interessassem por suas administrações, encarando o problema médico-assistencial por um prisma mais prático, poderíamos, já que possui o govêrno recursos outros que não de um particular, manter um serviço permanente de assistência pública e hospitalar, serviço êsse fadado a amplo sucesso, independente dos imperativos burocráticos e deficitários, em cujo regime se mantêm as instituições. Parabéns, pois, ao jovem cirurgião e à sua obra, que significa algo de grandioso e digno de admiração, porque independe de financiamentos e negociatas poucos recomendados.



Construção de uma das 20 casas para clínica obstétrica. Sistema revolucionário — Partos como se fôssem a domicílio. Nova forma instituída pelo Dr. Eloy e novidade em todo o mundo. À direita: Escola gratuita mantida pela Fundação Dr. Eloy.

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 63

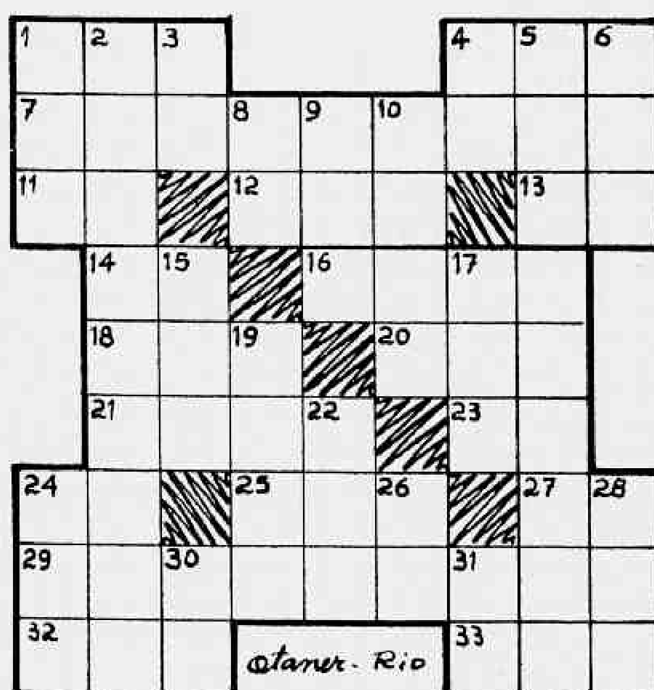
PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. Masca de fumo — 4. Medida de comprimento entre os antigos, equivalente a 20 metros — 7. Peça que se aplica a uma máquina para lhe tornar o movimento uniforme — 11. Palpitar — 12. Jarumá — 13. Nome de mulher — 15. Gênero de orquídeas da América tropical — 17. Importância — 19. Lugar destinado à sementeira do arroz, no Decão — 21. Rio da Rússia, desemboca no mar Negro — 23. Cartel — 24. Infecundadas — 26. Cestinho de vime — 28. Estado de sangue em que êste se apresenta de côr opalina, lactescente, devido à gordura em emulsão (pl.) — 30. Prefixo designativo de igualdade — 31. Uma das partes da dobradiça.

VERTICAIS: — 1. Aliás, também (ant.) — 2. Qualificativo dado ao homem louro, em Mato Grosso — 3. Pimenta das Índias — 4. Efeminado — 5. Demora — 6. Gás — 8. Joeira — 9. Estudará — 10. Favor — 13. Pedra — 14. Aspiração imoderada — 16. Altar gentílico — 18. Ser bastante corajoso para — 20. Malva silvestre (pl.) — 22. Indiscrição involuntária — 24. A ponta da verga — 25. Pai de Zal e avô de Rustam — 27. Solteirona — 28. 16ª letra do alfabeto grego — 29. Símbolo do samário.

PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Pedra — 4. Oceano — 7. Polígono de três lados e três ângulos — 11. Interjeição de espanto — 12. Satélite da Terra — 13. Nota musical — 14. Perversa — 16. Lavrai — 18. Pronome pessoal — 20. Sufixo verbal, que exprime ação demorada — 21. Papel que representa dinheiro — 23. Símbolo do rádio — 24. Prefixo que denota aproximação — 25. Certa planta da Índia — 27. Em a — 29. O mesmo que falência — 32. Membro de ave — 33. O mesmo que desde.

VERTICAIS: — 1. Cidade de S. Paulo — 2. Que fazem tremer; horrorosas — 3. Grito de dor — 4. Filho de égua e jumento — 5. Alto pôsto da Marinha de Guerra — 6. Corrói — 8. Outra coisa — 9. Despida — 10. Varredor de rua — 15. Para barlavento — 17. Rio da Suíça — 19. Ligai — 22. Medida holandesa de capacidade para líquidos — 24. Ânsia; trabalho muito ativo — 26. Estuda — 28. Contração plural — 30. Ali — 31. Símbolo do neodímio.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 62

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: tróia — aéreo — ar — Ili — aa — beu — Ams — obstantes — Laas — uirá — irritaram — aba — abé — Ma — aam — az — alçar — abaré.

VERTICAIS: ta — rei — orleã — lei — ao — aboliram — rebarba — ameraba — assamez — usara — atira — Tsi — nua — traça — Alb — mar — Aa — ré.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: cura — amar — ri — mal — ai — perau — cearense — cri — has — coicearam — saída — rã — não — er — alto — remo.

VERTICAIS: crac — ui — americano — alanhador — aa — rias — are — Paris — usara — eco — esa — cara — eiã — moro — al — em.



RUA GUAIANAZES 10
Telefone: 35-41-95
Endereço telegráfico:
Windsorhotel
SÃO PAULO

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......
NOME........................
RUA.................. Nº.....
CIDADE......................
ESTADO......................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

AGUARDEM

A CENA MUDA

UMA ÓTIMA REVISTA PARA OS FÃS DE CINEMA

EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO

em homenagem a

CARMEM MIRANDA

★ AUTOMOVEIS - Mil - ACESSORIOS ★



TELEG. MEMIL 98-A RUA MEXICO RIO DE JANEIRO 98-A FONES 22-6144 42-5563 52-1066

Aos domingos
às 11 horas

Audições Colonial

UMA PAUSA MUSICAL NO
SEU DOMINGO

apresentada na

RÁDIO MAYRINK VEIGA

por Carlos Fernandes

sob o
patrocínio
do

Sabonete COLONIAL

O espetáculo, sou eu...

E as gentes param p'ra me espiar...
Não vale a chuva, o sol não queima... A minha cara está lá, e êles querem espiar p'ra ela...
E o tormento é contínuo... Nos bares, nos teatros, nos cinemas, nas ruas...
A cidade p'ra mim é um imenso palco onde o espetáculo é contínuo... Eu sou o espetáculo...
Não há bastidores neste palco... A minha cara está sempre em cena.
Não tenho ponto nem "script", a vida é quem dirige o espetáculo... Êles querem sempre mais, mais...
Há os que riem, os que choram, os que condenam, os que discutem... Alguns muito poucos perdoam uma graça mal dita ou uma nota desafinada...
Passam do aplauso mais frenético à mais estrepitosa vaia, sem que se compreenda porque. A massa não pensa...
Oh, quem me dera um minuto de descanso p'ra enxugar o suor que me alaga o corpo todo... Fazer um intervalo para o ato seguinte...
Não, não é possível... Tudo é palco e o espetáculo da minha vida continua...
É preciso fazê-los rir, é preciso fazê-los chorar...
Anda, palhaço, vai trabalhar.
Você não pode dizer como o prêto velho do Ari Barroso:
NÊGO TA MOIADO DE SUOR...
....
NÊGO PEDE LICENÇA P'RA PARAR...
....
Você tem mesmo é que cair duro. Tá?

BASTIÃO PRATA



Esta que capricha ao microfone é Julimar, ex da orquestra de Rui Rei. Vai agora pra Argentina integrar o conjunto de ases do seu Ari Barroso. Boa viagem...



Esta é Rebeca, por onde andará?

NOTICIÁRIO

Leny Eversong, aquela que gravou «Batuque do Salvador», será neste mês de abril uma das atrações Mundial Mayrink.

★

Silvino Neto é o feliz produtor que manda os programas para a censura descansado. Não lhe cortam nada. Eu, hein?

★

Lucho-Sinceridade-Gatica será a grande bomba da organização Vítor Costa, também para abril de 1955. Salve.

Formidável a técnica maravilhosa de Gagliano Neto (Leonardo) e a verve de Raul (Pimba) Longras nas transmissões esportivas da Rádio Mundial.

★

Pra acabar com o baile, Lauro Borges e Castro Barbosa fechando o tempo com a P.R.K. 30 na onda da P.R.A. 3...

★

As Peters Sisters estão sem sorte. Uma delas arranjou parece que um tumor na garganta o que tem sido meio chato para os «managers» brasileiros das moças. Estimo as melhoras.

★

Foi a festa do Luís Vassalo. Até à hora em que saí do ar naquela onda o «Sapoti» Ângela Maria ainda não tinha chegado...

★

Estreou «Rua Itapiru» na Rádio Mundial. Teve cotação 8 de Radiolândia o broadcast de Berliet Júnior mais Eurico Silva. Vamos pra cabeça...

★

Mara Abrantes e Paulo Matosinho deverão ser os «Bonecos de Pixe» da T.V. Sucesso, crianças.

★

Oh, a minha querida Elizete... Elizete, só que êste negócio de Elizete Cardoso, completamente, é coisa de buate, champanhota, cajuota e encrencota... Gosto assim, todo, da Elizete sem o Cardoso. A Elizete que pela minha mão foi mais o Nunes fazer prova lá na Rádio Guanabara...

Alaíde Costa, aquela crioulinha que cantou com a Ellen de Lima nos novos da Nacional e da Mayrink, entrou para a Escola de Música do maestro Alceu Bochino, a fim de se preparar para o Instituto Nacional de Música. Taca peito, nêga.

★

Norka Smith transferiu-se de mala e... cuia não porque o maestro ainda está na Mayrink... Ainda não perdemos a graça da moça que é um balet...

★

Lá, no Teatro Follies, vai acontecer uma companhia para o mês de julho. O dono, do negócio tá falando que vai juntar a Ema Dávila com o Valter Dávila (são irmãos, sim). Tá difice. Êles tão no rádio...

★

O Fernandinho do Herivelto fêz «bereersário» no dia 4. Eu fui lá. O Rubens (couro de gato) Silva, o Paulo Medeiros e o Landa Stela também foram. Tudo muito, muito íntimo...

★

Aconteceram as eleições da S.B. A.C.E.M.... Não aconteceram as eleições da S.B.A.C.E.M.... Aconteceu, isto sim, uma bronca danada dos compositores contra os editores... Consta que será pedida a anulação da assembléia pra eleição porque não ficou bem claro se todos concordaram ou não com a deliberação da diretoria de assembléia pro dia 2 de abril.

(Esta nota é o espelho da S.B.A.C. E.M., no momento: CONFUSÃO...)

Quem disse foi o Ciro Monteiro assistindo a um ensaio dos comediantes A-9:

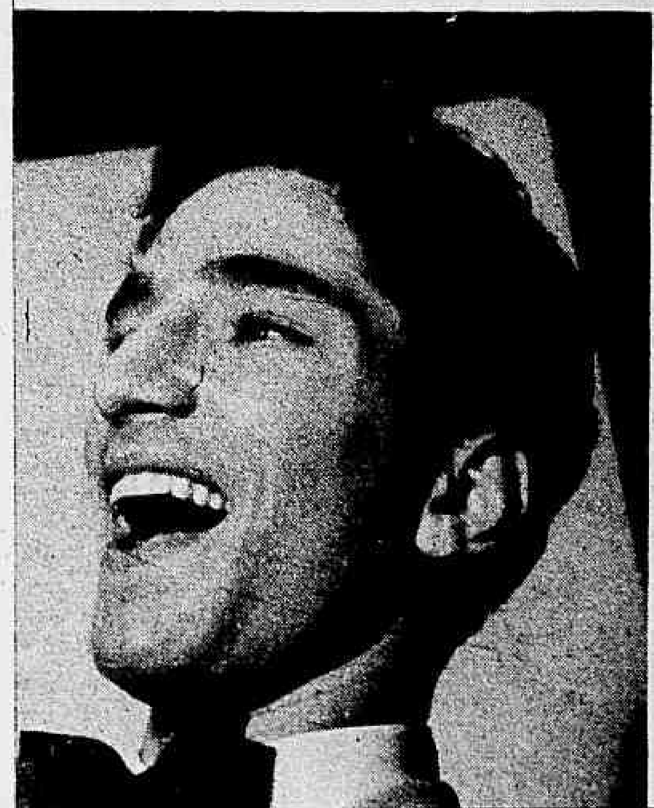
— O Zé Trindade leva a vida em «bancas» nuvens...

★

Baldomero existe... Parece que às vêzes êle escreve programas... O que eu acho que êle é no duro um grande sujeito com jota... Dono da simpatia, coisa esta que está agonizante neste Rio de Janeiro, feliz... Deus te ajude, Baldomero...

★

O Heber de Bôscoli convidou o papai aqui pro Trem da Alegria. Tá tudo certo. Vou tratar do repertório. .Tá?



Ariston o anjo azul da televisão tá com tudo. A cegonha andou lá pelos seus «penates». Felicidades ao casal.

★ CANÇÃO DO ASFALTO ★ CANÇÃO DO ASFALTO ★ CANÇÃO DO ASFALTO ★ CANÇÃO DO ASFALTO ★

SÃO JORGE, O GUERREIRO

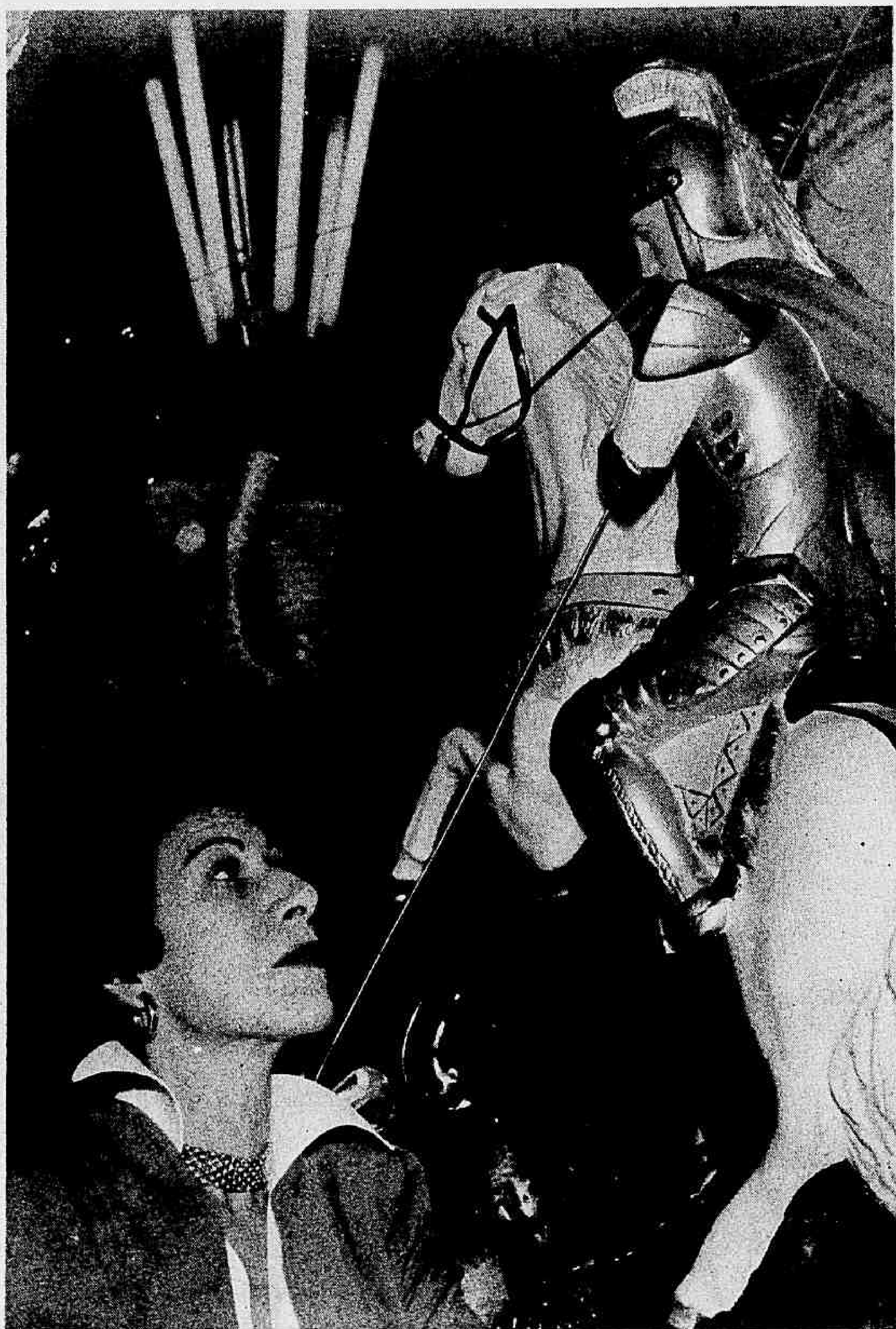
O SANTO DE TÔDA GENTE

IRMANADAS PELA FÉ PESSOAS DAS MAIS DIFERENTES CLASSES SOCIAIS ★ NAS CATEDRAIS E NOS "TERREIROS" TODOS VENERAM O SANTO POPULAR ★ O DEPOIMENTO DE ALGUNS DOS SEUS DEVOTOS.

Têxto de JOÃO ALVARENGA

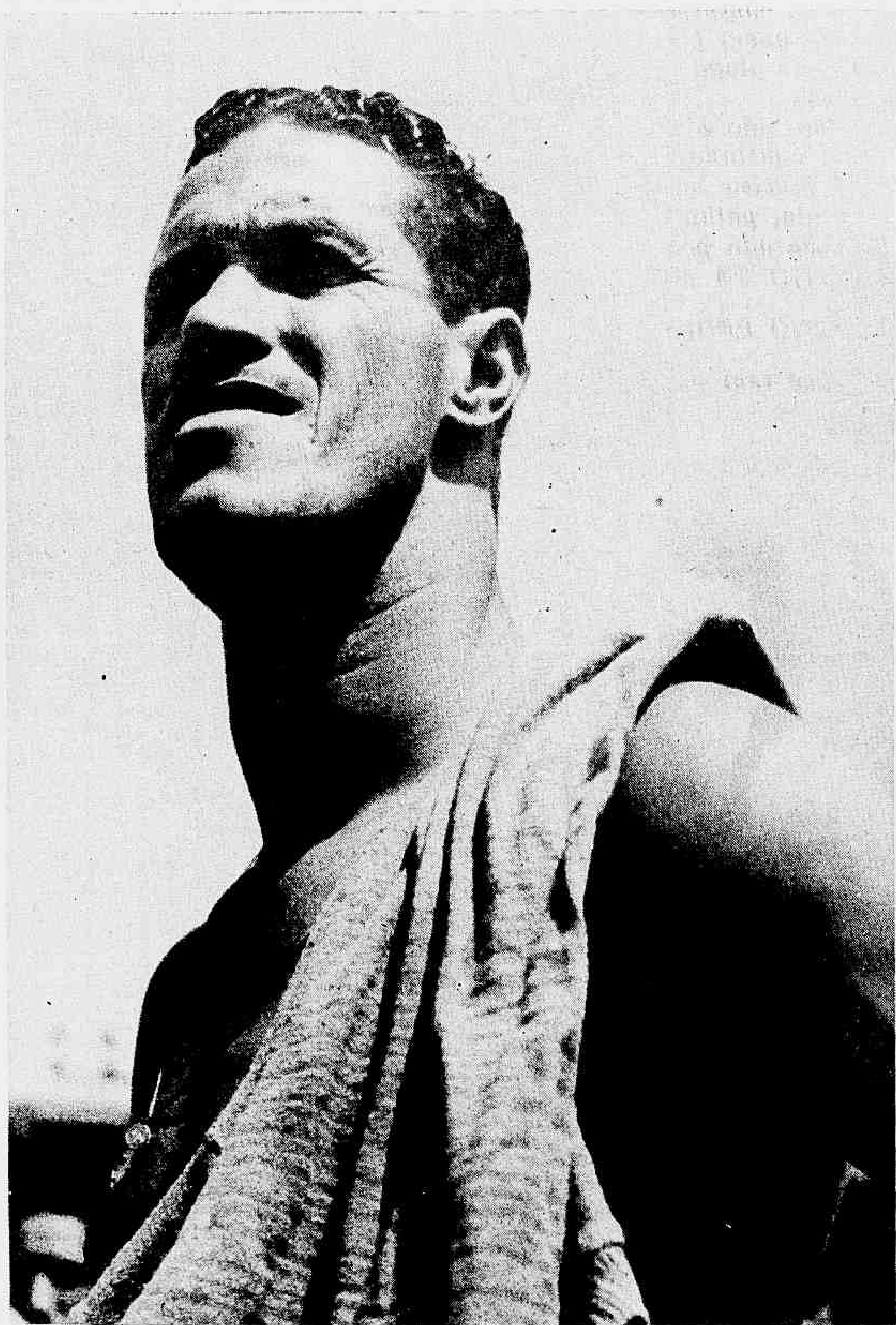
● *Por incúria do destino, pelo menos num ponto, Carlos Lacerda e Gregório Fortunato pensam da mesma maneira, foi o que apuramos, num inquérito que visava saber quais as pessoas, em sua maioria artistas, escritores e políticos, que veneram São Jorge, o santo mais cultuado no Distrito Federal.*

Abordando Carlos Lacerda, dêle ouvimos palavras de fé e respeito para com São Jorge, santo que venera e que também é para Gregório Fortunato o seu ídolo, pois vem a ser o Ogum dos seguidores da linha de Umbanda, religião do "Anjo Negro". A propósito convém lembrar que justamente por ser São Jorge um santo venerado não apenas pela religião católica, é que maior se torna o número de pessoas que o cultuam. Dentre êsses, e além dos umbandistas, estão incluídos "as gentes" de Quimbanda (Magia negra) além de inúmeras outras seitas menos conhecidas. Para o leitor ter uma idéia exata da popularidade de São Jorge, conseguimos ouvir até um ex-presidente da República; que nutre tanta fé quanto Ademir Menezes, no milagroso santo do dragão.



IARA SALES: Radialista.

«Sou fervorosa devota de São Jorge, e sinto-me por êle protegida. Ainda agora, fui vítima de um acidente de automóvel. Meu carro derrapou e foi de encontro a uma árvore e graças a S. Jorge nada sofri. Creio no santo guerreiro e nunca deixo de comparecer aos seus festejos. Acho mesmo que sendo êle o padroeiro dos militares, qual a mãe brasileira que não o cultua? São Jorge está em todos os lares, da mesma forma que está no coração dos soldados do Brasil.»



ADEMIR MENEZES: Jogador de futebol.

«Para que os leitores tenham uma idéia de minha devoção por São Jorge, digo apenas isto: eu e Celeste fizemos questão de casar no dia 23 de abril. E sou um homem feliz por isso. Tenho em minha casa uma bela imagem do meu protetor, e cada vez que entro em campo tenho um pensamento para o glorioso santo guerreiro. Repito: sou fervoroso adepto de São Jorge, e no seu dia, como sempre faço, irei ajoelhar-me a seus pés e pedir que as coisas continuem a correr como até o presente momento.»



RAUL BRUNINI: Vereador, rádio-repórter.

«Como repórter tenho observado um fato interessante. É que São Jorge é muito mais cultuado entre nós do que São Sebastião, nosso padroeiro. Já observei que o carioca é verdadeiramente fanático pelo santo guerreiro, e não fugindo à regra, também tenho fé em São Jorge, pedindo-lhe muitas bênçãos, pois é do que mais necessitamos.»



GRANDE OTHELO: Ator de cinema e teatro.

«Sou devoto de São Jorge porque se trata de um santo que tanto está nas grandes e opulentas catedrais, como nas mais humildes choupanas. São Jorge é, portanto, o santo dos ricos e dos pobres, o padroeiro natural dos cariocas, muito embora, oficialmente o lugar seja do milagroso São Sebastião.»



HEBER DE BOSCOLI: Radialista.

«A Iara tem razão. Nós deveríamos andar a cavalo, mas, em vez disso, compramos automóvel e o castigo veio, a cavalo. Que São Jorge nos perdoe a brincadeira, pois temos em nossa casa a sua milagrosa imagem e estamos sòmente a espera do seu dia para prestar as devidas homenagens àquele que nos protege durante todo o ano.»



SAGRAMOR: Radialista e vereadora.

«Acho uma coisa de extraordinário lirismo os festejos de São Jorge, e por isso mesmo jamais deixei de assistir aos festejos em louvor do grande santo. E acho ainda que qualquer demonstração de ordem religiosa tem seu aspecto de respeito digno dos maiores elogios, sendo justamente o que acontece aqui no Rio, quando se comemora o dia de São Jorge.»



CARLOS LACERDA: Jornalista e Deputado Federal.

«São Jorge é na liturgia católica um grande santo, e por isso mesmo merece a devoção daqueles que lhe são especialmente dedicados, desde que não se misture o seu culto com deturpações que não se enquadram com os nossos princípios católicos, apostólicos e romanos.»



ABDIAS NASCIMENTO: Fundador do Teatro Experimental do Negro.

«Meu São Jorge é naturalmente o meu Ogum. Com a sua espada, é um defensor da fé e dos destinos da raça negra. Por isso eu creio nêle, e no seu dia vou reverentemente venerá-lo.»



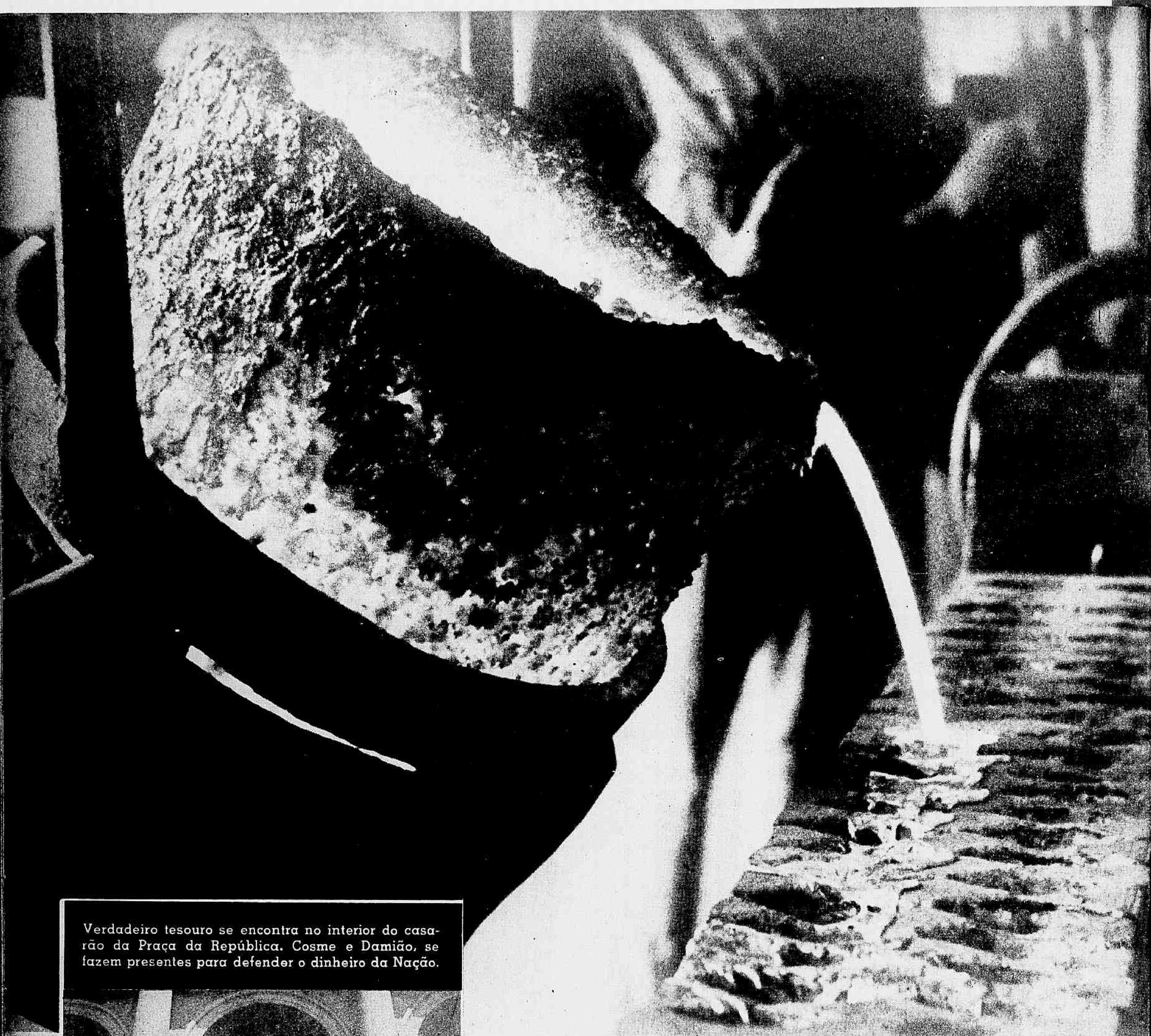
DIRCINHA BATISTA: Cantora popular.

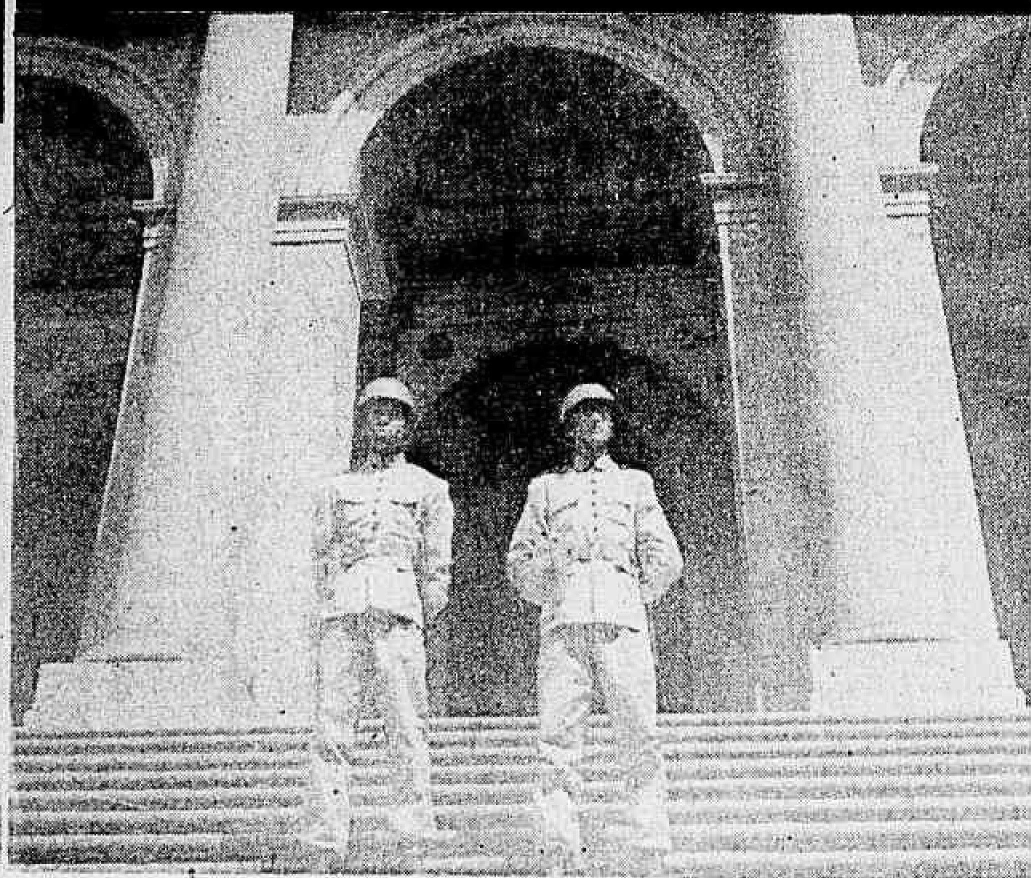
«Sou devota de São Jorge porque o guerreiro que se tornou santo é um valente amigo dos brasileiros, e particularmente dos artistas, que em sua maioria são seus fervorosos adeptos.



JOSÉ LINHARES: Ex-Presidente da República — Ministro do S. T. F.

«É louvável que nós católicos festejemos um santo tão milagroso. É uma grande data para os católicos do Brasil que têm na fé a sua mais poderosa arma contra o pecado.»





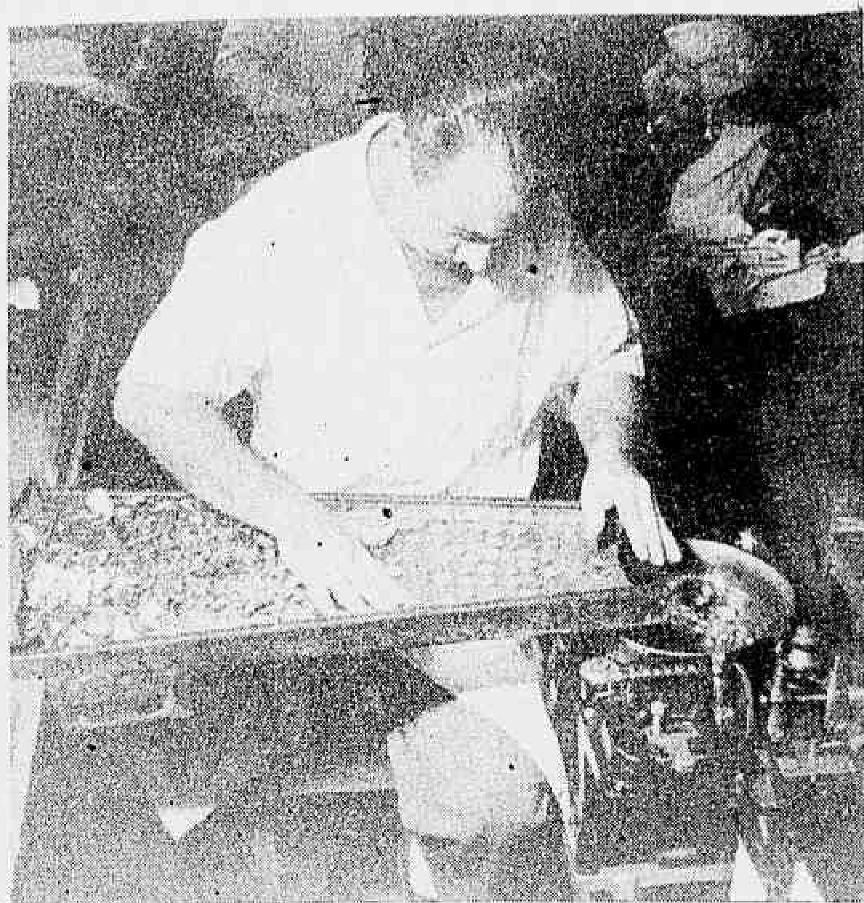
Verdadeiro tesouro se encontra no interior do casarão da Praça da República. Cosme e Damião, se fazem presentes para defender o dinheiro da Nação.

FAZER DINHEIRO É COISA DIFÍCIL

É PRECISO TÉCNICA, TEMPO E DINHEIRO — A MOEDA EM TÔDAS AS FASES DE SEU FABRICO — DO MOTIVO NO PAPEL À CUNHAGEM NA PRENSA — 120 NÍQUEIS POR MINUTO, E AINDA É POUCO

Texto e fotos de SÉRGIO SILVEIRA

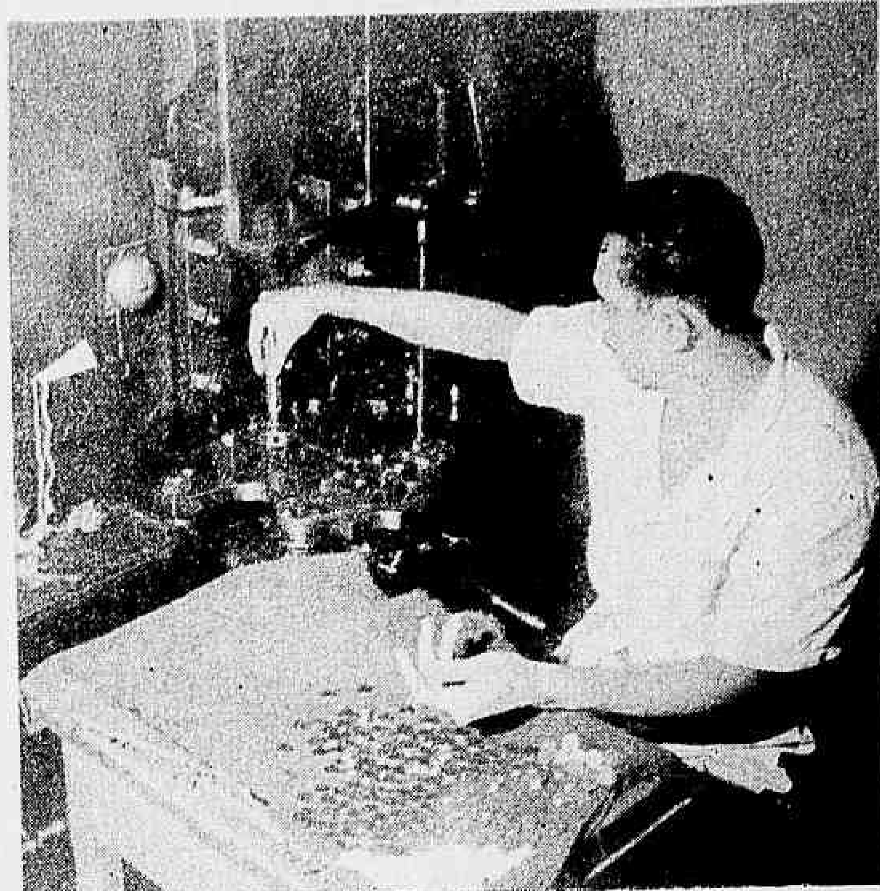
É no casarão secular da Praça da República onde ainda são confeccionadas as moedas vigentes como divisa monetária brasileira. Tamandaré, Pedro I, Carlos Gomes, Osvaldo Cruz, Getúlio Vargas e muitos outros homens públicos, tiveram suas efígies reproduzidas em bronze, sob a denominação de galvano, para depois serem levadas ao pantógrafo, aparelho que reduz o desenho das placas primitivas ao aço, e, seguindo a escala das operações necessárias, originarem o motivo de nova série monetária.



O serviço de contrôle é feito ràpidamente. Nem por isso escapa as vistas do fiscalizador u'a moeda defeituosa, que, retirada, volta a fundição



Na orlagem, as moedas de mesmo valor recebem um diâmetro semelhante. E' trabalho fácil e rápido, devido o processo mecânico adotado.



O cunho dos discos é feito por combinação engenhosa do homem com a máquina. Cento e vinte moedas por minuto são aqui produzidas.

Por mais insignificante que seja o valor de u'a moeda, seu fabrico é demorado, cuidadoso e, para quem não entende do assunto, até certo ponto bem complicado. Fabricar um simples níquel de dez centavos é trabalho que requer a técnica de muitos funcionários, um número apreciável de maquinárias e, ainda que pareça incrível, custa dinheiro...

COMO SE FAZ DINHEIRO

Saído das mãos hábeis do desenhista Benedito Ribeiro, autor dos motivos também usados na medalharia (haja visto sua última criação nesse setor, em comemoração do certame mundial de basquete realizado no Brasil, e cujas medalhas foram consideradas obras primas), o motivo imaginado no papel é transportado para o gêsso, e, posteriormente, fundido em bronze. Então, depois de levado ao pantógrafo, o cunho em aço é torneado e temperado em fornos de alta pressão, colocados em prensa de 300 toneladas, constituindo, finalmente, a matriz que servirá de molde aos novos cunhos utilizados nos trabalhos cotidianos. Essa operação é determinada com o fim de existir, em qualquer oportunidade, cunhos idênticos, sem a menor diferença dos originais.

Uma liga metálica, resultado da combinação de cobre, zinco e alumínio, e fabricada em outro departamento, é levada à prensa de extorsão, maquinaria usada para proporcionar às lâminas a espessura desejada. O valor de cada moeda está em acôrdo com a espessura da mesma. Essas lâminas são depois levadas para novo engenho: a máquina de corte dos discos. O profissional da Casa da Moeda só emprega a denominação «moeda» após a cunhagem dêsses discos.

As lâminas já perfuradas são colocadas em recipientes especiais, para que as partes não aproveitadas sejam novamente fundidas. As partículas arredondadas de metal são agora encaminhadas aos fornos de recozimento, de onde os discos, mais tarde, seguem para a seção de lavagem, isto é ,o tratamento em solução ácida que proporcionará o brilho característico da combinação monetária.

A orlagem, o ato de dar diâmetro igual às moedas de mesmo valor, antecede a cunhagem. Só aí, por intermédio de enormes prensas de aço, e que produzem cento e vinte níqueis por minuto, é que o disco recebe a impressão da matriz, tornando, desta forma, dinheiro corrente.

Um novo departamento, o de contrôle, recebe os sacos enormes contendo a preciosa carga, que, dependendo das vistas do fiscalizador e da função de processos mecânicos, será contada, pesada e anotada, depois de, novamente, ensacada.

Daí, em carretos especiais, rumam as moedas para a tesouraria onde serão guardadas no cofre forte da Casa da Moeda à espera de determinações superiores.

DINHEIRO É «PRATA DA CASA»

A produção do dinheiro metal no país é privilégio exclusivo da Casa da Moeda. Do Rio, partem para tôdas as delegacias do Brasil as grandes levas do precioso carregamento fabricado na Praça da República, de acôrdo com decretos aprovados e vigentes. Em carros blindados, em número de dois, policiados e em sigilo, geralmente a noite, medidas que visam embargar a curiosidade pública, saem periòdicamente do velho casarão as cargas monetárias.

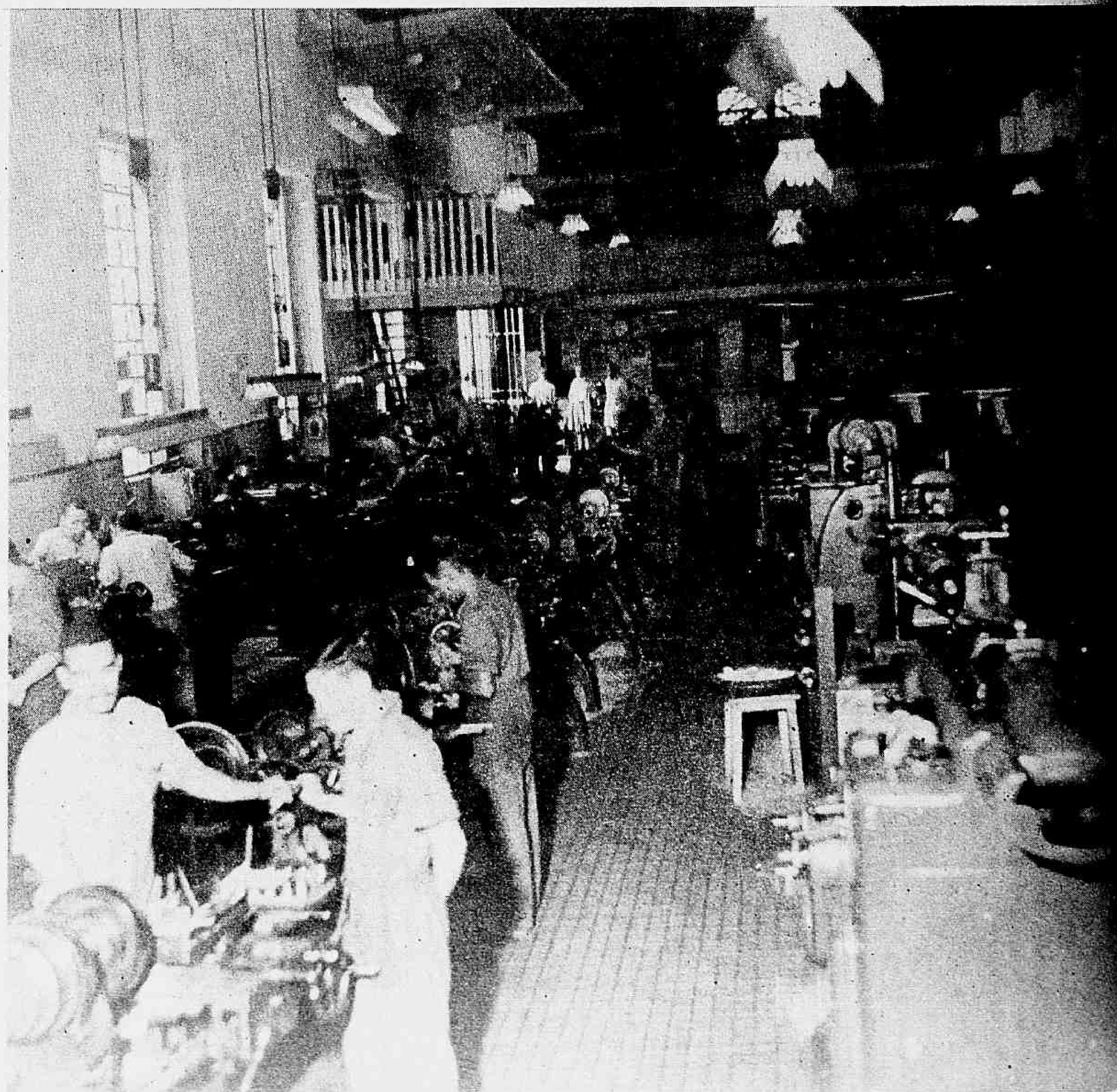
E, posteriormente, de mão em mão as moedas de 10, 20 e 50 centavos, ou de 1 e 2 cruzeiros circulam livremente, sem demonstrar a muitos o trabalho que deu para o seu fabrico.

QUANTO VALE O DINHEIRO

Não foram raros os apregoadores constantes de que a vida para ser bem aproveitada não requeria muito dinheiro. O dito ancestralizou-se de tal forma que os defensores da tese «dinheiro não traz felicidade» chegaram a predominar durante anos e séculos. Hoje, porém, do jeito em que as coisas andam, é quase impossível se encontrar um daqueles senhores, que guardavam patacas em pé de meia, certos de que as dificuldades inesperadas eram resolvidas com algumas dezenas de tostões. Atualmente os «preços pararam», sim, pararam de ficar parados e sobem de maneira assustadora. Os patacos já não são guardados nas meias, pois nem uma caixa delas seria suficiente para armazenar o dinheiro necessário para a compra de um vidro de remédio. Um resfriado repentino requer muito cruzeiro para ser curado, e se o doente é dos que defendiam o pregão do «pouco dinheiro», morre... com pouco dinheiro, sem ter chance de ser feliz...

Quanto vale o dinheiro!

Na Casa da Moeda, verdadeira escola de artezanato, não se fabricam ùnicamente moedas. Medalhas, obras de carpintaria e muitas outras funções preenchem as horas de labor de seus obreiros. A foto foi batida na oficina mecânica, onde a maioria das peças usadas nas máquinas de fazer dinheiro, são fabricadasi.



Como um banho de luz...

Sua beleza ganha
vida nova
e nova sedução sob o poder mágico de

ANTISARDINA



Antisardina é o creme ideal para sua cútis. Renova as células gastas, protege as células novas restituindo à pele cansada, ou prematuramente envelhecida, sua normal elasticidade. Cientificamente preparado com ingredientes rigorosamente selecionados, o creme de beleza Antisardina extingue sardas, manchas, espinhas e rugas.



FÁTIMA: REVELAÇÃO DOS TRÊS PASTORES

(Continuação da página 31)

Pouco depois a vidente teve um dos dias de maior alegria em sua vida. A diretora, ao saber que Lúcia não havia desistido da sua intenção de tornar-se freira, comunicou o fato à Madre Provincial que por sua vez dirigiu-se ao Bispo de Leiria. Ficou combinado então que do Pôrto, a pequena seria mandada para Tuí, para o «Instituto das Irmãs de Santa Dorotéia», onde ingressaria na vida religiosa. Quando esta resolução lhe foi anunciada, Lúcia exultou e agradeceu à Virgem, com tôda a sua alma, a graça de haver-lhe concedido o alcance de que mais ansiava.

NO «INSTITUTO DAS DOROTÉIAS»

A própria Madre Superiora acompanhou Lúcia na viagem de trem até Tuí. A travessia pelos campos do Minho e praias, até alcançar terras galegas, foi maravilhosa de beleza única. A futura postulante no entanto nada notou. Ia absorvida, pensando na vida nova que iria ter dali por diante e ao mesmo tempo não cabia em si de contentamento por saber que muito em breve alcançaria a sua meta, isto é, permanecer sempre junto ao Senhor e à Virgem, amando-os e servindo-os.

Lúcia desejava que lhe fôsse facultada a permissão de entrar no «Instituto» logo como postulante e não como pretendente. Sentia que estava preparada interiormente para alcançar essa etapa. Quando chegou ao grande casarão que seria o seu novo lar, depois de atravessar algumas salas imaculadamente limpas, em companhia da Diretora, dirigiu-se para a capela e ali permaneceu durante algum tempo, rezando fervorosamente. Pouco depois vinha juntar-se a ela a Madre Provincial, comunicando-lhe que o seu desejo havia sido satisfeito.

— Olha, Maria das Dores, vais entrar como postulante.

Lúcia não se conteve e beijou fervorosamente as mãos da Superiora. Mais tarde Lúcia contou o que pedia, enquanto permaneceu na capela:

— Fiquei ali a pedir a Nossa Senhora a graça de levar a Madre Provincial a admitir-me, desde logo, como postulante, passando por cima do ano pretendente.

No entanto, seguindo o seu lema de estrita obediência, a pastôra a ninguém havia confiado o seu desejo. Entregara-se nas mãos da Virgem.

xxx

As primeiras horas que Lúcia passou no «Instituto das Dorotéias» foram gastas em percorrer tôdas as dependências da grande casa, desde os corredores no andar térreo, até ao dormitório no segundo pavimento, passando pela capela e pelos grandes salões de recepções. Em tudo destacava-se a limpeza e o gôsto da arrumação, feita com o máximo de singeleza. Em tôdas as peças, o principal adôrno, ao lado das figuras e quadros litúrgicos, eram as folhagens, das mais variadas qualidades e que pareciam transmitir ao ambiente maior frescor.

Aquêle clima alegre e ao mesmo tempo austero, harmonizava-se perfeitamente com a sua alma boa e simples. Ali sentia-se verdadeiramente feliz e à vontade.

A vidente permanecia depois longas horas nos grandes e cuidados jardins do convento, meditando sôbre os momentos gratos da sua vida, principalmente o tempo feliz durante o qual ocorreram as aparições.

Das janelas do pavimento superior descortinava-se um lindo panorama que se estendia até aos montes distantes de Portugal. Lúcia tinha portanto bastante por onde espalhar a vista e espraiar a grande saudade que sempre a acompanhava...

VIDA DE POSTULANTE

Os meses passados em Tuí como postulante, correram sem novidades para Lúcia. Continuava dedicando-se a trabalhos manuais e seguindo o seu lema de completa obediência, procurando confundir-se com as demais companheiras. Nos

SUÍÇO
e famoso no mundo inteiro
RADO
o relógio de confiança.
17 RUBIS
e fundo de aço inoxidável.

primeiros dias ficou um pouco deslocada, pois não estava habituada com a vida de clausura. Sentia os seus movimentos um pouco tolhidos porque não podia deixar o segundo andar do prédio, onde se localizava o «noviciado». Com seu temperamento fàcilmente adaptável a tôdas as novas circunstâncias, logo sentiu-se completamente à vontade e procurou então seguir à risca a «Regra» das Dorotéias, que era bastante rígida, com três pontos básicos: obediência absoluta; pobreza voluntária para imitar Nosso Senhor; castidade perpétua para imitar Nossa Senhora.

Interiormente, Lúcia procurava aprimorar-se cada vez mais, valendo-se de meditações, retiros anuais e servindo-se dos conselhos que lhe dava o seu diretor espiritual. A proibição que lhe haviam feito de revelar a sua verdadeira identidade, por vêzes causava-lhe sérios embaraços. Queria manter com o padre confessor palestras íntimas, nas quais lhe exporia algumas das dúvidas que a atormentavam, no entanto não ousava fazê-lo, com receio de quebrar a promessa feita. Ainda não estava completamente convencida de que Nossa Senhora, entre tantos fiéis, tivesse escolhido a ela, para revelar-se. Diversas vêzes pensou mesmo se estas aparições não seriam obra do demônio. Tôdas estas dúvidas martirizavam-na, mas sofria em silêncio, sem nada comentar.

SAUDADES E RECORDAÇÕES

Êste alheiamento das coisas de Fátima, em Lúcia, é apenas exterior. No íntimo ela anseia ardentemente por saber o que se passa lá, com os parentes e amigos. Durante algum intervalo nos seus trabalhos diários, por vêzes a saudade atinge-a mais profundamente. Embora procure distrair o pensamento, não se pode furtar à melancolia que a invade em tais ocasiões. Afinal ela é humana e a situação em que se encontra, afastada da sua terra natal e dos que lhe são caros, não pode deixar de atingi-la. Debruçava-se então em uma das sacadas do prédio e estendia a vista ao longe, alcançando terras de Portugal. Deixava-se levar pela imaginação e via-se percorrendo as ruas da sua aldeia, sentada na lareira da sua casa, debruçando-se sôbre o túmulo de Francisco e terminava sempre as suas divagações, na capelinha das aparições aos pés da Virgem.

Sùbitamente era sacudida por um estremecimento e voltava à realidade e às suas lides costumeiras. Sentia-se então mais confortada e o resto do dia corria-lhe com maior facilidade.

NOVIÇA

— «Como fiquei contente naquela hora em que vesti o hábito prêto e pus na cabeça o veu branco de noviça! — dizia depois Lúcia, recordando um dos momentos de maior felicidade de sua vida.

A partir de então começou para ela uma nova etapa da vida religiosa. Segundo relato seu, era êste o seu dia conventual:

Começava às 5 horas, no lusco-fusco, quando a sineta da casa tocava a levantar. Pronto, Lúcia punha-se de pé e, enquanto se vestia, o espírito, voltado para Deus, rezava a primeira oração da manhã — graças à Luz, prece cheia de frescura e zêlo.

(Cont. no próximo número)

A REVISTA HÁ 50 ANOS

Domingo, 23 de abril de 1905.

CARTA DE UM TABAREO

Querido compadre.

Rio, abril de 1905.

Há duas semanas que te não escrevo. Deves suppor que motivos poderosos contribuiram fortemente para a minha deserção na passada semana. Se dizes que sim estás redondamente enganado: não escrevi por causa do amanhã.

Como sabes, todos temos um defeito que suplanta os demais, e não ignoras que o meu é o amanhã. Foi elle o causador da synalepha do número passado.

Quem se aluga a São Miguel... quero dizer, quem escreve para a Revista deve entrar com os originaes até quarta-feira... Dahi, eu com o eterno amanhã, deixei passar o dia... e era um dia a Carta do Tabareo do número passado.

—

Vou ver se faço um esfôrço sôbre o meu vicio para alistar-me eleito. Amanhã (ei-lo!) lá estarei armado dos meus documentos e de muita paciência para ver se consigo o reconhecimento dos meus direitos politicos.

Ao que dizem as fôlhas o negócio do alistamento tem estado quente a meu gôsto, até sopapeira grossa tem havido. E dizer-se, meu bom compadre, que todo esse pessoal que se aperta nos estreitos commodos da ex-eccola, hoje palácio do ex-largo da Mãe do Bispo, hoje praça não sei de que, pugna por um direito que raramente tem applicação, porque a maior parte das vêzes as urnas ficam às moscas e as Mallats fazem a seu gosto todo o trabalhinho.

E' que não é só o teu compadre que gosta do dia de amanhã; elle tem tantos adoradores!

—

O caldeirão dos boatos principiou a ferver logo após a cessação do estado de sitio. E é cada um, seu compadre, cabelludo de metter medo ao mais topetudo! Irra!

Uma noite destas estava eu muito tranquilo a jogar as damas quando me vieram dizer que... espera: não digo o que me disseram, porque se o dissesse também diriam que sou boateiro. E eu prefiro que me chamem até (escolhe um nome feio e chama-me) do que de boateiro.

—

Do que sou, entretanto, obrigado a fallar é do boato (desculpa) que veio em um telegramma da Argentina, de que os governos desse paiz, Paraguay, do Uruguay e do Brasil estabeleciam negociações para acabar com as loterias.

Ora, já se viu, seu compadre, que maior sandice...

A troco de que vão esses Estados podar as rendas que produzem as loterias em beneficio de innumeras instituições de caridade e de philantropia?

Por ser a loteria um jogo e terem os governos vergonha de se aproveitar dos seus proventos? Ora, sou um seu criado.

Mas, ouso perguntar, haverá alguma cousa neste mundo em que, proxima ou remotamente, não entre um pouco de vicio, que é como a pimentinha das cousas boas para tornal-las mais seductoras, mais appetitosas?

Voto contra...

Teu — BERMUDES.



UM BODE QUE DA LEITE — Esteve ultimamente em exposição no Theatro Floresta de Petrópolis o bode cuja photographia damos acima, que por um phenomeno teratológico apresenta duas tetas de regular conformação, dando abundante leite como qualquer cabra. Este animal que conta tres annos é producto de uma fazenda de São José do Rio Preto.



D. CAROLINA AUGUSTA CESARINA — Esta senhora, de 102 annos de edade, é neta do alferes José Joaquim da Silva Xavier, o Tiradentes. Vive em Uberaba, em chácara de sua propriedade, matriarcha de numerosa familia, perfeitamente sã de espirito e de corpo. Conta episódios do tempo da Inconfidência Mineira, lembra-se de tudo nitidamente. Possue varios objetos que pertenceram a Tiradentes, os quaes guarda como reliquias preciosas que são.

● **THEATROS**

Quanto aos cafés-concertos, êstes têm sempre os seus habitués e as novas troupes de artistas vão passando entre nós applaudidas umas, despercebidas outras, emfim, como podem.

O Casino e Maison Moderne tiveram mesmo esta semana as suas casas bem frequentadas.

Esperemos, pois, para a próxima semana para ver o que poderemos dizer de novo. — **Marciulos.**

● **SUPLEMENTO SPORTIVO**

CYCLISMO — Com uma concorrência um tanto numerosa, ocupando logar nas amplas archibancadas do Velodromo da rua Haddock Lobo, o Vello-Club fez disputar domingo ultimo a sua segunda corrida oficial.

JOCKEY CLUB — Tem causado optima impressão as medidas ultimamente adoptadas pelo Jockey Club em relação ao augmento dos premios para animais importados de 1º de maio em deante. Algumas encomendas que estavam em projeto foram ultimadas, tendo apparecido outras novas para acquisição de animais platinos e inglezes, que ainda correrão este anno.

● **O HOMEM MAIS ALTO DO MUNDO**

Exhibe-se actualmente num café concerto de Londres o homem mais alto do mundo, um russo chamado Machnow. Tem 23 annos apenas e mede, descalço, 9 pés e seis pollegadas, isto é, um pouco mais de tres metros.

Esse homem phenomeno come em cada uma das tres refeições diarias tres libras de carne, cinco libras de batatas e uma omelette na composição da qual entram doze ovos.

Bebe ordinariamente duas garrafas de vinho ou quatro cervejas ao almoço e outras tantas ao jantar.

★

● **NA DELEGACIA:**

— Para que roubou o senhor aquella garrafa de aguardente?

— Afim de ganhar coragem para roubar as outras.

● **CONVITE**

— Não se esqueça de nos fazer uma visita.

— A que horas costumam jantar?

— Sempre às sete horas. Teremos prazer em recebel-o às nove. Mas não se esqueça da hora.



O governador Clóvis Salgado quando prestava o compromisso constitucional perante a Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais.

ACONTECIMENTO diretamente ligado ao problema sucessório, a mudança do govêrno mineiro foi um fato culminante no panorama político brasileiro da atualidade. A desincompatibilização do Sr. Juscelino Kubitschek, sucedida no dia firmemente anunciado pelo candidato do P.S.D. à Presidência da República, levou à chefia do Govêrno de Minas o Sr. Clóvis Salgado, figura exponencial do Partido Republicano, eleito pela mesma coligação de partidos que levou ao poder, em 1950, o governador que deixou o cargo a 31 de março último. A posse do novo mandatário do Palácio da Liberdade revestiu-se de características incomuns, transformando-se numa verdadeira consagração aos dois eminentes homens públicos das alterosas. Sentiu aí o Sr. Clóvis Salgado a calorosa acolhida do povo montanhês, galgando o alto pôsto em meio ao aplauso unânime dos seus coestaduanos, que no mesmo passo prestavam ao antigo governante a mais justa das homenagens. Registrando o fato, fazemo-lo com a certeza de que está o povo mineiro conduzido nestes dias tormentosos e incertos pelo pulso firme e sereno de um verdadeiro representante das melhores tradições políticas de Minas.



O NOVO GOVÊRNO DE MINAS

Reportagem de ADALBERTO MENDES



A espôsa do novo chefe do govêrno mineiro, sra. Lia Salgado, cercada por numerosas damas da sociedade mineira., na recepção que o casal Clóvis Salgado ofereceu na noite de 31 de março.

O BRASIL CONQUISTOU NO MÉXICO O MELHOR TÍTULO

"A EMBAIXADA DA SIMPATIA"

EM QUALQUER CONFRONTO, SENTÍAMOS O CALOR DA TORCIDA ASTECA ★ «BRASIL-BRASILEÑO», UMA FRASE QUE SOOU DOCEMENTE EM NOSSOS OUVIDOS CÊRCA DE UM MÊS ★ ELOGIOS AO «CHARME», AO «GEITINHO» DE ANDAR DAS NOSSAS «GUAPAS» QUE NEM PARECIAM ATLETAS... ★ TROCARAM-SE ESCUDOS, FLÂMULAS E MOEDAS AOS MILHARES ★ O RIO CONHECERÁ O ELETRIZANTE «CHÁ-CHÁ-CHÁ ★ UM PAULISTA, TÉCNICO NA VENEZUELA QUE NÃO VEM AO BRASIL HÁ NOVE ANOS

Reportagem de JAYME MORAES (Especial para REVISTA DA SEMANA)

MÉXICO — O MELHOR título já conquistado por uma delegação atlética, dentre as que participaram dos II Jogos Pan-Americanos do México, inegàvelmente pertence ao Brasil. A crônica, o povo asteca, não esconderam a simpatia que lhes despertou a nossa representação, sempre em foco nos comentários dos principais órgãos da imprensa local.

A nossa maior glória, indiscutivelmente, está traduzida num galardão inigualável que, apesar dos pesares ajustou-se perfeitamente sob a denominação de «A Embaixada da Simpatia».

Devemo-lo, em grande parte, à conduta dos nossos atletas, exemplar de um modo geral, muito embora tenha sofrido alguns arranhões por parte do reduzido número de elementos, incapazes de manter um pouco do verniz educacional que lhes foi ministrado em casa, na infância. Felizmente, êsses incidentes não chegaram a afetar o nosso prestígio e, dêle tivemos ciência quando do encontro masculino de basquetebol entre a nossa equipe e a da Argentina. A nossa vitória sôbre o valoroso quadro portenho foi estimulada unânimemente por mais de 30 mil mexicanos. Foi um espetáculo que dificilmente esqueceremos.

Onde estivesse uma equipe brasileira em confronto com qualquer adversário, os astecas não escondiam suas simpatias pelas côres verde-amarelo. E, quando disputávamos com o próprio México, sentíamos a delicadeza da sua torcida.

Durante um mês aproximadamente, uma frase cantou em nossos ouvidos, carinhosamente. «Brasil-Brasileño», diziam-nos os mexicanos quando divisavam a modesta identificação dos nossos uniformes.

As garôtas brasileiras muitas vêzes viram-se em palpos de aranha. Eram cercadas, com todo o carinho e respeito pelos atletas e estudantes astecas, bem como de outras delegações, inclusive centro-americanas. Cavalheirescamente elogiavam o tradicional «charme» das «guapas brasileñas», que nos momentos oportunos sabiam apresentar seus elegantes trajes e vistosos «shorts», bem como ostentar aquêle «geitinho» inconfundível do seu andar...

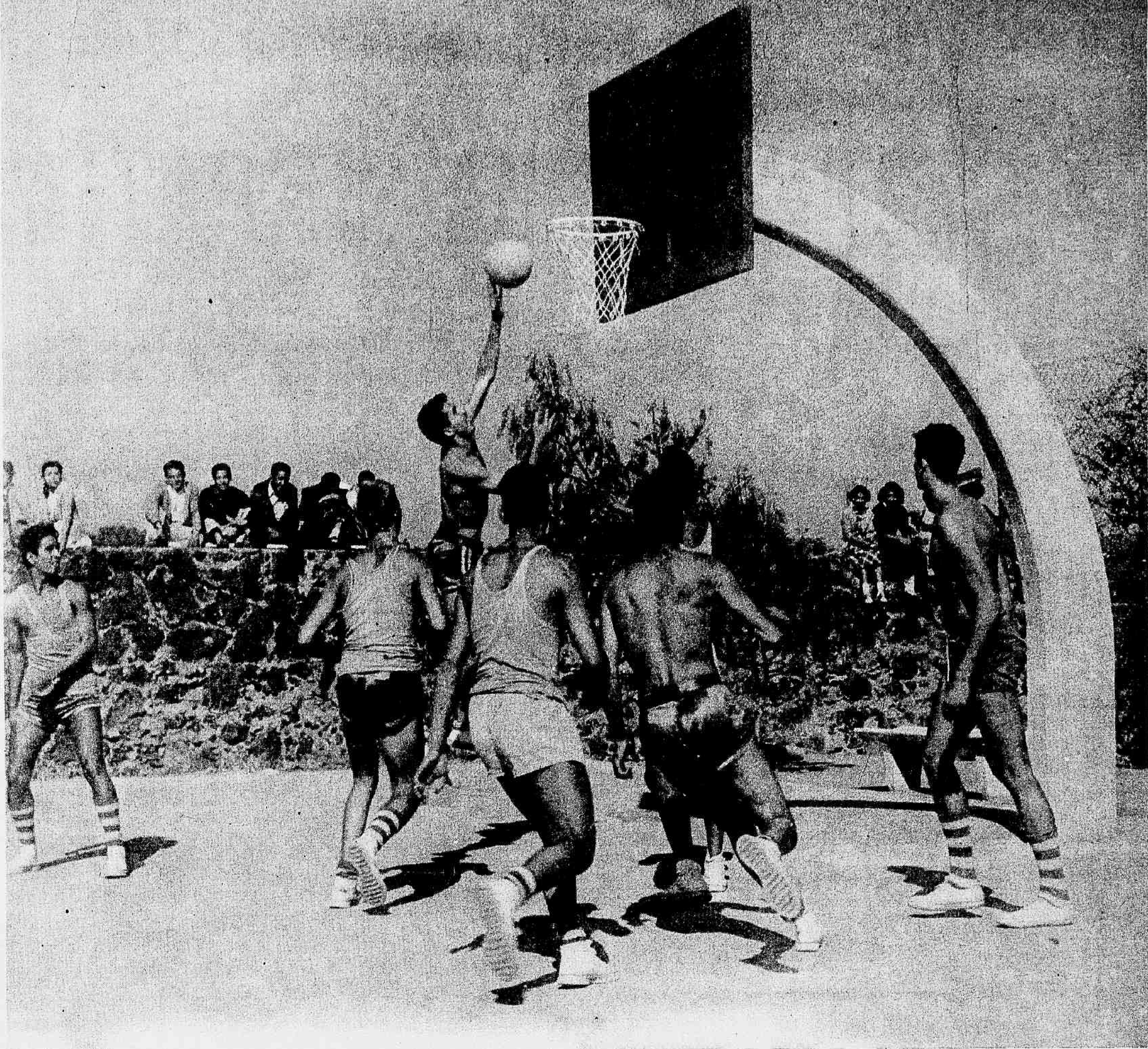
Na Cidade Universitária, onde estava localizada a Vila Olímpica, não raro encontrávamos um numeroso grupo, e, no centro, algumas brasileiras. Geralmente eram jovens estudantes mexicanos que demonstravam invúlgar interêsse pelo nosso país, costumes e idioma. Queriam e pediam insistentemente para ouvir o «brasileño», cuja popularidade atingia um alto grau.

No convívio ordeiro, atraente e alegre da magnífica Cidade Universitária, viemos a sentir a necessidade da realização dos Jogos Pan-Americanos e de outras festas semelhantes, com maior regularidade. Além do espanhol, outros idiomas, e até mesmo dialetos não constituíam impecilhos para uma aproximação, onde até mesmo a mímica, não raras vêzes entrava em cena. Era o esporte unindo os povos, numa camaradagem sem fronteiras ou preconceitos, num ambiente onde se desconhecia política, a intensidade da guerra fria, as últimas descobertas de caráter atômico.

Flâmulas aos milhares eram trocadas, escudos os mais diferentes e até mesmo moedas. Diga-se de passagem que, as mais raras e procuradas eram as nossas. Viajámos desprevenidos e desconhecíamos o alto grau de interêsse dos mexicanos por qualquer «souvenir» que pudéssemos ofertar-lhes. As «Japonêsas» (nota de um



TAMBÉM AOS NADADORES FALTOU «GÁS» — Alguns, como João Gonçalves, que se vê no flagrante acompanhado de Sílvio Kelly e Orlanda Vergara, fizeram melhor tempo nas eliminatórias que o registrado pelo ganhador da prova.



A MELHOR CAMPANHA DEPOIS DE GUAIAQUIL, segundo o técnico Simões, foi desenvolvida agora no México pelos nossos rapazes de basquetebol. Tiveram mais sorte que as moças, jogaram apenas um turno. Flagrante de um treinamento na quadra aberta da Vila Olímpica.



O RIO CONHECERÁ O «Chá-Chá-Chá», e Victor Manuel Hernandez, de Cuba, 3º pan-americano em salto-triplo, adversário de Ademar, ensaia para um flagrante os primeiros passos da eletrizante melodia, sob os aplausos dos colegas.



A «LOURINHA» (Eugênia) e «COMPRIDINHA» (Marlene), ambas do basquetebol trocam flâmulas com os simpáticos e delicados estudantes mexicanos da Cidade Universitária.



OS NOIVOS ATLETAS, Edgar Freire um dos melhores fundistas, vai agora casar-se com Daisy Jordelina de Castro, vice-campeã pan-americana de salto em altura. No México formavam outro par simpático.



O SAMBA ESTÊVE PRESENTE NO MÉXICO. Ademar, o campeão mundial do salto-triplo dedilha o «pinho», Teles da Conceição vibra o pandeiro e A. Roque marca o compasso no tamborim.



PAULISTA QUATROCENTÃO, o ex-lutador patrício (à esq.) Vemo-lo em companhia dos seus pupilos Anwed se encontra há nove anos fora do país. venezuelanos, campeões de luta-livre olímpica.

cruzeiro) correram a Vila Olímpica de mão em mão contendo autógrafos de nossos atletas.

O RIO CONHECERÁ O «CHÁ-CHÁ-CHÁ»

Merece um registro destacado o intercâmbio musical. Tínhamos um conjunto típico, dentre cujos figurantes salientavam-se o campeoníssimo Ademar Ferreira da Silva, exímio no violão, o Teles da Conceição, no pandeiro e Argemiro Roque, no tamborim.

De vez em quando a turma entrava em «execução» e, não poucas vêzes, fomos encontrar nas imediações do «comedor» (refeitório) a disciplinada e boa rapaziada do box, cantando para os estudantes mexicanos, as nossas últimas criações. Depois eram êstes que, em côro, exibiam suas maravilhosas melodias, não as que estamos acostumados a escutar, as de Agustin Lara e outros conhecidos compositores, mas, aquelas que são interpretadas nos pequenos povoados, oriundas do puro folclore asteca, que já estávamos acostumados a aplaudir com entusiasmo, quando interpretadas no auditório da Vila Olímpica, por um magnífico conjunto mexicano, «Los Coyotes».

No México, fomos ainda conhecer outra melodia, que muito bem aceita aliás, e que, brevemente o Rio também estará cantando. Trata-se de um novo ritmo, cubano por excelência, o «Chá-Chá-Chá».

Lançado pela Orquestra Pan-Americana, teve êxito absoluto e, dada a característica de sua composição e dança, mexe com os nervos da gente, pode-se prever idêntico sucesso nesta capital.

TÉCNICOS BRASILEIROS NA VENEZUELA

E foi ainda em plena capital mexicana, que fomos encontrar inesperadamente dois técnicos brasileiros, Fantoni (futebol) e Heney Anwed (luta-livre olímpica), dirigindo equipes da Venezuela.

O segundo dêles, tem uma longa história. Saiu do Brasil há nove anos, deixando os pais em São Paulo, seu Estado natal. Estêve no Peru, Colômbia e Equador, onde fundou academias de luta-livre olímpica, o mesmo acontecendo mais tarde em Caracas, onde se encontra nestes últimos seis anos. Seus pupilos possuem vários títulos, inclusive dos jogos centro-americanos e venezuelanos.

Heney é instrutor de luta-livre olímpica e ginástica na Guarda Nacional, Escolas de Cadetes, Militar e Polícia Civil. É ainda o Diretor Técnico da Federação de Caracas, da qual é, aliás, o fundador. Ocupa o cargo de instrutor chefe de luta-livre olímpica no Instituto Nacional de Desportos, apresentando também programas de rádio e televisão, com aulas de educação física. Apesar de muito bem amparado e estimado na Venezuela, Heney Anwed, a um contacto mais íntimo com os brasileiros, segredou-nos, em determinada ocasião, com um olhar significativo e nostálgico, apontando para o coração: «saudade aqui é mato»...

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SAO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

REVISTA DA SEMANA

ANO 55 — Nº 17 — Rio de Janeiro — 23-4-55

Propriedade da
Companhia Editôra Americana
Diretor-Presidente.......................Gratuliano Brito
Diretor-Comercial.......................Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.......................Wenceslau Quintais
Redatores e corretores...S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega
ENDEREÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.
Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

A FIGURA EM FOCO



J. K.

Juscelino
Bem ladino
Ao Catete quer chegar
Outros brigam
Ou se intrigam
E êle, calmo, a navegar.

FORTUNA (sem um assunto) APRESENTA ASSUNTOS



— É por isso que eu digo: o nosso «café society» está ficando muito «café com leite society».

DIVERSOS

QUIROMANTE



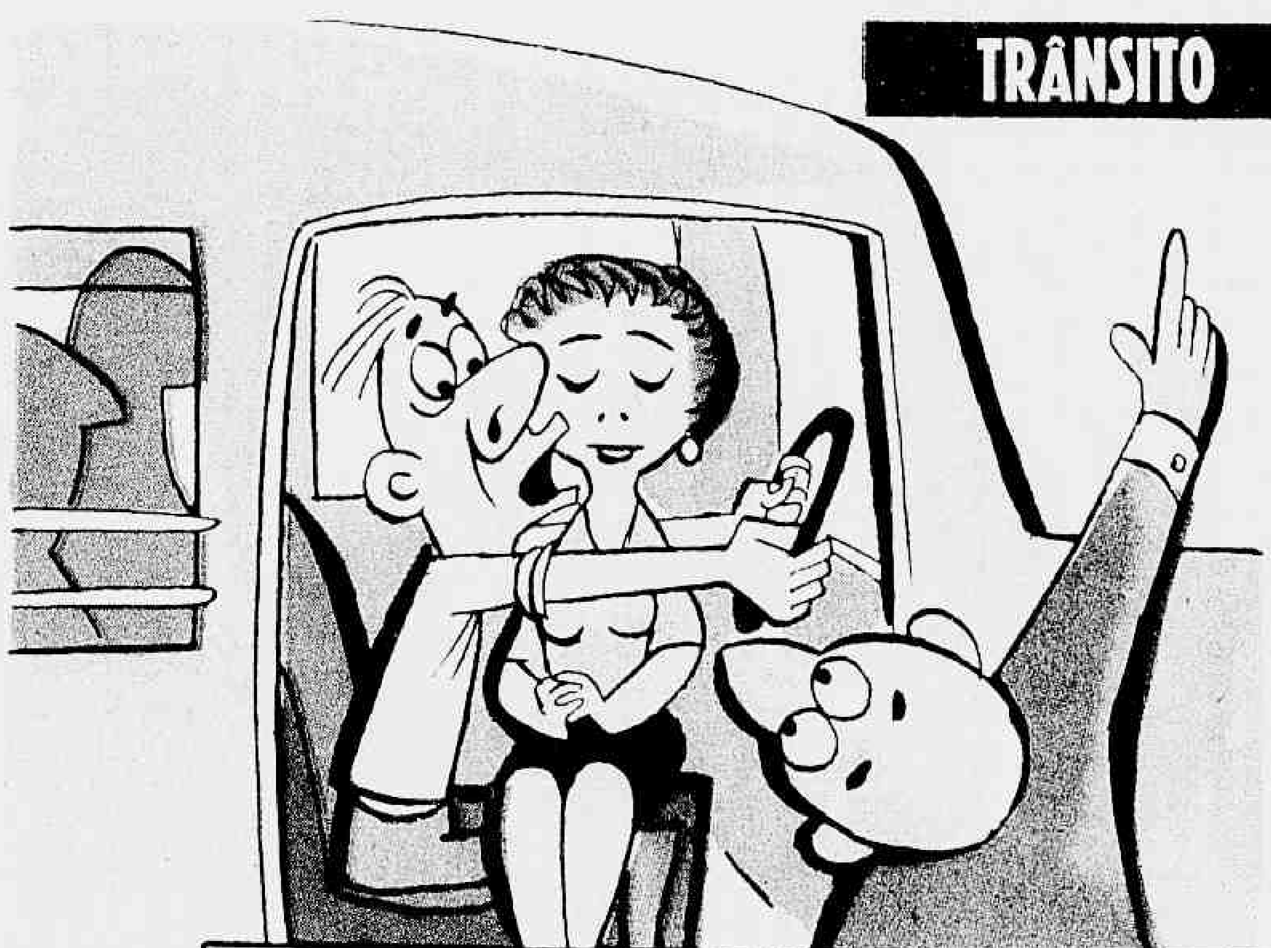
— Não feche a luz. Você sabe que gosto de ler um pouco antes de dormir.

EDITOR



— Pronto: aqui estão os originais do meu «Novo Dicionário de Algibeira».

TRÂNSITO



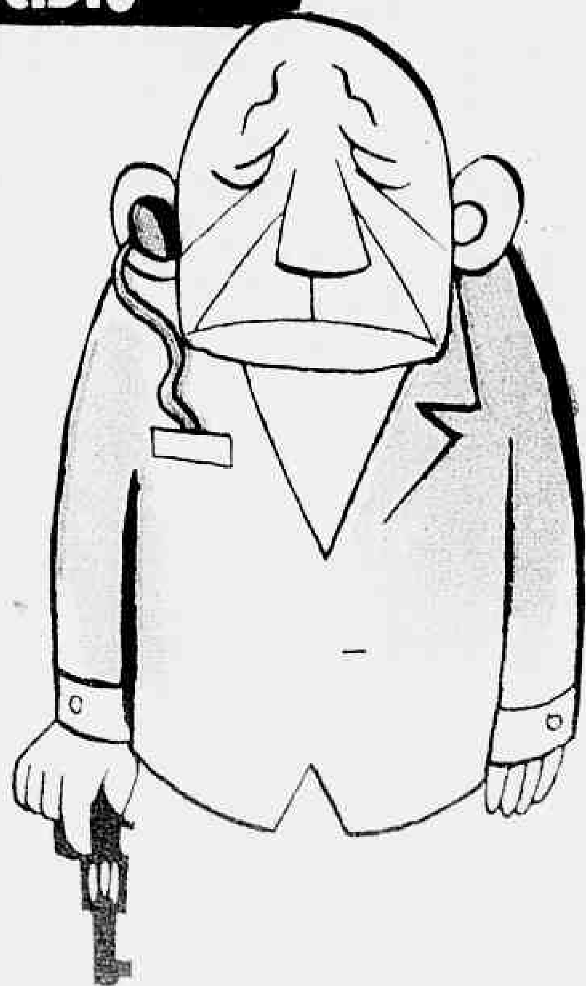
— Desculpe, lotação esgotada!

CINEMA



— Ôba, agora êle está dando uma gravata! Castiga, mocinho!

SUICÍDIO









Ótima idéia!

também passei a fumar Hollywood!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood



uma tradição de bom gôsto

H-88.289

UM PRODUTO SOUZA CRUZ